



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – PPGS

WASHINGTON DE ARAÚJO SILVA

MERCADO RELIGIOSO E NEOPENTECOSTALISMO: uma análise do crescimento da Igreja Evangélica Nova Aliança em Imperatriz- MA

IMPERATRIZ
2024

WASHINGTON DE ARAÚJO SILVA

MERCADO RELIGIOSO E NEOPENTECOSTALISMO: uma análise do crescimento da Igreja Evangélica Nova Aliança em Imperatriz- MA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Linha de pesquisa: Instituições, construção e reprodução social das diferenças: educação, poder, sociabilidades, ações coletivas, e representações sociais.

Orientador: Prof. Dr. Gamaliel da Silva Carreiro

IMPERATRIZ
2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva, Washington de Araújo.

Mercado religioso e neopentecostalismo: uma análise do crescimento da Igreja Evangélica Nova Aliança em Imperatriz- MA / Washington de Araújo Silva. - 2024.
161 p.

Orientador(a): Gamaliel da Silva Carreiro.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Sociologia/ccim, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2024.

1. Mercado Religioso. 2. Neopentecostalismo. 3. Igreja Evangélica Nova Aliança. 4. Gestão Organizacional. 5. Trabalho Religioso. I. Carreiro, Gamaliel da Silva. II. Título.

WASHINGTON DE ARAÚJO SILVA

MERCADO RELIGIOSO E NEOPENTECOSTALISMO: uma análise do crescimento da Igreja Evangélica Nova Aliança em Imperatriz- MA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovado em: ____/____/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gamaliel da Silva Carreiro (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA/PPGS

Prof. Dr. Wheriston Silva Neris (Membro interno)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA/PPGS

Prof. Dr. Lemuel Dourado Guerra (Membro externo)
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/PPGCS

Prof. Dr. José Roberto Alves Loiola (Membro externo)
Universidade Estadual Paulista – SEDF

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto de um esforço conjunto, no qual diversas pessoas e instituições contribuíram direta ou indiretamente.

Agradeço, em primeiro lugar, ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (PPGS-UFMA) e ao seu quadro de professores, em especial aos atuais coordenadores, professora Karina Sousa e professor Wellington Conceição.

Sou grato à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos, o que possibilitou minha dedicação integral à pesquisa.

Minha gratidão ao professor Jesus Marmanillo por sua contribuição à Universidade Federal do Maranhão e importante atuação no curso de Ciências Humanas - Sociologia e no PPGS-UFMA.

À professora Vanda Pantoja, expresso minha admiração por sua dedicação à formação de novos professores e pesquisadores, tanto na graduação quanto no PPGS-UFMA.

Aos discentes da quarta turma do mestrado em Sociologia, agradeço imensamente pelos momentos de aprendizado e pelas enriquecedoras conversas. Levarei para sempre as experiências que compartilhamos.

Agradeço de forma especial a todos os membros do grupo de pesquisa MensMemini. Em particular, gostaria de mencionar meus colegas Anderson, Polyana e Bezaliel, com quem tenho a honra de colaborar em pesquisas acadêmicas e com quem tive a oportunidade de apresentar trabalhos em eventos científicos.

Aos coordenadores do MensMemini, professor Agnaldo Silva, meu orientador na graduação, e pessoa com quem iniciei minha trajetória como pesquisador. Ao professor Salvador Tavares, de quem fui aluno na graduação; e ao professor Rogério Veras, que participou de todas as etapas da minha vida acadêmica, sendo muito importante em meu processo de formação.

Agradeço ao meu orientador, Professor Dr. Gamaliel Carreiro, por ter aceito este desafio comigo. Desde o nosso primeiro encontro, suas valiosas orientações, conselhos e sugestões de leitura foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho. Sou grato por tudo que aprendi durante esses dois anos de orientação, o que levarei comigo para sempre.

Agradeço aos membros da banca examinadora: ao professor Dr. Lemuel Guerra pela leitura deste trabalho e considerações feitas durante sua produção; ao professor Dr. Roberto

Loiola e ao professor Dr. Wheriston Neres, cujas considerações foram importantíssimas para a finalização desta dissertação.

Sou profundamente grato a minha família, em especial ao meu pai, Josimar Santana, e minha mãe, Maria de Araújo. Mesmo me proporcionado uma vida e educação simples, dentro de suas possibilidades, sem os seus esforços jamais teria chegado até aqui.

Agradeço imensamente à Larissa Lima, alguém por quem tenho muito amor e carinho. Sou grato por sua presença nos momentos importantes da minha vida e por ter me acompanhado em algumas visitas que realizei à Igreja Evangélica Nova Aliança.

Sou imensamente grato a meus amigos, em especial a George, Jairo, Luciano, Jônata, Jucileide, William Carvalho, William Santos e Gleydson, pelo apoio que me dispensaram nos momentos mais desafiadores de minha vida.

A todos os meus interlocutores membros da Igreja Evangélica Nova Aliança pelas conversas e entrevistas realizadas. Certamente a colaboração de vocês foi importantíssima para a produção deste trabalho. Muito obrigado pela ajuda e confiança.

Por fim, agradeço a Deus pela oportunidade de compartilhar a beleza e a complexidade da existência.

“O rezador apresenta ao deus os serviços prestados, esperando contraprestações correspondentes” (WEBER, 2000, 292).

RESUMO

Nesta pesquisa, analiso o crescimento da Igreja Evangélica Nova Aliança de Imperatriz, Maranhão. O interesse por essa investigação originou-se da constatação de que nos últimos vinte anos, o cenário evangélico desta cidade apresentou significativas mudanças decorrentes da estruturação das igrejas neopentecostais em células, que iniciaram suas atividades entre fim dos anos de 1990 e início dos anos 2000. A Igreja Evangélica Nova Aliança, fundada em julho de 2005, tem sido uma das responsáveis por modificar esse cenário mediante a implementação de mudanças no âmbito das práticas e da oferta religiosa, contribuindo assim para acirrar a concorrência no mercado religioso local. A questão principal que norteia esta pesquisa é: como ocorre o crescimento da Igreja Evangélica Nova Aliança na cidade de Imperatriz? Partindo desse questionamento, ao longo da reflexão, sustenta-se que o crescimento dessa agência religiosa ocorre em meio a um sistema de concorrência do campo evangélico nacional e, sobretudo local, com impactos direto no modelo de gestão organizacional e trabalho religioso dessa igreja. O desenvolvimento do raciocínio é fundamentado teoricamente no conceito de racionalização religiosa de Weber (2000; 2004) e Bourdieu (2007); e na teoria do mercado religioso desenvolvida por Berger (1984; 2017); Stark (2004); Stark e Bainbridge (2008) e Stark e Iannaccone (1994). A metodologia utilizada teve um caráter qualitativo. Dessa forma realizamos observação participante para visualizarmos in loco as práticas e representações da instituição. Também, para obtenção de maiores informações, recorreremos a sites, perfis em redes sociais, livros e materiais didáticos de cursos ofertados pela igreja, além da realização de entrevistas semiestruturadas. Os resultados mostraram que o crescimento dessa instituição ocorre em virtude da existência de uma demanda religiosa que ela consegue atender através da implementação de um modelo de gestão e trabalho religioso que lhe possibilita ofertar conteúdos e produtos religiosos conforme a necessidade desses consumidores. Por fim, através desta pesquisa buscou-se contribuir com a compreensão dos processos que envolvem a reprodução do fenômeno religioso e a reestruturação do mercado evangélico neopentecostal da cidade de Imperatriz - MA.

Palavras-chave: Mercado religioso; Neopentecostalismo; Igreja Evangélica Nova Aliança; Gestão organizacional; Trabalho religioso.

ABSTRACT

This research analyzes the growth of the Igreja Evangélica Nova Aliança (New Covenant Evangelical Church) in Imperatriz, state of Maranhão, Brazil. The interest in this research originated from the observation that in the last twenty years, the evangelical landscape of this city has undergone significant changes due to the structuring of neo-Pentecostal churches into cells, which began their activities between the late 1990s and early 2000s. The Igreja Evangélica Nova Aliança, founded in July 2005, has been one of the churches responsible for modifying this scenario through the implementation of changes in the scope of religious practices and offerings, thus contributing to intensifying competition in the local religious market. The main question that guides this research is: how does the growth of the Igreja Evangélica Nova Aliança occur in the city of Imperatriz? Based on this question, during the reflection, it is argued that the growth of this religious agency occurs in the midst of a competition system in the national and, above all, local evangelical field, with direct impacts on the organizational management model and religious work of this church. The development of the reasoning is theoretically based on the concept of religious rationalization by Weber (2000; 2004) and Bourdieu (2007); and on the theory of the religious market developed by Berger (1984; 2017); Stark (2004); Stark and Bainbridge (2008) and Stark and Iannaccone (1994). The methodology used was qualitative in nature. Thus, we did in-person observation to visualize the practices and representations of the institution in loco. Also, to obtain more information, we used websites, social media profiles, books and teaching materials of courses offered by the church, in addition we conducted semi-structured interviews. The results showed that the growth of this institution occurs due to the existence of a religious demand that it manages to meet through the implementation of a management and religious work model that allows it to offer religious content and products according to the needs of the consumers. Finally, through this research, we sought to contribute to the understanding of the processes that involve the reproduction of the religious phenomenon and the restructuring of the neopentecostal evangelical market in the city of Imperatriz - MA.

Keywords: Religious market. Neo-Pentecostalism. New Covenant Evangelical Church. Organizational management. Religious work.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAPS	- Centro de Atendimento Psicossocial
CAPES	-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CTs	- Comunidades Terapêuticas
CONFENACT	- Confederação Nacional de Comunidades Terapêuticas
CCB	- Convenção Batista Brasileira
CCC 1	- Curso de Crescimento Cristão 1
CCC 2	- Curso de Crescimento Cristão 2
DEPAD	- Departamento de Entidades de Apoio e Acolhimento Atuantes em
Álcool e Drogas	
EIFOL	- Escola Integral para Formação de Libertadores
FENACT	- Federação Nacional de Comunidade Terapêutica Espiritualidade e
Ciência	
FUNCAD	- Fundação de Assistência à Criança e ao Adolescente
G12	- Governo dos 12
IEADI	- Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Imperatriz
IENA	- Igreja Evangélica Nova Aliança
IIGD	- Igreja Internacional da Graça de Deus
IMPD	- Igreja Mundial do Poder de Deus
INSEJEC	- Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo
IURD	- Igreja Universal do Reino de Deus
IDH	- Índice de Desenvolvimento Humano
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ILA	- Instituto Lugar de Ajuda
JOCUM	- Jovens com uma Missão
MAPVE	- Ministério Apostólico- Profético Vida e Edificação
MDS	- Ministério do Desenvolvimento Social
MIR	- Ministério Internacional da Restauração
MINA	- Missões Nova Aliança
MDA	- Modelo de Discipulado Apostólico

M12	- Modelo dos 12
MIC	- Movimento de Igreja em Células
PIBI	- Primeira Igreja Batista de Imperatriz
PIB	- Produto Interno Bruto
PROMIC	- Projeto Missão Criança
SILCI	- Seminário Intensivo de Libertação e Cura Interior
STBNB	- Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Crescimento populacional do município de Imperatriz entre 1950 a 2010.....	60
Tabela 2 - População religiosa do município de Imperatriz entre 1950 a 2010	67
Tabela 3- Cronograma de culto da Igreja Nova Aliança Ágape.....	83
Tabela 4- Rede de igrejas Nova Aliança em Imperatriz- MA	126

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Ciclo do discipulado na IENA	80
Gráfico 2 - Estrutura hierárquica da IENA.....	92
Gráfico 3 - Estrutura organizacional da Nova Aliança Global.....	95
Gráfico 4 - Departamentalização da Igreja Nova Aliança Ágape	96
Gráfico 5 - Trajetória de formação ministerial na IENA.....	99

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Pastor Raimundo Nonato e pastora Maria de Jesus.....	76
Figura 3 - Projetos sociais do Instituto Lugar de Ajuda.....	115

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
Metodologia e relatos da pesquisa de campo	20
CAPÍTULO 1 - O MERCADO RELIGIOSO EM DEBATE: ELEMENTOS TEÓRICOS E HISTÓRICOS	24
1.1 Religião e racionalização.....	24
1.2 Pluralismo e mercado religioso em Peter Berger	29
1.3 O novo paradigma do mercado religioso: a teoria da escolha racional e a religião como sistema de compensadores.....	34
1.4 O mercado religioso brasileiro: do fim no monopólio Católico à consolidação da liberdade religiosa e do pluralismo	42
CAPÍTULO 2 - O MERCADO RELIGIOSO DE IMPERATRIZ- MA E A FUNDAÇÃO DA IGREJA EVANGÉLICA NOVA ALIANÇA.....	58
2.1 A cidade de Imperatriz: do rural ao urbano	58
2.2 O mercado religioso de Imperatriz	63
2.3 Origem e fundação da Igreja Evangélica Nova Aliança (IENA)	72
CAPÍTULO 3 - GESTÃO ORGANIZACIONAL E TRABALHO RELIGIOSO: A SOCIODINÂMICA DO CRESCIMENTO DA IGREJA EVANGÉLICA NOVA ALIANÇA	87
3.1 Missão, visão e valores da Igreja Evangélica Nova Aliança.....	87
3.2 A estrutura organizacional da Igreja Evangélica Nova Aliança.....	89
3.3 Frentes de trabalho da Igreja Evangélica Nova Aliança.....	103
3.4 A Igreja Evangélica Nova Aliança e o campo político	117
3.5 A oferta religiosa e o crescimento da Igreja Evangélica Nova Aliança	120
3.6 A primeira cisão da IENA: o desmembramento da Igreja Evangélica Nova Aliança Esperança.....	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	134
REFERÊNCIAS	140
ANEXOS	145

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como ponto de partida a constatação de que, nos últimos vinte anos, o cenário evangélico de Imperatriz apresentou significativas mudanças. Entre os indicadores dessas modificações está o surgimento de novas igrejas evangélicas que iniciaram suas atividades entre fim dos anos de 1990 e início dos anos 2000.

Atuando em meio a muitas outras instituições evangélicas, essas igrejas foram responsáveis por implementar importantes mudanças no âmbito das crenças e práticas religiosas e contribuíram para acirrar ainda mais a disputa no campo religioso¹ de Imperatriz.

Das organizações evangélicas que surgiram nesse período, o caso da Igreja Evangélica Nova Aliança (IENA)² se destaca. Sua fundação ocorreu em julho de 2005, após uma cisão da Primeira Igreja Batista de Imperatriz (PIBI), que por não concordar com certas inovações promovidas por seu líder, pastor Raimundo Nonato, o destituiu da posição de pastor da igreja.

Após seu desligamento da Primeira Igreja Batista e apoiado por um grupo de seguidores que também deixaram a instituição, o pastor Raimundo Nonato fundou a Igreja Batista Nova Aliança, que posteriormente teve seu nome alterado para Igreja Evangélica Nova Aliança.

Ao longo de quase duas décadas, a IENA se estruturou e experimentou um grande crescimento, especialmente em Imperatriz, onde possui diversos templos religiosos distribuídos em vários bairros. Condição que a colocou em uma posição de destaque entre as organizações evangélicas da cidade. Seu crescimento, entretanto, vai além das fronteiras de Imperatriz, e ocorre também em outras cidades da região tocantina, bem como outros estados e países.

Em Imperatriz a principal dessas igrejas é a igreja matriz Nova Aliança Ágape, localizada na rua Benedito Leite, Centro. Desde sua fundação está sob a gestão de Raimundo Nonato de Oliveira Lopes, pastor sênior da rede de igrejas Nova Aliança.

Na Igreja Nova Aliança Ágape, além dos cultos semanais, que geralmente ocorrem na quarta-feira, no sábado e no domingo, também são realizados os principais eventos da rede de igrejas da IENA, como conferências, seminários, congressos, *workshops* e vários outros eventos.

¹ De acordo com Bourdieu campo religioso é definido como um “espaço no qual agentes que é preciso definir (padre, profeta, feiticeiro, etc.) lutam pela imposição da definição legítima não só do religioso, mas também das diferentes maneiras de desempenhar o papel religioso” (BOURDIEU, 2004, p. 120).

² Nesta dissertação quase sempre usaremos a abreviação IENA como referência a Igreja Evangélica Nova Aliança. O termo já foi usado na pesquisa de Silva (2022) que tratou sobre a fisionomia político-eclesial da Igreja Nova Aliança na eleição presidencial de 2018. A expressão é usada também pela instituição e reflete o que consta nos seus registros oficiais e no cadastro nacional de pessoa jurídica (CNPJ), onde ela está registrada como Igreja Evangélica Nova Aliança.

Dentre os fatores que contribuíram para que a IENA se tornasse uma importante organização no campo religioso de Imperatriz, destacam-se: a renovação das atividades litúrgicas no meio evangélico; a implantação de novos métodos de evangelização, crescimento e multiplicação de igreja; a inovação no âmbito da gestão eclesial e organizacional; e a implementação de ofertas religiosas com discursos, crenças e práticas ressignificadas.

Manifestei o interesse em analisar o trabalho religioso da IENA mediante a constatação do seu expressivo crescimento e atuação como agente de reordenamento do mercado evangélico neopentecostal da cidade de Imperatriz.

A questão central que se coloca é: como ocorre o crescimento da Igreja Evangélica Nova Aliança no mercado religioso de Imperatriz? O conceito de crescimento destacado nesse problema é entendido como processo social, cuja dinâmica acontece através do trabalho religioso desta igreja, e sob a influência do espaço de relações sociais em que ela está inserida, ou seja: o campo religioso brasileiro com seu dinâmico e competitivo mercado.

No que diz respeito ao segmento religioso, a IENA faz parte do rol de igrejas pertencentes ao multifacetado neopentecostalismo, que surgiu no fim da década de 1970 por meio das igrejas Universal do Reino de Deus (IURD), fundada em 1977, e Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), fundada em 1980. Ambas são consideradas as pioneiras e principais disseminadoras dos discursos e das práticas neopentecostais.

Também fazem parte desse segmento: a Igreja Renascer em Cristo (1986), de São Paulo, e a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1992), de Brasília. Para Almeida Júnior (2008) e Loiola (2020) o surgimento dessas duas igrejas contribuíram para implementação de importantes mudanças no neopentecostalismo, resultando em um moderado distanciamento das práticas religiosas das igrejas Universal do Reino de Deus e Internacional da Graça de Deus.

A origem, o crescimento e a estruturação organizacional da IENA ocorreram, portanto, em um contexto de relevantes modificações do neopentecostalismo brasileiro, favorecido, sobretudo, pela consolidação do pluralismo religioso. Na cidade de Imperatriz, essa pluralização do mercado religioso teve início a partir da década de 1950, quando a cidade passou por mudanças estruturais.

O surgimento das igrejas em células em Imperatriz, no entanto, teve início somente a partir dos anos 2000. Processo que ocorreu através da estruturação de comunidades autóctones que aderiram ao sistema da visão celular de crescimento e foram pioneiras na implementação desse sistema no mercado religioso local.

A Igreja Evangélica Nova Aliança, se destaca como a maior representante desse movimento na cidade. A análise que fazemos do trabalho desta firma religiosa abrange um recorte temporal que vai do seu surgimento em 2005, até o ano de 2024, quando celebrou 19 anos de fundação.

O fator principal que justifica a produção desta pesquisa é a intenção de contribuir para a compreensão dos processos que envolvem a reestruturação do mercado evangélico neopentecostal da cidade de Imperatriz- MA.

Considerando as informações apresentadas, o objetivo geral deste trabalho é analisar a gestão organizacional, o trabalho religioso e o crescimento da Igreja Evangélica Nova Aliança no mercado religioso de Imperatriz- MA.

Os objetivos específicos que norteiam essa pesquisa são: a) apresentar os elementos teóricos e históricos que fundamentam nossa compreensão do fenômeno religioso; b) dissertar sobre mercado religioso de Imperatriz- MA e a origem da Igreja Evangélica Nova Aliança; c) analisar elementos e aspectos da gestão organizacional e do trabalho religioso da Igreja Evangélica Nova Aliança, relacionando-os com seu crescimento.

O propósito desta dissertação, manifesto em sua problemática, justificativa e objetivos, dialoga com a compreensão sociológica da religião como um sistema sociocultural cujo processo de reprodução social transcorre sob as influências das transformações estruturais das sociedades, tendo como elemento central nesse processo o trabalho das instituições religiosas.

Desse modo, sustenta-se ao longo dessa reflexão, que o processo de crescimento da Igreja Evangélica Nova Aliança ocorre em meio a um sistema de concorrência do campo evangélico nacional e, sobretudo local, com impactos diretos no trabalho religioso e na gestão das igrejas. Nesse cenário, as igrejas que não se adaptam às demandas desse concorrido mercado tendem a perder espaço, enquanto as mais adaptadas a obter êxito no desenvolvimento de suas atividades.

Para tornar concreta as pretensões desta pesquisa, buscamos alternativas teóricas e metodológicas que viabilizassem sua. Devo dizer que se constituiu um grande desafio apresentar uma síntese geral dos conceitos e categorias que fundamentam nossa compreensão dos processos religiosos que propomos investigar.

Sem sombra de dúvidas, as múltiplas possibilidades teóricas que o campo da Sociologia nos oferece, estão entre os elementos que exigiram de nossa parte um intenso esforço, quando a questão foi escolher com quais teóricos trabalhar. De todo modo, os autores trabalhados nesta

empreitada foram selecionados de maneira criteriosa, objetivando alcançar uma articulação consistente entre a teoria, o método e a pesquisa de campo.

Para a fundamentação teórica deste trabalho, escolhemos os conceitos de racionalização religiosa e a teoria do mercado religioso, os quais se consagraram como ferramentas analíticas indispensáveis para a compreensão do fenômeno religioso na contemporaneidade.

Embora não seja necessariamente um teórico do mercado religioso, iniciamos nossas reflexões a partir de Weber (2000; 2004)³. Foi ele quem, primeiramente, estabeleceu uma leitura da relação entre religião, economia e administração, a partir das chamadas ‘afinidades eletivas’ entre essas esferas. Seus conceitos de racionalização religiosa, rotinização do carisma e burocratização religiosa contribuíram significativamente para nossa compreensão do funcionamento da religião no mundo social.

Seguimos nossa análise com Bourdieu (2007), que, em diálogo com Weber, reafirmou o conceito de racionalização religiosa, e desenvolveu outras importantes reflexões sobre o fenômeno religioso. A partir da aproximação entre religião e economia, precisamente através de sua teorização mercadológica sobre o campo religioso, Bourdieu apresentou novos elementos e conceitos para a compreensão daquilo que ele chamou de ‘mercado de bens de salvação’ ou ‘mercado de bens religiosos’.

Na produção de uma teoria do mercado religioso, o “primeiro paradigma” foi formulado por Berger (1985; 2017). Esse autor defende a ideia de que o processo de pluralização do mundo moderno contribuiu para a emergência e consolidação do mercado religioso ocidental.

Berger (*idem*) entende que a religião, tendo ao longo dos séculos funcionado como um sistema de plausibilização do mundo, vai se tornando um produto vendido pelas agências de mercado (igrejas e demais organizações religiosas), podendo ser escolhida conforme o gosto do consumidor, que não mais se filia a religiões por imposição e sim por escolha.

Um novo paradigma da teoria do mercado religioso foi formulado por Rodney Stark, através da obra “Uma teoria da religião” (2008), publicada em parceria com William Bainbridge. No núcleo da teoria está a noção de que os seres humanos buscam o que percebem ser recompensas e evitam o que consideram custos. Condição que lhes permite agir racionalmente em suas escolhas, inclusive nas religiosas.

³ Weber não é considerado um teórico do mercado religioso. Entretanto, esse autor não deixa de reconhecer a relação de troca existente entre os deuses e os seres humanos: “O rezador apresenta ao deus os serviços prestados, esperando contraprestações correspondentes” (WEBER, 2000, 292).

A analítica proposta por esses autores é conhecida como a teoria da escolha racional da religião. Outras importantes categorias presentes nesta teoria são tratadas de forma mais detalhada no corpo do texto, especificamente no primeiro capítulo dessa dissertação.

Além dos autores supracitados, outros pesquisadores que fazem parte da nossa base bibliográfica são: Frigerio (2000; 2008); Guerra (2000); Carreiro (2007); Mariano (2001; 2008; 2014) e Loiola (2020). Com relação ao mercado religioso de Imperatriz e ao nosso objeto de pesquisa, considero os trabalhos de Costa (2011; 2019) e Sousa (2014) como suporte para nossa compreensão dos processos e dinâmicas que perpassam a formação do campo e do mercado religioso dessa cidade.

A presente dissertação, portanto, está situada no âmbito da sociologia da religião, em especial na tradição do pensamento sociológico que compreende o fenômeno religioso como sistema sociocultural que possui racionalidade e normatividade próprias, cujas discursos e práticas podem ser alterados conforme os interesses dos atores envolvidos no processo de produção e reprodução do religioso.

Soma-se a isto a compreensão de que os bens culturais e simbólicos também são atravessados pela lógica de mercado, a qual regula as relações entre as organizações religiosas e os consumidores dos serviços religiosos, permitindo-lhes a possibilidade de estabelecerem vínculos com organizações religiosas que considerem atenderem melhor aos seus interesses espirituais, simbólicos e materiais.

Em termos de estruturação, esta dissertação divide-se em três capítulos. O primeiro apresenta os elementos teóricos e históricos que fundamentam a pesquisa. Nele, abordo a categoria “religião” associada às noções de racionalização, burocratização e empresarização; apresento a contribuição de Berger para a teoria do mercado religioso; discorro sobre os conceitos fundamentais do denominado “novo paradigma do mercado religioso”, desenvolvido pelo grupo liderado por Stark; e, por fim, realizo uma análise sócio-histórica do mercado religioso brasileiro, em um recorte temporal que abrange desde o contexto da conquista da liberdade religiosa, no século XIX, até a consolidação de um vigoroso pluralismo religioso no Brasil.

No capítulo dois, apresento um breve panorama do desenvolvimento sócio-histórico do mercado religioso de Imperatriz- MA, mostrando como esse mercado saiu da condição de monopólio para uma situação de pluralismo religioso. Na parte final do capítulo discorro sobre o surgimento das igrejas em células, e a origem e institucionalização da Igreja Evangélica Nova Aliança. Nessa parte da pesquisa apresento também o perfil do líder e fundador IENA, o modelo

de evangelização e multiplicação de igrejas adotado por essa firma religiosa e alguns aspectos do seu trabalho litúrgico.

No terceiro e último capítulo, analiso a missão, a visão e os valores da Igreja Evangélica Nova Aliança; sua estrutura organizacional; suas frentes de trabalho; sua oferta religiosa e a sociodinâmica de seu crescimento. Demonstro como a construção de uma estrutura organizacional associada ao trabalho religioso especializado de seus líderes permite a essa igreja concorrer com suas principais rivais e conquistar um lugar de destaque no mercado religioso.

Metodologia e relatos da pesquisa de campo

A produção dessa pesquisa é fruto do meu interesse pessoal em estudar o fenômeno religioso. Desde jovem, talvez em razão do meu pertencimento religioso (por mais de vinte anos fui membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus), tive inclinações pelos estudos de religião, inicialmente através da teologia.

Ao ingressar no curso de Ciências Humanas- Sociologia e ser integrado ao Grupo de Pesquisa Mensmeminí, passei a estudar religião a partir de um viés mais acadêmico e sob a ótica interdisciplinar das Ciências Humanas. O resultado dessa caminhada foi a produção de um artigo para conclusão do curso, defendido em 2021, sob a orientação do prof. Dr. Agnaldo Silva. Na época, o objeto pesquisado foi a Igreja Evangélica Nova Aliança.

Com a minha aprovação no mestrado resolvi ampliar a pesquisa da graduação e fomos amadurecendo e reconstruindo o projeto, que, sob a orientação do prof. Dr. Gamaliel, ganhou uma dimensão mais ampla, tanto no aspecto teórico como no aspecto metodológico. Optamos nesse sentido, conforme já dissemos anteriormente, por realizar uma pesquisa tendo como eixos de análise a estrutura organizacional e o trabalho religioso da Igreja Nova Aliança, com foco, portanto, na oferta religiosa da instituição.

Alicerçado no direcionamento apresentado anteriormente, para a produção desta pesquisa utilizamos uma metodologia mista, combinando: a realização de entrevistas semiestruturadas; a aplicação de questionários; a análise documental e a observação direta e participante.

A utilização dessas técnicas de pesquisa, associada ao corpo teórico já apresentado, possibilitou construirmos uma interpretação do objeto pesquisado, tendo como foco analítico todo o conjunto de elementos que o tornam relevante à investigação sociológica, tais como: sua

organização e trabalho religioso, seus programas eclesiais, bem como seus discursos e práticas no mercado religioso local.

Relativamente às entrevistas, o total de entrevistados foram 10, sendo que 8 dos(das) entrevistados(as) são pastores(as), e 2, líderes de células. Alguns dos(das) pastores(as) entrevistados são do conselho da igreja e faziam parte do grupo que vivenciou o chamado “avivamento espiritual”, do qual se originou a Igreja Nova Aliança.

Além das entrevistas, também realizei análise de apostilas e livros produzidos. Entre os textos analisados destaco: *Curso de Crescimento Cristão 1 e 2*, em formato de apostila, produzidos pelo Ministério de Ensino da Igreja Nova Aliança; e os livros “Pastoreamento inteligente: o padrão de aconselhamento na libertação” e “Josué: O manual da Vida Abundante”, ambos de autoria do pastor Marcos de Souza Borges e utilizados na Escola Integral para Formação de Libertadores (EIFOL), realizada todos os anos na IENA. Todos esses materiais podem ser comprados em plataformas de venda *online*, entre as quais está o próprio site do Ministério de Ensino da igreja.

Grande parte das informações obtidas pude encontrar também nas redes sociais da igreja, em especial no *Facebook*, *Instagram* e *YouTube*, canais por onde ela transmite seus cultos e demais eventos. Os muitos conteúdos publicados nessas redes, tais como informativos, sermões e depoimentos de líderes e membros, foi uma porta de acesso para realização de análises sobre a origem da igreja, bem como suas crenças religiosas e frentes de trabalho.

Ainda que esse não seja um trabalho especificamente etnográfico, a observação participante foi uma das técnicas utilizadas. A produção de etnografias é resultado, entre outras coisas, da nossa inserção no “vaivém entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ dos acontecimentos: de um lado, captando o sentido de ocorrências e gestos específicos, através da empatia; de outro, dando um passo atrás, para situar esses significados em contextos mais amplos” (CLIFFORD, 2002, p. 33).

Minha primeira experiência como observador participante aconteceu durante minha participação em 7 encontros de célula, cerca de dois meses, realizados na Igreja Nova Aliança *O Caminho*. Foram momentos de muita conversa e bate papo com os integrantes e líderes, que me receberam com muita boa vontade.

Também realizei visitas à Igreja Nova Aliança Ágape durante os períodos de culto. Participei de cultos realizados na quarta-feira, no sábado e no domingo. Essa experiência me permitiu visualizar de forma direta as dinâmicas dos processos litúrgicos e o sentido das ministrações espirituais.

Minha aproximação com o grupo religioso não se deu sem certa tensão. Ao tentar entrevistar pastores e líderes de células, percebi o receio de alguns, que demonstravam uma visão negativa sobre pesquisadores acadêmicos, acreditando que estes, muitas vezes, são “tendenciosos” e utilizam os dados coletados para “criticar as igrejas evangélicas”. Essa desconfiança, segundo alguns entrevistados, seria resultado de experiências anteriores com pesquisadores, que teriam utilizado informações obtidas em suas pesquisas para criticar práticas e crenças da comunidade evangélica. Outros, embora não tivessem esse mesmo pensamento, sugeriam que eu conversasse com o pastor principal da igreja, alegando que ele seria a pessoa mais indicada para me fornecer as informações que eu estava buscando.

Apesar dos receios e da recusa de alguns pastores, aqueles(as) que me receberam foram bastantes solícitos, ainda que não pudessem conversar sobre todos os temas do roteiro de entrevista, em virtude de que para responder algumas questões precisavam da permissão dos seus superiores.

Minha primeira tentativa de entrevistar o pastor Raimundo Nonato ocorreu em setembro de 2023. Ao entrar em contato, fui informado por seu secretário pessoal que ele estava em viagem, mas que a entrevista seria pré-agendada. No entanto, após essa primeira conversa não obtive retorno do secretário, mesmo após entrar em contato outras três vezes, incluindo mensagens e ligações para o *WhatsApp* do pastor Raimundo Nonato.

Após muita insistência consegui marcar a entrevista com o pastor Nonato para o mês de abril de 2024, período em que a pesquisa já estava em sua fase final. Nesta oportunidade obtive a resposta diretamente do pastor. Apesar da demora e dificuldade, fui recebido por ele em seu gabinete pastoral, onde tivemos uma conversa de quase 1 hora. Na oportunidade pude ouvi-lo um pouco sobre sua trajetória de vida e o seu papel na fundação da IENA.

Um dos principais meios de comunicação que utilizei para entrar em contato com pastores, líderes de departamentos da igreja foi o *WhatsApp*. Através desse aplicativo, por exemplo, conversei com missionários que atuam no exterior, por meio de chamada de vídeo, algo que me permitiu compreender um pouco mais sobre o processo de transnacionalização da Igreja Nova Aliança, conforme exposto no terceiro capítulo desta pesquisa.

Minha experiência religiosa passada certamente facilitou meu diálogo com os entrevistados, tendo em vista que durante o contato conversamos sobre assuntos diversos, tornando o diálogo mais leve e “amistoso” sem, no entanto, perder de vista o meu lugar de pesquisador.

No geral, as entrevistas e as conversas que tive durante a pesquisa de campo formam um primeiro conjunto de elementos para a produção dessa pesquisa. Das 10 entrevistas que realizei, 6 foram presenciais. Aquelas que foram realizadas virtualmente aconteceram em razão do entrevistado não poder me atender presencialmente.

Os recursos teóricos e metodológicos utilizados estão, portanto, na base de produção dessa pesquisa. A partir da utilização desses dois elementos, somados às informações recolhidas em campo, pude construir um quadro interpretativo sobre a lógica do processo de expansão da Igreja Evangélica Nova Aliança na cidade de Imperatriz- MA.

Os capítulos que se seguem, portanto, são resultados de um período de intenso período de trabalho que envolveu a colaboração de diversos atores sociais. Foi em diálogo com esses atores que pude transcrever as experiências e vivências no campo de pesquisa e assim produzir esse trabalho, que ao meu ver contribui para compreensão dos recentes processos religiosos que vem modificando a paisagem religiosa desta cidade.

CAPÍTULO 1 - O MERCADO RELIGIOSO EM DEBATE: ELEMENTOS TEÓRICOS E HISTÓRICOS

O presente capítulo tem por finalidade apresentar as bases conceituais e históricas que fundamentam nossa compreensão do fenômeno religioso. Seu esboço está ajustado conforme a seguinte ordem: religião e racionalização; pluralismo e mercado religioso em Peter Berger; o novo paradigma teórico do mercado religioso e por último, uma leitura sócio-histórica do mercado religioso brasileiro.

Por entender que a macro teoria do mercado religioso foi produzida gradativamente por intelectuais de diferentes orientações teóricas e metodológicas, considere importante apresentar alguns aspectos da sociologia da religião desenvolvida por Weber e Bourdieu, que fizeram uma leitura da religião aproximando as categorias da economia e administração; em seguida apresento as teorizações do mercado religioso desenvolvidas por Peter Berger e pelos sociólogos estadunidenses Rodney Stark, William Sims Bainbridge, Laurence Iannaccone e Roger Finke.

1.1 Religião e racionalização

O tema da relação entre religião e racionalização é bastante comum nos estudos de sociologia da religião. As análises normalmente têm como referência os clássicos estudos de Weber (1864 - 1920), que em sua produção teórica nos proporcionou relevantes contribuições sobre o tema.

O conceito de racionalização não é uma noção exclusiva dos estudos weberianos de sociologia da religião. É na verdade, uma das chaves conceituais de sua investigação sobre a construção da modernidade ocidental. Weber inclusive afirma que seus estudos sobre religião não eram um componente à parte do seu sistema de pensamento, mas objetivavam contribuir para a construção da sua “tipologia e sociologia do racionalismo” (WEBER, 1982, p. 372).

No que se refere à noção de racionalização, *grosso modo*, ela pode ser compreendida como o processo histórico-cultural de especialização e avanço do conhecimento técnico, científico e sistemático, que promoveu o reordenamento estrutural das diversas esferas do mundo social, tais como a esfera científica, econômica, política, jurídica, religiosa, dentre outras.

A potencialidade da racionalização no âmbito da esfera religiosa tem por fundamento a própria ação religiosa, compreendida por Weber como uma ação racional relativa a valores⁴. É justamente a partir da compreensão dessa racionalidade, bem como das condições, efeitos, representações e sentidos dessa ação, que Weber apresenta alguns elementos e exemplos históricos através dos quais é possível compreender os processos de racionalização da religião, que geralmente estão ligados a aspectos que envolvem a transformação das interpretações, ideologias e representações religiosas do mundo, bem como ao processo de estruturação e organização das religiões na sociedade.

Um exemplo sócio-histórico de processos de racionalização religiosa, foi a transformação racional-moralista ou ético-racional da religião. Nessa transição do fenômeno religioso, a racionalização operou no sentido de modificar determinadas categorias das representações e das práticas religiosas, e de promover concomitantemente a institucionalização de novas formas de relação com o sagrado:

As “interiorizações” e racionalizações do religioso, isto é, especialmente a introdução de normas e mandamentos éticos, a transformação dos deuses em poderes éticos que querem o “bem” e castigam o “mal”, e portanto obrigados eles mesmos a cumprir certas exigências éticas, e sobretudo o desenvolvimento do sentimento do “pecado” e do desejo da “salvação” quase sempre só apareceram, portanto, paralelamente a certo desenvolvimento do trabalho artesanal, na maioria dos casos diretamente ligado ao desenvolvimento das cidades. Mas não no sentido de alguma dependência unívoca: a racionalização do religioso obedece às suas regularidades intrínsecas, sobre as quais as condições econômicas influem somente como “caminhos de desenvolvimento”. Sobretudo, está vinculada ao desenvolvimento de uma educação especificamente sacerdotal (WEBER, 2004, p. 381).

Nesse caso, a racionalização da vida religiosa foi um fenômeno influenciado pelas transformações no mundo do trabalho e avanço da urbanização, que, ao tornarem as relações sociais mais complexas e heterogêneas, criaram as condições históricas necessárias à introdução de novas práticas no âmbito da esfera religiosa.

A alteração da realidade social contribuiu para fragilização dos procedimentos mágicos, específicos de contextos sociais menos diferenciados, colocando o sujeito religioso em meio ao desafio de encontrar novas fontes de sentido que correspondessem às suas expectativas e necessidades espirituais. As organizações religiosas, por outro lado, se viram diante do desafio de produzir novos conteúdos que atendessem à demanda dos consumidores de religião.

⁴ Para Weber a ação religiosa é uma ação racional relativa a valores. Segundo ele: “a ação religiosa ou magicamente motivada é, ademais, precisamente em sua forma primordial, uma ação racional, pelo menos relativamente: ainda que não seja necessariamente uma ação orientada por meios e fins, orienta-se, pelo menos, pelas regras da experiência” (WEBER, 2000, p. 279).

Um elemento indispensável para a transformação ético-racional da religião foi a ascensão de uma classe sacerdotal educada e preparada para o ofício religioso. Essa classe pode apresentar distintas configurações, que variam conforme o lugar social em que está inserida, e as características do movimento, comunidade ou empreendimento religioso ao qual está associada. De modo geral, é o grupo que detém o domínio do corpo de conhecimentos necessários à realização e administração dos serviços religiosos.

Apesar das muitas distinções entre os diversos corpos sacerdotais que se desenvolveram nos mais diferentes sistemas religiosos, Weber (2000, pp. 294, 295) considera como características essenciais do sacerdócio “(...) a adaptação de um círculo especial de pessoas ao exercício regular de culto, vinculado a determinadas normas, a determinados tempos e lugares e que se referem a determinadas associações”. Um tipo de associação em torno da qual se estruturou um sacerdócio racionalizado chama-se ‘Igreja’.

A Igreja é fruto da progressão de movimentos carismáticos proféticos, dos quais inicialmente fazem parte a figura do profeta ou do salvador, propagadores da mensagem religiosa, e seus discípulos, aprendizes e seguidores da nova mensagem propagada. A transformação dos discípulos em clero, da mensagem profética em dogma e doutrina, e a organização da comunidade em torno de um grupo de leigos que, com frequência se reúnem para celebrações cúlticas, formam as condições para transformação do movimento carismático profético em comunidade religiosa ou Igreja.

O surgimento da Igreja como instituição responsável por gerir os assuntos sagrados, é sem sombras de dúvidas um elemento importante para compreensão dos processos de racionalização da vida religiosa e do próprio processo de reprodução social da religião.

1.1.1 A Igreja como instância racionalizadora da vida religiosa

A aparição da Igreja, como associação racional e burocrática pode ser considerada um outro grande marco dos processos de racionalização da religião. Nesse sentido, a Igreja não só é fruto da racionalização da vida religiosa, como ela mesma existe em função de realizar essa racionalização.

Na sociologia weberiana, a Igreja é um tipo de organização que se desenvolveu em várias religiões, a exemplo do budismo, judaísmo, cristianismo, islamismo entre outras. Entretanto, nos interessa aqui a Igreja racional burocrática moderna, que se estruturou especialmente no ocidente e que Weber buscou compreender mediante a análise das chamadas

“afinidades eletivas” entre religião e economia. Esse procedimento analítico apresenta a conexão de elementos da esfera econômica com elementos da esfera religiosa.

Nesse sentido, de acordo com Weber (2004), a Igreja se caracteriza por possuir uma elite de especialistas, responsável: pela gestão dos bens de salvação; por assumir pretensões universalizantes dos seus discursos de verdade e sentido e por desenvolver o trabalho de racionalização das práticas e representações sagradas. Além de conservar todas essas características, a igreja organiza-se ainda, conforme os elementos de uma instituição empresarial e burocrática, à qual os indivíduos se associam por nascimento ou conversão.

A atribuição de elementos do campo econômico e administrativo à Igreja torna-se evidente quando Weber apresenta o modo como essa instituição se organizou em razão da rotinização do carisma, ou seja, como organização gerida segundo os princípios da administração, com hierarquias, quadro de profissionais e remunerações, visando sobretudo controlar e executar da melhor forma possível suas atividades:

Correspondendo ao esquema geral da cotidianização do carisma, a posição dos “profetas” e “mestres” carismáticos da Igreja antiga vai desaparecendo com a progressiva burocratização da administração nas mãos dos bispos e presbíteros. Tanto na organização quanto na forma da satisfação das necessidades a economia da empresa é adaptada às condições de todas as formações cotidianas: surgem competências de cargo hierarquicamente ordenadas, hierarquia de instâncias, regulamentos, emolumentos, prebendas, ordem disciplinar e racionalização da doutrina e a atividade no cargo como “profissão”; tudo isto foi até primeiro desenvolvido, pelo menos no Ocidente, pela Igreja, como herdeira das tradições da Antiguidade, e, em alguns aspectos, suposta e particularmente, de tradições egípcias (WEBER, 2004, p. 369).

Como organização burocratizadora do sagrado e depositária de um conjunto de doutrinas e dogmas que deve zelar e conservar, a Igreja dispõe, portanto, do poder de determinar o que é sagrado e profano, ortodoxo e herético, bem como o de criar normas para regulamentar as manifestações carismáticas de caráter pessoal, não econômico e não institucional da qual sujeitos como o profeta são portadores.

Dessa forma, o controle do carisma pela Igreja marca também o princípio da sua oposição aos agentes carismáticos que operam fora do seu sistema eclesial. Estes, além de relegados à categoria de hereges, são vistos como rivais, uma vez que o carisma de cargo “(...) torna-se inevitavelmente inimigo incondicional de todo carisma genuinamente pessoal, vinculado à pessoa como tal, que estimula e ensina o caminho autônomo conduzindo a Deus, ao carisma profético, místico e extático que romperia a dignidade da “empresa” (WEBER 2004, p. 369).

Em sua teorização do campo religioso, Bourdieu (2007, pp. 59, 60) corrobora importantes elementos do pensamento weberiano, especialmente ao considerar a Igreja uma organização que apresenta características similares às de uma empresa burocrática, com definições de cargos, divisão hierárquica, remunerações, planos de carreiras com nomeações e promoções, regimento para o desenvolvimento das atividades profissionais e racionalização do trabalho religioso.

A noção de mercado de bens de salvação ou mercado de bens religiosos são temas presentes na teorização do campo religioso realizada por Bourdieu (2007; 1996). Suas reflexões estão pautadas no entendimento de que as religiões realizam trocas simbólicas mediante princípios da economia familiar pré-moderna e pré-capitalista, e se configuram de tal forma que o sentido dessas trocas é transfigurado em discursos “eufemistas” com intuito de negar e abrandar o teor econômico e material das trocas religiosas.

No que diz respeito à noção de trabalho religioso, Bourdieu (idem) mostrou que sua acumulação é fundamental para a consolidação do capital das empresas religiosas, além de ser também o elemento necessário para gestão e conservação desse mesmo capital. Daí a centralidade da igreja em toda dinâmica do mercado de bens de salvação, visto que, a partir de sua estrutura burocrática, ela fornece todos os instrumentos de trabalho necessário para que sua classe de profissionais possa realizar as atividades religiosas⁵.

A relação de forças entre a Igreja e outros grupos religiosos, como a seita profética, é marcada por um conflito de interesses. De um lado, a Igreja busca manter sua posição dominante no mercado de bens de salvação, enquanto, de outro, a seita profética almeja conquistar legitimidade na gestão dos bens da salvação.

A igreja, visando manter seu monopólio, trabalha para impedir a entrada de novas empresas no mercado de bens de salvação. Situação que lhe custa investimento de capital religioso através da aplicação de recursos materiais para conservar seu domínio territorial, e de recursos simbólicos, objetivando ressignificar seus discursos e doutrinas. Nos casos de crises internas, cismas ou inovações no âmbito das crenças e práticas, a Igreja pode aplicar medidas

⁵ De acordo com Bourdieu (2007, p. 59): A gestão do depósito de capital religioso (ou sagrado), produto do trabalho religioso acumulado, e o trabalho religioso necessário para garantir a perpetuação deste capital garantindo a conservação ou a restauração do mercado simbólico em que o primeiro se desenvolve, somente podem ser assegurados por meio de um aparelho de tipo burocrático que seja capaz, como por exemplo a Igreja, de exercer de modo duradouro a ação contínua (ordinária) necessária para assegurar sua própria reprodução ao reproduzir os produtores de bens de salvação e serviços religiosos, a saber, o corpo de sacerdotes, e o mercado oferecido a estes bens, a saber, os leigos (em oposição aos infiéis e aos heréticos) como consumidores dotados de um mínimo de competência religiosa (habitus religioso) necessária para sentir a necessidade específica de seus produtos.

disciplinares aos desviantes, ou reconhecer as novas crenças e práticas como forma de recompor sua estrutura e perpetuar seu domínio religioso (BOURDIEU, 2007).

A seita profética, por outro lado, embora tenha seu trabalho classificado como herético pela empresa dominante, dependendo do seu poder de mobilização religiosa, da força carismática do profeta e da configuração das demandas dos leigos, ela pode alcançar êxito e “(...) tornar-se Igreja, depositária e guardiã de uma ortodoxia, identificada com as suas hierarquias e seus dogmas (...)” (BOURDIEU, 2007, p. 60).

Tanto Weber quanto Bourdieu concordam com o fato de que a igreja trabalha para manter sua dominação espiritual e simbólica sobre os leigos e conservar o monopólio da gestão dos serviços sagrados. Também reconhecem a importância dessa instituição avaliar e racionalizar seus discursos, mensagem e pregação em razão da mudança de mentalidade que o processo histórico impõe aos leigos. Dessa forma, depreende-se, que a Igreja é uma instituição social que sofre os impactos do tempo histórico e que, por isso, é passível de assumir diferentes formas sociais ao longo da história.

A ascensão da modernidade foi sem sombras de dúvidas um dos vetores que impôs profundas mudanças a essa instituição. Os teóricos geralmente associam essas mudanças à secularização e dessacralização da realidade social, supressão do monopólio religioso do cristianismo católico, a afirmação da liberdade religiosa, a pluralização da esfera religiosa e a formação de um mercado religioso competitivo.

Para a igreja, os impactos das mudanças, ocorreram no sentido, de que, decorrente do processo de pluralização religiosa, muitas outras formas sociais de comunidades eclesiais surgiram no campo religioso, se organizando como pequenas burocracias. Esse foi o caso do confessionalismo protestante, que se estruturou a partir de diversos segmentos e comunidades, operando no campo religioso em situação de liberdade religiosa, as quais os indivíduos passaram a se associar não mais por coerção, e sim por escolha individual.

Os próximos tópicos analisarão a nova configuração da esfera religiosa e as mudanças estruturais provocadas pela liberdade religiosa, secularização e pluralismo religioso.

1.2 Pluralismo e mercado religioso em Peter Berger

Nas sociedades marcadas pela existência de monopólios religiosos a oferta dos serviços sagrados é realizada por uma única instituição, que geralmente trabalha sob a legitimação do Estado. Uma das características desse tipo de estrutura político-religiosa é o exercício do poder

coercitivo do Estado e da religião sobre a sociedade, inibindo a manifestação pública de ritos, cultos e outras expressões e formas de vida religiosa.

Um dos maiores exemplos de monopólio religioso ocorreu certamente com a Igreja Católica durante a Idade Média, que, enquanto “instituição de salvação”, reclamava para si o monopólio “do caminho que conduz a Deus” e atuava como um sistema de regulação da existência (WEBER, 2004b, p. 370). O período medieval foi provavelmente um dos períodos em que essa instituição mais concentrou capital religioso, a ponto de, através de sua hierarquia altamente organizada, monopolizar totalmente os instrumentos de culto e o acesso aos textos sagrados (BOURDIEU, 2007, pp. 62, 67).

As transformações culturais e sociais que produziram a sociedade moderna foram decisivas para o declínio dos monopólios religiosos. A separação entre Igreja e Estado foi um dos elementos centrais desse processo, pois representou, entre outras coisas, a perda do poder religioso estabelecer as regras da vida social e a instauração da liberdade religiosa, que assegurou o direito de os cidadãos cultivarem suas crenças religiosas conforme seus interesses e sem a interferência do Estado ou do poder religioso dominante.

Peter Berger, ainda no início da sua trajetória como sociólogo da religião, defendeu a tese de que a crise estrutural que campo religioso atravessou na modernidade foi resultado do fenômeno da secularização, que abalou as chamadas “estruturas de plausibilidades” da religião, que funcionava como a base social que conservava e mantinha sólido o universo de significados e visões de mundo da pessoa religiosa⁶.

Essa tese foi defendida por Berger em “O dossel sagrado”, onde se refere à secularização como o processo sociocultural pelo qual “setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos” (BERGER, 1985, p. 119).

Não obstante a sua origem multicausal, Berger colocou como palco particular da secularização a esfera econômica da sociedade capitalista e industrializada, visto que para ele: “Uma sociedade industrial moderna requer a presença de amplos quadros de pessoal técnico e científico, cujo treinamento e organização social pressupõe um alto grau de racionalização, não só a nível de infraestrutura, mas também a nível de consciência” (BERGER, 1985, p. 143, 144).

Segundo Berger, foi nesse contexto de relações que se cristalizou o que ele chamou de “território livre” da religião, isto é, espaços sociais que favoreceram o avanço da secularização

⁶ De acordo com Berger: “A crise de credibilidade na religião é uma das formas mais evidentes do efeito da secularização para o homem comum. Dito de outro modo, a secularização acarretou um amplo colapso da plausibilidade das definições religiosas tradicionais da realidade” (BERGER, 1985, p. 139)

nas outras esferas da vida social, a exemplo da esfera política e jurídica, que gradativamente se diferenciaram da esfera religiosa.

Posteriormente Berger admitiu ter errado em postular a tese de que a modernidade leva à secularização. Sua mudança de posicionamento foi reflexo das suas experiências como pesquisador da situação religiosa do sul global, e da constatação da ascensão de diversos movimentos religiosos ortodoxos e tradicionalistas até mesmo em países modernos como os Estados Unidos. Essa constatação o levou a afirmar que “a modernidade não produz necessariamente à secularização (BERGER, 2017, p. 53), e que “o mundo contemporâneo, com poucas exceções, é tão intensamente religioso como qualquer outro na história” (BERGER, 2017, p. 55).

A negação de Berger da tese de que a modernidade conduz à secularização e, por conseguinte, ao fim da religião, não o levou, no entanto, a negar completamente a secularização como fenômeno histórico. Berger a situa, contudo, em um nível inferior ao proposto pelos teóricos dessa tese. Em suma, para Berger, se falarmos em secularização, devemos restringi-la aos seus “efeitos secularizantes”, especialmente no continente europeu e nos segmentos mais intelectualizados da sociedade global.

Após romper com a tese clássica da secularização, Berger propôs uma nova perspectiva teórica: o pluralismo como elemento estruturante das relações sociais e das formas de vida religiosa na modernidade. Em outras palavras, ele concluiu que, em vez de produzir a secularização, a modernidade gerou o pluralismo, afirmando que “a modernização libera todas as forças que contribuem para o pluralismo” (BERGER, 2017, p. 43) e que “a modernidade leva necessariamente ao pluralismo” (BERGER, 2017, p. 53). Entre os elementos da vida moderna que impulsionam o pluralismo, Berger destacou a urbanização, a industrialização, a migração, o avanço tecnológico e a democratização do acesso ao conhecimento científico.

Em sua conceituação básica, esse autor entendeu o pluralismo como “(...) uma situação social na qual pessoas de diferentes etnias, cosmovisões e moralidades vivem juntas pacificamente e interagem amigavelmente” (BERGER, 2017, p. 20). Tal definição compreende tanto o pluralismo religioso como o religioso-secular.

Nessa condição os indivíduos têm ao seu dispor uma diversidade de alternativas de bens culturais que lhes permite ampliar e ressignificar seu leque de crenças e valores. Na esfera da religião o pluralismo refere-se à multiplicidade de discursos, crenças, práticas e organizações religiosas coexistindo num mesmo espaço social em situação de liberdade religiosa.

Diferentemente da noção do “dossel sagrado” que compreende a religião como um sistema estruturante que legitima e mantém coesa a ordem social e moral do mundo, na condição pluralista a religião é caracterizada pelo enfraquecimento e crise das certezas religiosas; pela diversificação das estruturas de plausibilidade e relativização dos conteúdos religiosos; alteração das relações institucionais; modificação da relação entre laicato e os especialistas religiosos; ampliação da capacidade de escolha individual da religião e associação voluntária às organizações religiosas (BERGER, 2017).

É nessas circunstâncias, onde prevalece a liberdade religiosa dos indivíduos e a multiplicidade de tradições de fé e crenças, que as instituições religiosas passam a operar como agências de mercado, vendendo seus bens e serviços aos consumidores de religião:

A característica-chave de todas as situações pluralistas, quaisquer que sejam os detalhes de seu pano de fundo histórico, é que os ex-monopólios religiosos não podem mais contar com a submissão das populações. A submissão é voluntária e, assim, por definição, não é segura. Resulta daí que a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser colocada no mercado. Ela tem que ser “vendida” para uma clientela que não está mais obrigada “a comprar”. A situação pluralista é, acima de tudo, uma situação de mercado. Nela, as instituições religiosas tornam-se agências de mercado e as tradições religiosas tornam-se comodidades de consumo. E, de qualquer forma, grande parte da atividade religiosa nessa lógica vem a ser dominada pela lógica da economia de mercado (BERGER, 1985, p. 149).

Dada a multiplicidade de empresas religiosas competindo entre si, a ascensão do mercado religioso não ocorreu sem gerar profundas implicações às instituições religiosas. Operando como agência de mercado, por exemplo, as tradições mais antigas tendem a reavaliar sua gestão organizacional e sua dinâmica de trabalho, caso pretendam continuar obtendo resultados positivos no mercado. O mesmo acontece com os novos movimentos religiosos que se estruturam e se organizam visando se adaptar às regras e exigências do mercado.

No âmbito dos conteúdos religiosos, é plausível que ocorram mudanças, uma vez que as demandas dos consumidores são alteradas e seu poder de influência é ampliado pela liberdade religiosa. Essas mudanças geralmente se originam nas próprias fontes religiosas, mas também em diálogo com outras formas de conhecimento do mundo secular, considerando as transformações impostas ao mundo do consumo. Afetados pela secularização, os consumidores passam a exigir produtos que se alinhem com suas consciências secularizadas. Nesse contexto, os conteúdos religiosos assumem a forma de produtos ou “commodities de consumo”, e, para atender às diferentes camadas do mercado, tornam-se cada vez mais padronizados, facilitando sua aceitação por diversos tipos de consumidores (BERGER, 1985).

A ideia da religião como um produto de consumo é uma das grandes mudanças na perspectiva bergeriana. Se Bourdieu expôs esse caráter da religião em sua teoria do campo religioso, especialmente a partir da influência de Marx, que pensou religião como um produto social, Berger concebeu essa ideia a partir de sua visualização da religião como um fenômeno que se organiza a partir de um mercado religioso pluralizado, onde os produtos religiosos são vistos pelos consumidores como a razão de ser das instituições, e da própria estrutura da demanda religiosa.

O caráter sagrado do produto religioso permanece, mesmo que sofra alterações em virtude da demanda por religião por parte dos consumidores. Na verdade, na condição de mercadoria, não apenas as mensagens e as práticas religiosas assumem diferentes formas, mas até mesmo outras esferas da vida social são sacralizadas mediante a apropriação religiosa com intuito de transformar determinadas práticas sociais em produto religioso.

Na prática, o que ocorre, é que em meio às disputas com outras firmas religiosas, e tendo que atender o gosto dos consumidores, as mercadorias religiosas assumem cada vez mais um caráter mercadoria, levando as empresas religiosas a adotarem uma visão pragmática de suas ações, na qual a necessidade de atender o público consumidor prevalece e até justifica as inovações e ressignificações de seus discursos e práticas.

Nessas circunstâncias, a utilização do *marketing* como instrumento de divulgação das atividades e serviços das agências religiosas torna-se imprescindível. Desenvolver técnicas de publicidade e propaganda são alguns dos elementos que contribuem para a valorização dos produtos, fortalecimento da marca, captação de novos consumidores e, relativamente, o crescimento da organização. Este último pode ser medido através do aumento das taxas de adesão ou filiação religiosa, engajamento e participação dos consumidores nas atividades e programas desenvolvidos pelas organizações, como também na ampliação e consolidação do capital religioso e cultural dessas agências.

Outra dinâmica importante no jogo de forças do mercado religioso é a livre concorrência, elemento que norteia a relação entre as agências religiosas e influencia as dinâmicas de produção e gestão dos bens religiosos. Nessa condição não é raro que as agências religiosas passem a atuar em diversas frentes de trabalho e assumam posturas pragmáticas, misturando atividades de recreação com atividades espirituais, com finalidade de atrair novos consumidores e servir como aparato de socialização daqueles que já mantêm vínculo permanente com a instituição.

Nos moldes do pensamento bergeriano, portanto, o mercado religioso é um fenômeno moderno e decorrente do pluralismo. A condição pluralista, entretanto, só é fortalecida quando determinada sociedade goza de liberdade religiosa e os indivíduos praticam suas crenças sem a coerção do Estado e de uma empresa/religião monopolista. Nesses termos, em países privados de liberdade religiosa ou que a possuem de modo restrito, a tendência é que exista dificuldade para consolidação do pluralismo e do mercado religioso.

Levando em consideração esse critério, alguns intelectuais estadunidenses produziram um novo paradigma teórico do mercado religioso tendo por base principal de análise a situação religiosa dos Estados Unidos, país onde, conforme explica Casanova (2007), não houve a estruturação de uma hierocracia ou de um monopólio católico, como no caso da Europa, mas, contrariamente a isso, já nasceu como uma nação secular, com a separação entre Estado e Igreja bem definida constitucionalmente, o que favoreceu o pluralismo e o desenvolvimento de um competitivo mercado religioso.

No tópico seguinte apresento alguns elementos desse novo paradigma teórico. Apesar das diferenças entre os dois modelos, o objetivo não será o de estabelecer um quadro comparativo entre ambos, antes o de enriquecer e ampliar nosso arcabouço teórico para assim realizarmos uma leitura mais consistente do nosso campo e objeto de pesquisa.

1.3 O novo paradigma do mercado religioso: a teoria da escolha racional e a religião como sistema de compensadores

O segundo paradigma do mercado religioso analisado nesta dissertação foi desenvolvido por volta dos anos de 1980 e teve como principais articuladores Rodney Stark, William Sims Bainbridge, Laurence Iannaccone e Roger Finke.

Um dos núcleos básicos desse paradigma é a chamada teoria da escolha racional da religião, que, grosso modo, sustenta que os seres humanos, conduzidos por um mecanismo de processamento de informações, buscam realizar escolhas racionais de modo a maximizar recompensas e minimizar custos (STARK E BAINBRIDGE, 2008). Na esfera da religião isso significa a capacidade dos sujeitos optarem pela oferta religiosa que melhor satisfaça suas necessidades espirituais, simbólicas ou materiais.

Frigerio (2008) e Mariano (2008) concordam com o entendimento de que o tipo de racionalidade que fundamenta a concepção da escolha racional é a subjetiva, que qualifica o sujeito como um ator racional dotado de potencialidades cognitivas e competência de compreensão que lhes confere a capacidade de realizar avaliações, cálculos e escolhas visando

sobretudo efetivar seus interesses e maximizar seu bem-estar. Esse modo de compreender o universo religioso coloca, portanto, os sujeitos como agentes ativos nos processos religiosos.

Com relação às recompensas, elas são de natureza e tipos diversos. Algumas podem existir apenas no âmbito do desejo humano, outras, apesar de existirem, são raras e difíceis de conquistar (STARK e BAINBRIDGE, 2008). Para o caso da inexistência ou raridade de recompensas surgem as explicações, postulações, instruções e promessas, que funcionam como substitutas de recompensas, sendo, por isso mesmo, denominadas de compensadores, categoria que se constitui em um dos mais importantes núcleos conceituais desta teoria:

O conceito de compensador é a chave para a teoria da religião. Quando os seres humanos não conseguem obter recompensas intensamente desejadas com facilidade e rapidez, eles persistem em seus esforços e podem, com frequência, aceitar explicações que ofereçam apenas compensadores. Estes são substitutos intangíveis para a recompensa desejada, tendo o caráter de dívidas, cujo valor deve ser aceito pela fé (STARK E BAINBRIDGE, 2008, p. 48).

Tais explicações, apesar dos seus variados tipos, não podem ser interpretadas como meros discursos que visam manipular os seres humanos. Nas suas formas mais sistemáticas, elas se constituem efetivamente de sistemas de exposições, fundamentações, argumentos e resoluções que funcionam como chaves para a insaciável busca humana por respostas, sejam elas de cunho material, existencial ou metafísico. Dada a sua efetividade no âmbito das relações humanas, as mais diversas esferas da sociedade se utilizam de compensadores.

Na esfera do sobrenatural ou do sagrado, o sistema mais conhecido de produção de compensadores é a religião, definida por Stark e Bainbridge (2008, p. 52) como um “sistema de compensadores gerais baseado em suposições sobrenaturais”. Através do seu conjunto de crenças e doutrinas elaborado de modo racional e sistemático, que funciona como um sistema de explicações acerca do significado último da existência humana e de como é possível obter uma boa vida aqui na terra ou no além, a religião proporciona um grande leque de compensadores aos indivíduos que estabelecem relações de trocas com os deuses em busca de recompensas.

A relação dos consumidores de religião com os deuses é mediada pela classe de especialistas religiosos, geralmente formada pelo sacerdote, pelo profeta e/ou pelo teólogo, que se organizam corporativamente e constituem uma elite, tendo como função se comunicar com os deuses e as entidades sagradas, manipular os ritos religiosos e produzir explicações sobre a vida e o cosmo a partir de referências sobrenaturais. As trocas com os deuses ocorrem quando os indivíduos se submetem às explicações, instruções e normas oferecidas por esses

especialistas: “de fato, geralmente é necessário entrar em uma relação de troca a longo prazo com o divino e com instituições divinamente inspiradas, de maneira a seguir as instruções: as igrejas se baseiam nessas relações de troca” (STARK, 2004, p. 7).

A instituição igreja, que os referidos autores definem como “uma organização religiosa convencional” (STARK e BAINBRIDGE, 2008, p. 159), é, sem sombra de dúvidas, o tipo de instituição religiosa que se adequa bem a esse sistema de trocas. Na dinâmica das trocas religiosas essa instituição atua como uma das mais poderosas instâncias de burocratização do sagrado, incumbida da produção e distribuição de compensadores no mercado religioso.

Um quadro interessante acerca do papel da igreja na economia de compensadores foi realizado por Stark e Bainbridge a partir de suas observações sobre a realidade específica dos Estados Unidos. O modelo produzido mostrou que o tipo de recompensas e compensadores ofertados pelas igrejas estadunidenses são de caráter psicológico, espiritual e moral, e que elas ofertam ao seu rol de membros não apenas explicações sobre o sentido último da existência humana, mas também discursos que produzem êxtase espiritual, motivação e bem-estar emocional, pertencimento comunitário e moral e uma série de outras atividades de lazer e recreação que tornam essas instituições atrativas no mercado.

Entre as recompensas oferecidas por essas igrejas eles citaram:

1) associação à Igreja: conferindo status e posição legítima na comunidade, e tornando possível a obtenção de outras recompensas religiosas; *2) presença em serviços devocionais:* que, somada a quaisquer significados religiosos específicos, também se caracteriza como ocasião social, provendo qualquer outra recompensa obtida por ela; *3) participação:* em organizações religiosas e atividades, incluindo coisas tão diversas quanto o coral, o clube de dança da praça ou o clube dos solteiros; *4) socialização infantil:* transmitindo uma herança cultural e moral às crianças, bem como oferecendo-lhes recompensas, como participação em grupos de esporte ou escotismo (STARK E BAINBRIDGE, 2008, p. 60, 61).

Relativamente aos compensadores os autores destacaram:

1) doutrinas religiosas: que prometem tornar o peso desta vida suportável, disponibilizar orientação e ajuda e oferecer compensação para o sofrimento terreno na vida depois da morte; *2) experiências religiosas:* uma alívio para as emoções contidas e uma fonte de confiança na autenticidade dos compensadores, como na situação em que uma pessoa tem visões ou fala em língua desconhecida; *3) prece e devoção privada:* mecanismos para buscar auxílio divino e orientação, confessar culpas e ser consolado; *4) particularismo ou superioridade moral:* reafirmação de que, não importa quão insignificante alguém possa parecer no mundo dos negócios, ela está entre os escolhidos de Deus e possui uma identidade religiosa de elite (...) (STARK E BAINBRIDGE, 2008, p. 61).

Ainda que esse quadro não apresente um caráter universal, em virtude das particularidades históricas das tradições eclesiásticas inerentes a cada sociedade, ele

proporciona uma interessante representação do papel das igrejas na economia de compensadores. Tal modelo pode servir como ferramenta explicativa para a compreensão do funcionamento e da dinâmica da oferta de compensadores por parte de diversas outras instituições eclesiais em variados mercados religiosos.

No tocante à variação da produção de compensadores, essa dinâmica é certamente influenciada por diversos elementos, tais como: a racionalização da esfera religiosa; o trabalho religioso dos especialistas; e, também, a modificação da demanda de compensadores pelos consumidores religiosos. De todos esses elementos, o processo de especialização cultural foi certamente um dos mais importantes vetores na dinâmica de produção de compensadores.

Especialização cultural refere-se à disposição de os indivíduos dominarem determinadas partes da cultura e produzirem explicações que complexificam e ampliam as relações de trocas sociais (STARK e BAINBRIDGE, 2008).

Historicamente, a religião foi a primeira grande esfera da cultura a se especializar e produzir compensadores, algo que lhe permitiu conquistar a posição de sistema cultural antes de qualquer outro. Em seguida houve também a ascensão da política e da ciência, que se estruturaram como sistemas concorrentes da religião e ampliaram a produção de explicações, tornando mais ampla a oferta de recompensas e compensadores aos mais variados estratos sociais.

Os efeitos desses sistemas culturais sobre a religião, entretanto, foram muito mais profundos, pois, na medida em que provocaram o declínio das explicações sobrenaturais do mundo, tornaram-se vetores de um fenômeno histórico de impacto social muito maior: a secularização.

Nosso próximo passo, portanto, é compreender os efeitos da secularização sobre a religião. Analisaremos isso em conjunto com os impactos da liberdade religiosa e do pluralismo sobre a religião, visto que todos esses processos estão interligados à secularização e são fundamentais para entender a formação do moderno mercado religioso ocidental.

1.3.2 Os efeitos da secularização sobre a religião

A controversa tese da secularização, desenvolvida especialmente por teóricos da modernidade, também foi apresentada no debate sociológico da religião sob a ótica de Stark e Iannaccone (1994), e Stark e Bainbridge (2008). Conforme veremos, esses autores não negam necessariamente a secularização, no entanto assumem um tom bastante crítico ao chamado modelo europeu desta tese.

A crítica desses autores à tradicional tese da secularização ocorreu, em suma, por discordarem da ideia de que secularização é um fenômeno que resultaria no ‘fim da religião’, seja através do declínio da necessidade de fé no sobrenatural, do enfraquecimento da demanda por religião e até mesmo da suposta perda do significado social da religião (STARK e IANNACCONE, 1994). No sentido contrário tese da secularização, esses autores postularam que ao invés de promover o fim da religião a secularização significa apenas a “transformação da religião, não a sua destruição” (STARK E BAINBRIDGE, 2008, p. 361).

Para Frigerio (2000) é possível entender a secularização a partir dos teóricos do novo paradigma do mercado religioso como um processo histórico cujos efeitos sobre a religião ocorrem no sentido de provocar o surgimento de novos movimentos religiosos na medida em que promove a erosão dos sistemas religiosos tradicionais. Nesse sentido, para esses autores a secularização não representa o fim da religião, mas apenas promoveu mudanças estruturais na sociedade na medida em que ela se manifestou nos processos de diferenciação, racionalização e mundanização das esferas sociais, algo coerentemente expresso no importante conceito de “dessacralização”.

A categoria dessacralização é particularmente valiosa em nossa análise porque representa de forma mais adequada a visão que os autores têm da secularização, ou seja, como um fenômeno que representa “(...) a perda progressiva de poder das organizações religiosas tradicionais” (STARK e BAINBRIDGE, 2008, p. 379). Nas sociedades modernas esse fenômeno foi marcado pelo fim dos monopólios religiosos responsáveis por sacralizar a ordem social através da imposição das imagens e símbolos religiosos sobre a vida cultural e social.

O fenômeno da dessacralização exerce um efeito oposto à sacralização. A dessacralização, em essência, consiste na perda do poder da religião como definidora dos sentidos e significados da vida social e cultural. Algo que, no entanto, só ocorre quando o Estado deixa de patrocinar e conferir essas prerrogativas a uma determinada instituição religiosa. Sobre a dinâmica, envolvendo sacralização e dessacralização, Stark e Iannaccone (*apud* FRIGÉRIO, 2000, p. 131) são categóricos:

Na medida em que uma firma religiosa alcance o monopólio, tentará exercer sua influência sobre outras instituições e, dessa maneira, a sociedade se verá sacralizada. Por sacralizada entendemos que os aspectos principais da vida, da família à política, estarão imbuídos de símbolos, retórica e rituais religiosos [...] A sacralização da esfera política é o *quid pio* quo mediante o qual uma determinada firma religiosa recruta os poderes coercitivos do Estado contra firmas com as quais concorre. [...] Quando o Estado, pelo motivo que seja, já não reconhece as exigências de uma firma monopolista à legitimidade exclusiva, ocorre a dessacralização. Quando existe uma pluralidade de firmas religiosas, nenhuma tem poder suficiente para manter a sacralização.

Na visão de Stark e Iannaccone (*idem*), o equívoco dos defensores da tese tradicional da secularização foi confundir a dessacralização com o fim da religião. Essa falsa impressão foi construída em meio à errônea interpretação que tiveram da condição sociocultural que caracteriza o tempo social subsequente ao processo de dessacralização, marcado pela apatia, letargia e pouca mobilização religiosa causadas pela dessacralização e extinção do monopólio religioso.

A condição social posterior ao fenômeno da dessacralização é, entretanto, temporária, pois, com o declínio dos monopólios e instituição da liberdade religiosa, a tendência é que surjam diversas empresas ofertando seus serviços, e contribuindo para o fortalecimento da cultura e mobilização religiosa (STARK e IANNACCONE, 1994).

O pluralismo é um dos efeitos decorrentes da dessacralização. Sua consolidação, entretanto, pode ser retardada devido a falsa sensação de liberdade religiosa, que apesar de instituída pode mostrar-se frágil em razão da fé monopolista ainda exercer influência no aparelho estatal e produzir intolerância em relação a outras manifestações religiosas. Um segundo fator é com relação a “inércia cultural” que se manifesta em virtude de a tradição religiosa hegemônica ainda permanecer estruturada na mentalidade social, algo que coloca em questão o trabalho das novas empresas religiosas, geralmente estigmatizadas pela própria sociedade e pela organização que detinha o monopólio religioso (STARK e IANNACCONE, 1994).

De todo modo, quando consolidado, o pluralismo ele se torna a condição essencial das economias religiosas, o que exige, como nas demais economias, uma boa dose de liberdade e desregulamentação estatal, elementos considerados cruciais para que exista uma multiplicidade de empreendimentos religiosos operando no mercado.

1.3.2 Mercado religioso e empresas religiosas

Diante do esboço teórico apresentado até aqui, cumpre agora discorrermos de modo mais estrito como se configura o mercado religioso. Já sabemos que a visão mercadológica desenvolvida nesse novo paradigma se baseia nos princípios da tradição econômica liberal, por isso não é de se estranhar a linguagem e os termos econômicos utilizados pelos autores em sua referência ao universo religioso.

Começamos apresentando uma definição de economia religiosa, que engloba o mercado com sua dinâmica de interações e trocas, as organizações como grupo de agências de mercado

e as culturas religiosas que, com seu conjunto de bens e serviços, compõem o rol de produtos ofertados no mercado religioso:

A religião é componente intrínseca das sociedades e é moldada, na sua expressão religiosa e na sua organização, por condições impostas pelo Estado. Para melhor descrever essa realidade, criou-se a expressão “economia religiosa”. Uma economia religiosa consiste em toda actividade religiosa de uma sociedade: o “mercado” de aderentes religiosos actuais e potenciais, uma série de uma ou mais organizações que tentam atrair e reter aderentes, e a cultura religiosa oferecida por essas organizações (STARK, 2007).

O condicionamento do universo religioso ao poder do Estado mostra que as economias religiosas são influenciadas pelas ações do campo político. Em mercados religiosos com alta intervenção estatal, por exemplo, a tendência é que existam poucas empresas religiosas operando, o que facilita o surgimento de monopólios religiosos. Em economias religiosas mais livres, a tendência é que existam mais empresas exercendo suas atividades no mercado, o que pode aumentar a mobilização religiosa na sociedade (STARK, 2007).

Lembremos que a proposta de Stark e Bainbridge (idem) coloca em primeiro plano a questão do gosto e da escolha dos indivíduos, que, na busca por recompensas, estabelecem trocas uns com os outros, visando maximizar seu bem-estar. Entretanto, para que essas demandas sejam atendidas é imprescindível que existam organizações bem estruturadas com produtos que satisfaçam o gosto dos consumidores. Dessa forma, visando apresentar uma imagem sintética das principais categorias que configuram as economias religiosas, Guerra (2000, p. 54) apresenta o seguinte esquema:

Firmas religiosas: são empresas sociais cuja primeira proposta é criar, manter e fornecer religião para um conjunto de indivíduos; Economia Religiosa: consiste em todas as atividades religiosas acontecendo em uma determinada sociedade; Produto Religioso: conjunto de práticas e crenças oferecidos pelas firmas religiosas; Consumidores: indivíduos potencialmente interessados em religião; Lucro: quantidade de fiéis que uma firma religiosa é capaz de conquistar num determinado período de tempo; Pluralismo: situação da economia religiosa na qual mais de uma firma operam. Quanto mais firmas religiosas em atividade, maior o grau de pluralismo. Especialização: processo pelo qual uma determinada firma religiosa cria um produto religioso capaz de atender as necessidades e gostos especiais de um segmento específico do mercado.

Esse conjunto de elementos definidos a partir da linguagem econômica não têm de modo algum a pretensão de negar o valor simbólico da religião, antes pretende estabelecer o padrão de funcionamento das economias religiosas, que também se baseiam nas relações de trocas sociais e na lei da oferta e demanda, o que pressupõe, portanto, assim como nas demais atividades econômicas, a existência de um mercado, de firmas, produtos, consumidores e lucro.

Para Frigerio (2000) essa perspectiva do mercado religioso pode ser resumida no tripé formado pelo indivíduo, grupo e contexto. Ou seja, trata-se de uma visão que compreende os indivíduos com seus gostos e comportamentos como agentes ativos nos processos religiosos, que, ao buscarem maximizar seu bem-estar, são propícios a aceitarem compensadores religiosos. O fator grupo, por sua vez, compreende o conjunto de todas as organizações e corporações religiosas que atuam como empresas em determinado mercado. Por fim, o contexto refere-se propriamente às condições culturais e socioeconômicas de cada mercado, bem como ao grau de regulamentação de cada um deles.

Uma das particularidades desse novo paradigma é o foco na oferta, ou seja, no poder das firmas religiosas a partir da sua rede de especialistas fortalecerem o mercado como produtoras e distribuidoras de bens religiosos. Algo relativamente condicionado às questões políticas, visto que apenas em mercados livres de regulamentação estatal restritiva é que elas encontram condições para sua proliferação e sua especialização, criando dessa forma, produtos conforme os gostos e necessidades dos consumidores. Os produtos por sua vez, apesar de serem de natureza religiosa, podem assumir forma material, através da fabricação de artigos religiosos que fazem alusão às crenças, imagens e símbolos religiosos alguns dos quais se tornam até objeto de devoção e prática espiritual dos consumidores.

Ainda com relação ao trabalho das firmas religiosas, chama-se atenção para o fato de que a racionalidade dessas organizações não necessariamente atinge o mesmo nível encontrado nas firmas que atuam nos sistemas econômicos e financeiros do mundo secular, pois os valores e crenças subjacentes aos agentes que nelas operam limita, até certo ponto, a racionalização das atividades religiosas (CARREIRO, 2007).

Relativamente ao contexto, citado por Frigério como sendo o grau de regulamentação dos mercados, é interessante destacar que no caso da produção teórica dos autores desse paradigma, o contexto em que eles desenvolveram seus argumentos, proposições e conceitos foi especificamente o campo religioso dos Estados Unidos, historicamente caracterizado por um relativo grau de liberdade religiosa. Tal condição favoreceu o desenvolvimento do pluralismo religioso e o surgimento de uma economia religiosa forte, com grande diversidade de empreendimentos, sendo a maior parte deles ligados ao denominacionalismo protestante, movimento religioso que surgiu na Inglaterra, se institucionalizou nos Estados Unidos e dali se espalhou para diversas partes do mundo.

Diferentemente dos Estados Unidos, uma economia religiosa que atravessou séculos de monopólio religioso foi a brasileira, que até o fim do século XIX permaneceu sob o monopólio

da Igreja Católica, religião oficial da colônia portuguesa no Brasil e do Império brasileiro. Situação que só foi modificada após a ascensão da República, que desregulamentou o mercado, pôs fim ao monopólio católico e instituiu a liberdade religiosa que garantiu o livre acesso de diversas outras firmas religiosas ao mercado religioso brasileiro, vindas especialmente da Europa e dos Estados Unidos.

Contudo, um pluralismo vigoroso só se consolidou no Brasil a partir da metade do século XX, cerca de meio século após a instituição da liberdade religiosa e processo de dessacralização, em um contexto marcado por mudanças estruturais da sociedade brasileira que até certo ponto contribuiu para ascensão dos movimentos de renovação do protestantismo, responsáveis por modificar profundamente as estruturas e a lógica da oferta no mercado religioso.

1.4 O mercado religioso brasileiro: do fim no monopólio Católico à consolidação da liberdade religiosa e do pluralismo

A partir da teorização realizada até aqui, considero relevante apresentar uma breve análise do mercado religioso brasileiro, dando ênfase especial para alguns marcos históricos que foram decisivos para a formação do que é atualmente o Brasil em termos de religião: uma nação com pluralidade de crenças, tradições e saberes religiosos.

O marco temporal escolhido para essa análise abrange o período de transição de uma economia religiosa monopolista, que ocorreu no século XIX, para uma economia livre e desregulada, marcada pela consolidação do pluralismo que caracteriza o atual mercado religioso brasileiro. Em suma, analisamos os principais eventos religiosos que ocorreram no mercado religioso brasileiro entre os séculos XIX e XXI.

Antes de analisar o período em questão, é importante considerar que, do Brasil colonial à constituição do Estado Republicano, a prática religiosa brasileira foi marcada pelo monopólio da Igreja Católica. Durante esse período, essa instituição era subalterna ao Estado e desenvolvia pouca atividade religiosa e pastoral. Seus serviços, incluindo práticas mágico-religiosas, eram destinados principalmente aos estratos populares e à alta classe. Assim, havia diferentes tipos de catolicismo: um mais popular, sem uma formação teológica sistemática, e outro mais formal e ritualístico, geralmente presente nos grandes centros do mercado religioso brasileiro (CARREIRO, 2007).

Entre os elementos decisivos para o mercado religioso brasileiro sair da condição de monopólio e assumir uma outra configuração, destacamos: as ações políticas; o processo de

imigração; o desenvolvimento socioeconômico do país; a urbanização e a industrialização; e o trabalho das organizações religiosas. Os impactos desses eventos para o desenvolvimento do mercado religioso brasileiro estão destacados nesse tópico e nos demais capítulos desta dissertação.

Dos fatores políticos, a instituição da República no Brasil foi sem sombras de dúvidas um dos eventos mais importantes para promoção de mudanças estruturais no mercado religioso brasileiro. Essas mudanças, entretanto, não ocorreram da noite para o dia, antes, foi um processo histórico que se arrastou durante todo século XIX, cujo impacto maior ocorreu com o texto constitucional de 1890, que definiu a separação entre Estado e Igreja, pôs fim ao monopólio da Igreja Católica e estabeleceu definitivamente a liberdade religiosa no país.

A necessidade de implementar essas mudanças teve relação com a questão socioeconômica do Brasil, que a partir do século XIX, em razão da carência de povoamento e reestruturação econômica, viu surgir no debate público a questão da imigração como alternativa de povoamento e substituição da mão de obra escrava. Foi um período marcado também pela proliferação das ideias liberais e iluministas que exerceram grande influência no processo de formação da República e consequentemente na alteração dos dispositivos legais que favoreceram a implantação da liberdade religiosa no país (CARREIRO, 2007).

O caminho rumo à conquista da liberdade religiosa teve influência do movimento de imigração devido os imigrantes trazerem suas crenças religiosas ao Brasil. Este foi o caso dos ingleses, que trouxeram o anglicanismo e passaram a realizar oficialmente suas celebrações cúlticas a partir de 1810; e dos alemães, que trouxeram o luteranismo e formaram, em 1827, a primeira comunidade protestante em terras brasileiras na cidade de Nova Friburgo, estado do Rio de Janeiro. Esse segundo grupo, em razão do seu forte caráter étnico e de ficar restrito às colônias de imigrantes, ficou conhecido como protestantismo de imigração.

A chegada de imigrantes protestantes demandava mudanças na legislação do Império. Um dos primeiros dispositivos que produziu efeitos jurídicos nessa direção foi o Tratado do Comércio e Navegação, de 1810, firmado entre Inglaterra e Portugal, que garantiu liberdade de culto para imigrantes protestantes, especialmente os de língua inglesa. Esse dispositivo, entretanto, não permitiu a prática do proselitismo religioso, a construção de templos e tampouco a realização de cultos públicos.

Essa incipiente liberdade de culto foi ratificada pela Constituição de 1824, que, em seu artigo 5º, reafirmou o lugar da Igreja Católica como religião do Império, mas concedeu a todas

as outras religiões a permissão de realizar seus cultos domésticos em casas particulares sem características de templo religioso.

Nesse contexto, e financiado majoritariamente por agências missionárias dos Estados Unidos, inicia-se outra fase da instalação do protestantismo no Brasil. Esse protestantismo de missão, assim chamado por causa do interesse em converter o brasileiro às crenças protestantes, teve sua primeira tentativa de evangelização do Brasil por meio do metodismo, entre 1836 e 1840. No entanto, só se estabeleceu institucionalmente no país a partir da década de 1850, com a chegada das igrejas Congregacional (1858), Presbiteriana (1859), Metodista (1867) e Batista (1882). A Igreja Anglicana, embora já estivesse presente desde o início do século, só oficializou seu primeiro templo em 1890.

Com a Proclamação da República em 1889 e a reforma político-institucional realizada pela Assembleia Constituinte em 1890-1891, a liberdade religiosa foi definitivamente instituída. Entre os dispositivos legais, o Decreto nº 119^a de 7 de janeiro de 1890 e o texto constitucional de 1891, garantiram a todos os cidadãos o direito de praticar pública e livremente suas crenças religiosas. Também afirmou a autonomia do Estado frente a qualquer tradição religiosa e retirou o poder da Igreja Católica de importantes setores da vida pública e social.

O pluralismo religioso, cujas bases foram lançadas antes da proclamação da República, tinha, então, as prerrogativas e condições legais necessárias para se consolidar. Algo que, no entanto, não ocorreu de forma mágica, tampouco da noite para o dia.

Conforme já mencionamos, para Stark e Iannaccone (idem), os períodos subsequentes aos processos de dessacralização, são geralmente caracterizados por um certo grau de influência da firma monopolista nas questões do Estado, e consequentemente pela relação pouco amistosa com os demais segmentos religiosos que vão se instalando na sociedade. Dessa forma, conforme esses autores afirmam, há um intervalo de tempo entre o processo de dessacralização e a institucionalização de um pluralismo vigoroso, mesmo que este já esteja latente no interior do campo religioso.

No caso do Brasil, mesmo que a Proclamação da República tenha resultado na desregulamentação do mercado religioso brasileiro e contribuído para sua pluralização, a Igreja Católica ainda gozava de sua hegemonia e exercia profundas influências na vida política do país. Essa situação é evidenciada quando analisamos a condição histórica das religiões mediúnicas, indígenas, religiões de matriz africana e outras formas de vida religiosa de imaginários distintos do cristianismo que nas décadas seguintes a instalação da república era relegada à condição de curandeirismo, magia e “religiões do demônio”.

Como vimos, a presença protestante no Brasil já era um fato desde o século XIX, entretanto sua influência não era tão intensa no mercado religioso. Uma das principais vias que encontraram para sua inserção na sociedade foi através do sistema educacional, pela instalação de escolas confessionais, onde disseminavam sua mensagem.

Apesar desse esforço, até 1890, os protestantes não representavam sequer 1% da população brasileira. No censo do IBGE de 1940 esse percentual chegou na casa de 2,6%. As demais tradições religiosas, muitas das quais careciam de legitimação social e de serem reconhecidas como religiões, neste mesmo censo foram categorizadas como “outras religiões” e representavam somente 1,9% da população.

Esse cenário foi sendo modificado gradativamente a partir da primeira parte do século XX, mediante a luta por reconhecimento dos grupos religiosos minoritários, e pela efervescência religiosa do movimento pentecostal que se instalou no Brasil em 1910 e modificou profundamente a representatividade evangélico-protestante no mercado religioso.

1.4.1 A consolidação do pluralismo religioso no Brasil

A desregulamentação da economia religiosa brasileira teve impactos mais profundos no campo religioso somente a partir do século XX, que em sua primeira metade foi marcado pela desordenada urbanização do Brasil e por sua transformação econômica e industrialização, essa última intensificada especialmente a partir de 1930.

Na esteira dessas mudanças intensifica-se o processo migratório, que fez grande leva de pessoas deixarem o campo, que também passava por mudanças em razão da modernização do processo produtivo, em direção às grandes cidades, visando obter oportunidades de trabalho e melhores condições de existência. Juntamente com as mudanças no âmbito jurídico que institucionalizou a liberdade religiosa, a crescente urbanização foi crucial para a reestruturação do mercado religioso brasileiro, ainda em processo de consolidação do pluralismo.

O pluralismo religioso, no entanto, não se consolidou sem a luta pela legitimidade de crenças e práticas de determinadas expressões religiosas não católicas. Essas tensões se iniciam ainda na República Velha (1889-1930) e se estendem durante o Estado Novo (1930- 1945).

Nesse período, embora a sociedade já desfrutasse de liberdade religiosa, o Estado Republicano em parceria com a Igreja Católica ainda classificava diversas práticas religiosas populares, como magia e curandeirismo. Sobre essa questão, Montero (2006, p. 12) afirma⁷:

⁷ Negrão (2008, pp. 266, 267) compartilha dessa mesma ideia ao afirmar que: A proclamação republicana, contudo, não significou a perda da hegemonia católica e de sua influência na vida cultural e política brasileira. A Igreja

Ainda que a constituição republicana tenha proibido ao Estado interferir na religião e tenha garantido a liberdade de culto, a repressão às práticas tidas como “mágicas” (e portanto, não religiosas) perdurou até meados do século passado. Durante meio século práticas de cura, danças, tambores, reuniões de possessão, sacrifícios de animais enfrentaram a ordem repressiva do Estado, ora porque desafiavam a moralidade pública, ora porque perturbavam o sossego das famílias, ora porque levavam à histeria e outras doenças, ora porque eram simples expressão de incivilidade e “barbárie”.

Essa repressão, que marcou a relação entre Estado e religião na primeira metade do século XX, e que se configurou a partir de bases científicistas, em face da predominância do catolicismo como religião ‘verdadeira’, além de mostrar a fragilidade da liberdade religiosa instituída, também aponta para o pluralismo como uma condição sociocultural que se estruturou à custa de tensões e conflitos entre agentes políticos, religiosos e outros atores sociais, especialmente da classe médica e intelectual da época.

Em face ao poder do Estado de definir o que era e o que não era religião, coube aos grupos religiosos estigmatizados responderem às ações estatais se organizando associativamente em prol da defesa de suas crenças e práticas. Nesse sentido, conforme aponta Montero (2006, p. 13) “o próprio processo de repressão a essas práticas consideradas “selvagens” e antinômicas à ordem pública contribuiu para que elas fossem progressivamente assumindo a forma legítima de “religião”, de modo a constituir o “pluralismo religioso” tal como ele se apresenta hoje na cena pública brasileira.

Durante todo século XX, movimentos favoráveis a grupos religiosos marginalizados foram cruciais para construção do pluralismo religioso. A partir da década de 1980, com a ascensão dos movimentos de crítica ao racismo religioso, esses grupos marginalizados ganharam cada vez mais visibilidade. Para o mercado religioso isso significou a afirmação da liberdade religiosa, intensificação da concorrência e ampliação das ofertas religiosas.

Esse longo processo de afirmação histórica do pluralismo no Brasil representou, segundo Ribeiro (2023), a redefinição do perfil religioso da nação, tendo em vista que resultou na afirmação religiosa das tradições indígenas e afro brasileiras; na maior visibilidade das religiões orientais e presença pública do judaísmo e islamismo; na popularização do Espiritismo Kardecista, dos Mórmons e das Testemunhas de Jeová; na ascensão das religiões espiritualistas que se configuram em torno do movimento da Nova Era; no surgimento e fortalecimento dos movimentos de renovação do catolicismo e pelo crescimento dos evangélicos, em especial das igrejas pentecostais e neopentecostais.

Católica continuou a cooperar eventualmente com o Estado Republicano, como no combate às heresias messiânicas, e a impor seus princípios religiosos às constituições, como a proibição do divórcio e do aborto legal.

1.4.2 Os pentecostais no Brasil e o surgimento e expansão do neopentecostalismo

Entre as diversas mudanças ocorridas no século XX, o surgimento do pentecostalismo se destacou como um marco significativo para o mercado religioso brasileiro. Esse segmento religioso chegou ao Brasil por meio do missionário italiano Luigi Francescon, que fundou a Igreja Cristã do Brasil em 1910, e, posteriormente, pelos suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, fundadores das Assembleias de Deus no Brasil em 1911.

Ainda que essas duas instituições tenham se instalado em locais diferentes, e passado por distintos processos de crescimento, é importante notar que a partir delas o trabalho religioso e o crescimento dos evangélicos no Brasil tomaram um rumo bem diferente daquele promovido pelas igrejas protestantes históricas.

Freston (1993) utilizou a metáfora das ondas para analisar as diferentes fases de expansão do pentecostalismo no Brasil. Segundo o autor, a primeira onda teve início em 1910, com o surgimento da Congregação Cristã do Brasil e da Assembleia de Deus. A segunda onda compreende o período entre 1950 e 1970, marcando o surgimento de igrejas como a Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e a Deus é Amor (1962). Já a terceira onda ocorreu a partir do final da década de 1970, com o surgimento da Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e da Igreja Internacional da Graça de Deus (1980).

Os primeiros templos da Congregação Cristã no Brasil foram estabelecidos nos estados do Paraná e de São Paulo. As Assembleias de Deus, por sua vez, tiveram origem na cidade de Belém do Pará. A partir desses estados se espalharam para outros lugares do país. O estado de São Paulo foi o principal centro de expansão da segunda onda pentecostal, enquanto o Rio de Janeiro se destacou na terceira. Ambos os estados se consolidaram como os principais polos de crescimento do segmento pentecostal no Brasil.

O sociólogo Ricardo Mariano, apresentando uma alternativa diferente daqueles que entendem o crescimento pentecostal como resposta aos efeitos das transformações socioeconômicas, migração e urbanização do Brasil, defende a tese de que a expansão e consolidação pentecostal no Brasil foi fruto “do trabalho de seus agentes religiosos, da organização denominacional e das atividades e estratégias evangelísticas implementadas por suas lideranças eclesíásticas” (MARIANO, 2001, p. 9).

Relativamente aos impactos do crescimento pentecostal para o campo religioso brasileiro, Mariano (2010, p. 5) também comenta:

Ao longo dos últimos cem anos, a expansão pentecostal no país contribuiu para transformar o campo religioso brasileiro, para consolidar o pluralismo religioso e para constituir um mercado religioso competitivo no país. O avanço pentecostal no Brasil contribuiu para intensificar o declínio numérico da Igreja Católica e da Umbanda e para “pentecostalizar” parte do protestantismo histórico e do próprio catolicismo.

Em outras palavras, o processo de pluralização da cultura religiosa brasileira cujas origens remonta à chegada dos protestantes ao Brasil, e a institucionalização da liberdade religiosa no país, passa a vigorar com mais robustez, justamente nesse contexto de proliferação das firmas pentecostais, que passaram a congregar multidões de fiéis em seus templos. Em última instância, trata-se de um movimento multifacetado que se espalhou nas grandes e pequenas cidades do país, marcando sua presença inclusive em lugares onde muitas igrejas protestantes tradicionais se mantinham ausentes.

Dado à falta de homogeneidade desse movimento, que apresenta diferenças, tanto em termos organizacionais como no âmbito das suas crenças e práticas, Mariano (2014), a partir de uma análise histórico-institucional, optou por classificá-lo como: pentecostalismo clássico, em referência às igrejas Congregação Cristã do Brasil e Assembleias de Deus, que inauguraram esse segmento religioso no Brasil; deuteropentecostalismo, em referência às igrejas de segunda onda; e neopentecostalismo, aplicado às igrejas de terceira onda.

O pentecostalismo clássico e o deuteropentecostalismo possuem muitas semelhanças. O primeiro, além da sua rígida postura sectária e ascetismo de rejeição de mundo, elemento bastante forte especialmente nos anos iniciais desse segmento, é caracterizado também pela crença no batismo com o espírito santo, evidenciado pelo ‘falar em línguas celestiais’, pela crença nos dons espirituais e pelo discurso salvacionista, ornamentado por uma escatologia de projeção futurista e utópica.

O deuteropentecostalismo, por sua vez, conserva em seu núcleo doutrinário as principais crenças do pentecostalismo clássico, tendo se notabilizado por suas grandes cruzadas de evangelização em massa e por sua ênfase especial no dom de cura divina, motor do crescimento dessas igrejas em todo país (MARIANO, 2014).

O neopentecostalismo, que também adota a crença nos dons espirituais e no batismo com o espírito santo, sem, entretanto, colocar as ‘línguas espirituais’ como critério para essa experiência, é o segmento que mais se afasta do núcleo geral de crenças do universo pentecostal tradicional.

O surgimento e expansão do neopentecostalismo ocorreu em um período que o Brasil passava por um amplo processo de urbanização, com cerca de 56% de sua população residindo nas cidades. Suas principais firmas religiosas, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e a

Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), foram fundadas em duas das principais metrópoles do país. Nessas circunstâncias, Passos (2005, p. 55) entende que essa tendência pentecostal representa até certo ponto:

(...) a adaptação do paradigma pentecostal ao capitalismo tardio, respondendo, paradoxalmente, às suas promessas falidas e adotando seus valores e estratégias culturais constituídas pelo primado estético. A lógica da experiência estética estrutura o mercado religioso neopentecostal na medida em que a experiência estética subjetiva emocional é o ponto de partida e o eixo dos discursos, da interpretação dos textos bíblicos, dos cultos e da espiritualidade dos grupos.

Entre os principais elementos que distinguem o neopentecostalismo dos paradigmas pentecostais anteriores, destacam-se: a exacerbação da ‘guerra espiritual’, com forte ênfase no dualismo cósmico; a propagação da teologia da prosperidade, fundada no sucesso financeiro e individualismo; a teologia do domínio, que fundamenta a ideia de conquista espiritual e política do mundo; o ascetismo de afirmação do mundo e a liberalização dos usos e costumes; a incorporação de símbolos religiosos do judaísmo; o discurso mágico-religioso e a utilização de objetos e substâncias consagradas como meios de obtenção de favores e bênçãos divinas. (MARIANO, 2014).

Oro (1992), por outro lado, corroborando o que já falamos na primeira parte deste capítulo sobre as empresas religiosas, enfatiza a lógica capitalista e o forte caráter empresarial das igrejas neopentecostais. Afirma, por exemplo, que a estrutura organizacional da IURD abrange elementos da gestão empresarial, como o marketing religioso, especialmente através do uso dos instrumentos de mídia que facilitam a propagação das suas crenças e práticas religiosas. Em síntese, é a incorporação dos elementos das burocracias e organizações empresariais, característico das agências religiosas que atuam em situação de livre mercado.

Carreiro (2007) também compartilha desse mesmo pensamento quando afirma que o caso do crescimento da IURD reforça o poder organizacional dessa instituição, que através do seu quadro técnico-administrativo consegue conservar tanto as suas relações de autoridade instituídas, como o seu eficiente sistema de supervisão e canais de comunicação, que, associado ao modelo de governo episcopal por ela adotado, facilita ainda mais a centralização do poder nas mãos de Edir Macedo, bispo fundador e líder maior da IURD.

Ainda nesse contexto de expansão do neopentecostalismo, surgiram, em São Paulo, a Igreja Renascer em Cristo (1986), e, em Brasília, a Comunidade Sara Nossa Terra (1992). Ambas foram pioneiras e fomentadoras do chamado movimento gospel, que nos anos 1990 foi

responsável pela modernização da música evangélica brasileira, por meio da inserção de novos ritmos, sobretudo o rock, como instrumento de evangelização de jovens (MARIANO, 2014).

Para Almeida Júnior (2008), a ascensão de comunidades como a Sara Nossa Terra colaborou para instauração de importantes mudanças no neopentecostalismo e um moderado afastamento das simbologias judaicas e dos objetos e substâncias mágicas usadas para acessar os favores divinos, típicos da IURD. Outro fator é o rol de membros dessas comunidades, formado por pessoas descontentes com suas ex-igrejas e em busca de novas experiências religiosas nessas comunidades, que também contam com a presença maciça de jovens e pessoas “descoladas” e “esclarecidas”, sem muito apego a liturgia e usos e costumes das igrejas tradicionais, sejam elas protestantes históricas ou pentecostais.

Loiola (2020), por sua vez, através do seu estudo da Sara Nossa Terra, destaca mudanças até mesmo no ethos do neopentecostalismo. Alguns dos elementos enfatizados por ele foram: a performance de igreja-escola, em razão do seu trabalho como formadora de líderes; organização em rede de células; abandono da postura de pastor-chefe pela figura do pastor-líder; a ênfase no sentimentalismo, no empoderamento pessoal e no individualismo; a destradicionalização da liturgia; a renovação da hinódia e opção pelo estilo *worship*, ou música de adoração contemporânea, que, como mantras, evocam a figura de Deus como um ser sublime e santo que manifesta sentimento de amor, justiça e fidelidade, gerando no fiel a sensação de esperança, paz e cuidado.

A teologia da gestão, que emergiu em um contexto de profundas transformações nas relações de trabalho da década de 1990, em decorrência da ascensão de novos modelos de gestão empresarial também pode ser assinalada como uma das inovações ocorridas no interior do neopentecostalismo. Essa categoria, agrega elementos da teologia da prosperidade, confissão positiva, psicologia positiva, empreendedorismo, ações de cuidado, e funciona como uma ferramenta de trabalho religioso que amplia a possibilidade dos líderes religiosos “formar, angariar, supervisionar, controlar, treinar, orientar, motivar e vocacionar, de forma contínua, racional, afetiva e espiritualmente, os seus adeptos” (LOIOLA, 2020, p. 207)⁸.

⁸ A Teologia de Gestão (TG), concebida por Loiola (2020), visa compreender as recentes inovações no âmbito do neopentecostalismo. Além das transformações estruturais na sociedade brasileira da década de 1990, a teologia da prosperidade, o sincretismo religioso e o treinamento vocacional secularizado são elementos cruciais para entender a TG. Embora essa categoria tenha sido elaborada a partir de estudos sobre a Sara Nossa Terra, ela oferece uma leitura de um processo de mudança na cultura neopentecostal que pode ser ampliada para analisar transformações nos discursos, práticas e cultura religiosa de diversas outras igrejas neopentecostais, especialmente aquelas que adotam novos modelos de gestão de pessoas. Nesse sentido, segundo esse autor: “A TG possui elementos da confissão positiva e da magia, princípios do empreendedorismo secular. É visivelmente sincrética, pois se apresenta como uma síntese doutrinária de outras confissões religiosas. Enfatiza também uma psicologia do desenvolvimento focando na inteligência emocional e no sucesso financeiro, além de arregimentar um sem número

Conforme Loiola (idem) já sublinhou em suas análises sobre a Sara Nossa Terra, outra característica fundamental desse novo momento do neopentecostalismo é sua organização a partir do modelo de “visão celular”. Esse modelo de crescimento é multifacetado e heterogêneo, mas possui uma estrutura comum: igreja gerida a partir de pequenos grupos, que se reúnem nas casas ou em outros espaços propícios ao culto com foco no discipulado.

A organização da igreja em pequenos grupos é um fenômeno bastante antigo no cristianismo. Foi uma prática desenvolvida pela igreja primitiva, mas que também teve ecos entre diversos grupos cristãos, como: os valdenses, o pietismo, o metodismo de John Wesley e os anabatistas (ALMEIDA, 2019). Esses movimentos, no entanto, nunca conseguiram implantar e consolidar um modelo que fosse seguido por outros movimentos e igrejas a ponto de se tornar hegemônico no mercado religioso.

A partir da segunda metade do século XX, a principal referência desse modelo passou a ser o pastor sul-coreano David Yonggi Cho, líder da Igreja do Evangelho Pleno de Seul. Através do trabalho em pequenos grupos, sua igreja cresceu de 2.400 membros em 1964 para 700.000 membros em 1993, com milhares de grupos e líderes (COMISKEY, 2008).

Se David Yonggi Cho foi o pioneiro desse modelo, por outro lado, seu principal divulgador foi o pastor batista Ralph Neighor, que desde 1970 treina líderes por todo o mundo e ajuda no processo de transição de igrejas do modelo tradicional para a visão celular de crescimento.

A partir da década de 1980, o significativo crescimento da igreja de David Yonggi Cho na Coreia do Sul, resultado do chamado “avivamento da Coreia”, inspirou líderes evangélicos brasileiros a buscarem implantar um modelo semelhante em terras nacionais. Foi nesse contexto que foi criado o Movimento de Igreja em Células (MIC), organização pioneira no treinamento da visão celular no Brasil.

O MIC baseou-se no modelo desenvolvido por Ralph Neighor, e foi fundado pelo pastor Robert Lay, discípulo direto de Neighor e pastor da igreja Irmãos Menonita, de Curitiba, Paraná. Com o objetivo de promover a transição de igrejas tradicionais para o modelo celular, Robert Lay e sua equipe empreenderam diversas viagens pelo Brasil, oferecendo treinamentos e orientações a líderes religiosos. Essa iniciativa contribuiu significativamente para a

de técnicas de gestão, comunicação e marketing, encontrando no coaching a sua principal ferramenta para gerir, treinar e conduzir pessoas no cumprimento de uma vocação divina orientada para a sociedade de consumo. Sua finalidade, portanto, é oferecer um pacote de ferramentas diversificadas na forma de tutoria e mentoria pastoral, com o objetivo de otimizar e capacitar os fiéis a desenvolverem não apenas virtudes morais e cristãs, mas virtudes administrativas, políticas e missionárias. Isso faz com que esses indivíduos aprendam a gerir suas vidas financeira, afetiva, espiritual e profissional” (LOIOLA, 2020, p. 216).

disseminação do modelo celular e para a transformação da dinâmica das igrejas evangélicas brasileiras⁹.

Outro movimento que contribuiu para disseminação da visão celular de crescimento foi o Governo dos Doze (G12), fundado por César Castellanos, líder da Missão Carismática Internacional (MCI) em Bogotá, na Colômbia. A implantação desse modelo ocorreu em 1991 e foi adaptada do modelo de David Yonggi Cho. Embora reconhecesse essa inspiração, Castellanos preferiu afirmar que se tratava de um modelo que lhe fora dado por Deus por meio de uma “visão profética”.

No Brasil, o G12 chegou partir da segunda metade dos anos de 1990, e teve entre seus principais divulgadores a apóstola Valnice Milhomens, da Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (INSEJEC)¹⁰, e o apóstolo Renê Terra Nova¹¹. Outros líderes considerados importantes para consolidação desse movimento no mercado religioso brasileiro foram: o pastor Márcio Valadão, da Igreja Batista Lagoinha, e o apóstolo Sinomar Oliveira, que com vários outros agentes evangélicos formaram uma espécie de “organização sacerdotal” para a instauração da “visão do modelo celular” no Brasil (DIAS, 2009).

⁹ Em entrevista concedida ao *site* gospel guia-me, o pastor Robert Lay afirma o seguinte sobre seu trabalho com pequenos grupos: Eu comecei com grupos pequenos quando estava estudando nos Estados Unidos, em 1981. Naquela oportunidade, fiz um curso em vídeo cassete com o Dr. Ralph Neighbour e ali foi meu primeiro encontro, o primeiro impacto que recebi sobre vidas, sobre relacionamentos, porque a igreja do Novo Testamento era vida em comunidade, baseada em relacionamentos, e aquilo me impactou. Quando voltei dos Estados Unidos comecei um trabalho na nossa igreja com grupos pequenos e depois recebi um convite, alguns anos depois, para ir para Cingapura, onde encontrei o Dr. Ralph Neighbour. Fiquei seis semanas na igreja onde ele estava ajudando a fazer a transição e implantação de células e aquilo foi a minha primeira experiência de um modelo completamente funcional já. De lá, voltei com muitos materiais, comecei a traduzir e a adaptá-los. Alguns pastores amigos começaram a me perguntar como poderiam fazer [esse novo modelo]. Então fui a um congresso de células nos Estados Unidos, em 1995, um dos primeiros lá, e trouxe material do Dr. Ralph Neighbour que se chama “O Ano da Transição”, um ensino ajudando as igrejas a fazerem a transição e a implantar células através de quatro módulos. Traduzimos esses módulos, o Dr. Ralph Neighbour veio para o Brasil ministrou o primeiro módulo; o Dr. Bill Baker ministrou o segundo, o terceiro e o quarto. E a partir daí começamos a viajar pelo Brasil, a publicar materiais e a ajudar as igrejas a fazerem a transição para células. (BERNADO, Adriana. É o avivamento, o Espírito que faz as igrejas crescerem”, diz Pr. Robert Lay. Guia-me, 2015) Disponível em: <https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/e-o-avivamento-o-espírito-que-faz-igrejas-crescerem-diz-pr-robert-lay.html>. Data de acesso: 19/11/2023.

¹⁰ Valnice Milhomens, natural de Carolina, Maranhão, é uma pastora neopentecostal formada em Assistência Social, Educação Religiosa e Teologia. Foi Missionária em Moçambique por 13 anos pela Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira. Em 1994 fundou na cidade de São José dos Campos, estado de São Paulo, a Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo. A partir de 1999 passou a fazer parte da equipe internacional dos doze de César Castellanos, sendo inclusive uma das tradutoras dos livros desse líder religioso no Brasil. Em 2001 Milhomens foi consagrada a apóstola por Rony Chaves.

¹¹ Renê Terra Nova iniciou sua trajetória religiosa na Igreja Batista de Feira de Santana. Em 1981 foi enviado para estudar teologia no Seminário Teológico Batista do Norte, em Recife, Pernambuco, onde também cursou mestrado em Psicologia Pastoral. No ano de 1990 iniciou seu trabalho pastoral na Igreja Batista Memorial de Manaus de onde se desligou para fundar em 1992 a Primeira Igreja Batista da Restauração de Manaus que posteriormente passou a se chamar de Ministério Internacional da Restauração. Nessa igreja ele começa a implementar pequenos grupos, influenciado pela igreja de David Yonggi Cho. Sua mudança para o G12 aconteceu entre os anos de 1997 e 1998 quando passou a ter contato com César Castellanos e iniciou a adaptação desse modelo em sua igreja, a ruptura ocorreu em 2005 (cf. <https://www.reneterranova.com.br/biografia>. Data de acesso: 20/11/2023).

A figura de Renê Terra Nova é especialmente relevante. Inicialmente, era um dos representantes do G12 no Brasil, até romper com Castellanos e iniciar seu próprio projeto intitulado de Modelo dos Doze (M12), vinculado ao Ministério Internacional da Restauração (MIR), igreja que ele mesmo fundou em Manaus.

Através desta base, Renê Terra Nova realiza anualmente conferências e congressos, e recebe pessoas de diversos lugares do Brasil e do mundo para treinamentos e consagração à função de apóstolo. Para se manter forte e ampliar o seu raio de influência no mercado religioso, Renê Terra Nova criou em vários estados brasileiros as redes apostólicas, que, por meio de seus líderes, realizam os congressos estaduais do M12 e dão cobertura espiritual às igrejas que passam pelo processo de celularização.

Foi importante também para a consolidação da visão celular no Brasil o Modelo de Discipulado Apostólico (MDA), fundado pelo pastor Abe Huber, líder da Igreja da Paz (1976) de Santarém, Pará. Ainda que afirme ter sido um projeto que lhe foi revelado por Deus, trata-se na verdade de uma adaptação dos modelos existentes, cuja consolidação ocorreu em 1999. Com a adesão de Abe Huber a esse modelo, a Igreja da Paz se tornou um grande polo de treinamentos na visão MDA para líderes evangélicos de todo país.

É importante enfatizar que esses modelos, pensados como alternativas de gerenciamento e administração de pessoas, são estruturados por meio de rupturas de modelos de gestão tradicional, impactando diretamente o âmbito das organizações religiosas. Nesse aspecto, o campo evangélico é provavelmente o segmento mais inovador e disruptivo entre as organizações religiosas, principalmente devido à forte concorrência religiosa, que força as lideranças evangélicas a reinventarem seus modelos organizacionais e administrativos para se manterem competitivas no mercado.

O modelo de visão celular, como disse antes, é bastante heterogêneo. Entretanto, em sua configuração básica, trata-se de um sistema de evangelização que consiste em formar pequenas células ou grupos de até doze membros com objetivo de os capacitar para formarem outras células e ganharem mais doze pessoas e assim continuar multiplicando o número de membros da igreja. Associados a essa estratégia estão: os ‘encontros com Deus’, onde o participante recebe ensinamentos e passa por ministrações de cura emocional, libertação e avivamento espiritual; as escolas de liderança, que oferecem cursos de formação às pessoas que vão sendo arregimentadas pelas igrejas que adotam esse sistema de crescimento.

Pautadas nessas práticas e discursos, diversas igrejas no Brasil adotaram esse sistema de evangelização, sendo as mais conhecidas as seguintes: o Ministério da Restauração, Manaus

(AM); a Igreja Batista da Lagoinha, Belo Horizonte (MG); a Igreja Renascer em Cristo, São Paulo (SP); a Comunidade Sara Nossa Terra, Brasília (DF), a Igreja Bola de Neve, São Paulo (SP), a Igreja Videira, Goiânia (GO) e várias outras espalhadas nas capitais e nas grandes, médias e pequenas cidades do país.

Como geralmente acontece em períodos de renovação religiosa, os idealizadores da visão celular associam esse modelo à figura de Jesus, em seu trabalho com os doze discípulos, e à igreja primitiva, que realizava suas reuniões de celebração nos lares sem qualquer pompa ou institucionalidade eclesial. Nesse sentido, para os líderes desse movimento, implementar esse sistema de crescimento é acima de tudo retornar a um modelo ‘genuinamente’ cristão e bíblico.

Não por acaso, muitas dessas igrejas também estão ligadas ao movimento da “restauração apostólica” ou “nova reforma apostólica”, que tem o teólogo estadunidense Charles Peter Wagner como um dos seus principais mentores. Entre outras coisas, esse movimento defende a crença na restauração do ofício apostólico e do modelo de governo de igreja baseado na autoridade apostólica. Para os seus idealizadores a reforma apostólica representa tanto a restauração dos dons espirituais, como a entrada da igreja numa nova era apostólica, como preparação para o segundo advento de Cristo (LOPES, 2014).

No Brasil, um dos principais mentores desse movimento foi o apóstolo costarriquenho Rony Chaves, fundador do ministério *Avance Misionero Mundial*, e importante líder do movimento apostólico internacional. Ele foi responsável por disseminar em muitas igrejas brasileiras essa nova mensagem, que já circulava internacionalmente.

Na visão desse líder, duas formas da igreja apostólica se organizar é: a partir das chamadas “redes apostólicas”, responsáveis por manter agrupamentos de igrejas sob o cuidado de um apóstolo; ou, para usar uma expressão do movimento, mediante a “cobertura espiritual”, que grosso modo, significa submeter líderes religiosos, que estão na transição para esse movimento ou fundando novas igrejas, à orientação, instrução e autoridade espiritual de um apóstolo (LOPES, 2014).

Tanto a visão de crescimento celular como o fenômeno da reforma apostólica, adotadas por muitas igrejas neopentecostais, possuem particularidades que demandam dos seus líderes a implementação de mudanças no modo como eles realizam a gestão de suas igrejas.

1.4.2.1 Organização e gestão das igrejas neopentecostais

Quando falamos de organizações eclesásticas é importante ressaltarmos duas dimensões presentes nessas instituições. A primeira delas é a dimensão simbólica e religiosa,

carregada de elementos sagrados e espirituais, e que possui sua relevância nas tomadas de decisões, estabelecimento de estratégias e planos de ação da igreja. A outra dimensão é a material e institucional, que assimila elementos do mundo administrativo e econômico e estabelece os limites organizacionais das igrejas.

A circulação do poder nas igrejas acontece nessas duas dimensões, e mediante a formação de uma estrutura organizacional constituída por uma hierarquia espiritual e administrativa, sob a justificação de que a composição hierárquica da igreja é fruto da designação divina para o aperfeiçoamento dos fiéis.

Na esfera eclesiástica, os termos 'governo de igreja' e 'governo eclesiástico' referem-se aos modelos administrativos das igrejas, que se dividem em três principais tipos: congregacional, presbiteriano e episcopal.

O modelo congregacional enfatiza a autonomia local das igrejas e a participação dos fiéis nos processos decisórios congregacionais. O modelo presbiteriano, por sua vez, baseia-se em um conselho de presbíteros ou anciãos que compõem a hierarquia eclesiástica. As igrejas batistas são exemplos de instituições que utilizam o modelo congregacional, e as presbiterianas, o modelo de governo formado por presbíteros.

Nas igrejas neopentecostais prevalece o governo eclesiástico episcopal, que segundo Carreiro (2012, p. 148), tem por característica a “concentração de poder nas mãos dos funcionários eclesiásticos da instituição, poder esse que permite governar a igreja com grande nível de independência, tanto em relação ao laicato, quanto em relação aos demais líderes de outras congregações irmãs”. O bispo maior da igreja, geralmente o fundador, é o que detém mais poder e autonomia com relação aos demais membros do corpo hierocrático.

Das instituições neopentecostais, a Igreja Universal do Reino de Deus, é um interessante exemplo de implantação do episcopalismo. Sua hierarquia, baseada no discurso da autoridade divina, se estrutura a partir da figura do bispo Edir Macedo, fundador da igreja, seguido pelo conselho mundial de bispos, pelo conselho de bispos do Brasil e pelo conselho de pastores. O poder de decisão, porém está nas mãos de Edir Macedo, que possui total autonomia para trocar pastores nas filiais da IURD e realizar diversas outras ações sem qualquer dependência dos conselhos, e muitos menos dos fiéis, que ficam totalmente à parte dos processos decisórios da igreja (MARIANO, 2014).

O fato dessa instituição ter surgido no contexto das transformações sociais e econômicas dos anos de 1970, fez com que ela também agregasse em sua gestão organizacional elementos específicos do mundo empresarial moderno, caracterizado pela racionalização e pragmatização

da esfera administrativa. Nessas circunstâncias, o modelo organizacional da IURD configura-se como um sistema administrativo centralizado, composto por agentes religiosos e profissionais técnico-administrativos formando um sistema de gestão que agrega a força do carisma e a capacidade técnica do mundo empresarial, conjugando as categorias ‘governança religiosa’ e administração (CARREIRO, 2012).

Com a proliferação das igrejas em células a partir de 1990, a estrutura organizacional das igrejas neopentecostais passou por significativas mudanças. O governo eclesástico episcopal conservou sua primazia, entretanto, em razão da necessidade dessas igrejas disporem de um modelo de gestão capaz de atender as demandas do sistema de crescimento em células, e do próprio mercado religioso, houve consequentemente modificações no sistema de gestão organizacional das igrejas vinculadas à visão celular de crescimento.

Um exemplo basilar é o da Igreja Sara Nossa Terra, que, como afirma Loiola (2020), tem sua estrutura hierárquica baseada numa “perspectiva apostólico-profética”, incorporando elementos simbólicos do profetismo do Antigo Testamento e do modelo de discipulado apostólico do Novo Testamento. A estruturação de igrejas a partir dessa perspectiva existe contribui para legitimar o poder espiritual do(s)/da(s) apóstolo(s)/la(s), líder(es) maior(es) da igreja, que, no caso da Sara Nossa Terra, são as figuras do apóstolo Robson Lemos Rodovalho e da apóstola Lúcia Rodovalho:

A partir de um sistema de governo episcopal, tendo na sua presidência o apóstolo Robson Lemos Rodovalho e a apóstola Lúcia Rodovalho, a Sara Nossa Terra possui um colégio de bispos, conhecido como “Conselho de Bispos”, cujos bispos/bispas também são conhecidos(as) como “bispos(as) nacionais”. Este Conselho supervisiona os(as) bispos(as) regionais, que, por sua vez, são assessorados pelos bispos auxiliares. Abaixo destes, estão os(as) pastores(as) coordenadores, os(as) pastores(as) titulares e auxiliares, os(as) missionárias(os), os(as) diáconos/diaconisas, os(as) obreiros e obreiras, os(as) líderes de células e os membros em geral (LOIOLA, 2020, p. 99).

Diferentemente da figura do bispo, o modelo apostólico-profético é centrado na figura do apóstolo. Entretanto, em sua cadeia hierárquica admite bispos, pastores, missionários e demais obreiros, algo que varia conforme cada instituição.

A adoção da perspectiva apostólico-profético não significa o abandono do modelo de governo episcopal, mas apenas a inserção de novos cargos em sua estrutura organizacional, como é o caso dos líderes e supervisores de células, que apesar de estarem em posições mais baixas na cadeia hierárquica, formam o grupo quem mantém um contato mais próximo com os membros da igreja.

Ainda que o modelo de governo episcopal não seja modificado, no que diz respeito à gestão de pessoas, ocorrem determinadas mudanças. Além da necessidade de concorrer com as demais firmas do mercado religioso, essas mudanças surgem em virtude dessas igrejas terem de se adaptar ao contexto de mudança social dos anos de 1990, marcado pela abertura da economia do país, pela reestruturação do mundo do trabalho e pela ascensão das tecnologias da informação.

No âmbito da teoria das organizações, a dinâmica que perpassa essa relação entre organização e ambiente social é indispensável para compreensão das mudanças organizacionais. Nessa perspectiva as organizações devem ser compreendidas como sistemas abertos, isto é, em constante inter-relação com o espaço social, cultural, e econômico em que estão inseridas, algo que consequentemente tem influência no modo como elas se estruturam organizacionalmente.

Em termos gerais, a lógica organizacional das igrejas em células, de certa forma, apresenta um retrato do processo de pulverização do campo evangélico brasileiro, marcado pelo vertiginoso crescimento dos empreendimentos neopentecostais autônomos, que em sua grande maioria se estruturam unicamente a partir da figura do seu líder fundador, muitos dos quais são apóstolos, bispos e pastores que centralizam o poder e, internamente, contam com o auxílio do seu conselho denominacional, formado por líderes de segundo escalão, alguns dos quais estiveram presentes no processo de fundação da igreja.

Essa tendência se tornou ainda mais recorrente a partir do surgimento do movimento de restauração apostólica, quando muitas médias e pequenas igrejas, desejosas por crescimento, se subordinaram a figuras dos apóstolos que treinam e orientam as lideranças dessas igrejas no sistema de crenças desse movimento.

Vimos que, no Brasil, um dos maiores representantes desse movimento é o M12, que possui diversas redes apostólicas em vários estados brasileiros, através das quais oferece ‘cobertura espiritual’ e treinamento para várias igrejas que aderem ao movimento.

Além dos movimentos já citados até aqui (MIC, M12 e MDA), decorrente dessa pulverização, tem havido o surgimento e crescimento de muitas outras agências especializadas no fornecimento de cursos, treinamentos, mentoria, congressos, conferências e *workshops* para auxiliar essas lideranças religiosas. Os produtos ofertados por essas agências possuem recursos para todas as faixas etárias, e variam entre eventos destinados exclusivamente para as igrejas, bem como soluções em gestão e comunicação.

A pulverização do campo evangélico, no qual o segmento neopentecostal está inserido, representou a multiplicação de empresas religiosas no Brasil e o acirramento da concorrência no mercado. Nosso próximo passo é tentar compreender como essa lógica tem atravessado o mercado religioso de Imperatriz, e de que modo as firmas religiosas desta cidade têm reagido a esse novo momento do mercado religioso brasileiro caracterizado por rápidas mudanças e alto grau de competitividade.

CAPÍTULO 2 - O MERCADO RELIGIOSO DE IMPERATRIZ- MA E A FUNDAÇÃO DA IGREJA EVANGÉLICA NOVA ALIANÇA

No primeiro capítulo apresentamos algumas das principais categorias da teoria do mercado religioso, destacando a relevância dos processos de urbanização, especialização cultural e secularização para a formação e desenvolvimento dos mercados religiosos. Também enfatizamos o papel das firmas religiosas, que, através do seu trabalho, são responsáveis por fornecer produtos e serviços visando tanto atender a demanda dos consumidores, como também se manterem competitivas no mercado.

A cidade, enquanto espaço social formado por uma extensa rede de lealdade e solidariedade entre os grupos sociais, é o lugar onde os processos religiosos ocorrem com bastante especificidade. A formação da cidade está intimamente ligada aos processos econômicos e políticos, sendo o espaço onde se desenvolvem mercados, instituições e outras formas de vida, como a religião (OLIVEN, 2009).

Seguindo essa lógica, analiso neste capítulo o surgimento e a estruturação do mercado religioso de Imperatriz, como um fenômeno sócio-histórico que se desenvolveu em meio ao fluxo de relações e processos sociais, tais como migração e urbanização, ocorridos na esteira dos processos de ocupação da fronteira Amazônica maranhense, e em particular da formação da cidade de Imperatriz, principal centro econômico e urbano do sul do Maranhão.

Na segunda parte do capítulo, discorro sobre o surgimento e institucionalização da Igreja Evangélica Nova Aliança, destacando elementos presentes nas narrativas sobre sua origem e institucionalização, e alguns aspectos das suas práticas e representações.

2.1 A cidade de Imperatriz: do rural ao urbano

A cidade de Imperatriz está localizada no sudoeste do estado do Maranhão, na região da Amazônia maranhense, espaço de fronteira¹², marcado pela presença de diferentes grupos humanos e organizações políticas, que a partir dos seus respectivos projetos de poder tem estabelecido nesta região suas distintas lógicas de ocupação e representação social da terra¹³.

¹² De acordo com José de Souza Martins (2009), a categoria fronteira pode ser compreendida como o lugar do conflito, e do encontro e desencontro entre diferentes agentes sociais, que a partir de distintas temporalidades históricas e visões de mundo constroem nesse espaço social suas estruturas de poder.

¹³ A atual configuração socioespacial da Amazônia maranhense é produto histórico dos processos de exploração e dos conflitos entre os diversos atores que ocupam e produzem esse espaço. Condição que reflete a lógica do que tem ocorrido de modo mais amplo no território da Amazônia brasileira, que em diferentes períodos históricos vem sendo ocupada e explorada sob o discurso político da modernização e do desenvolvimento. A história de Imperatriz, portanto, não pode ser pensada à parte desses processos. Tanto a sua fundação como a sua expansão, ocorreram em meio ao avanço das frentes colonizadoras (CABRAL, 1992; FRANKLIN, 2005; BEZERRA, 2018)

Sua fundação é datada de 1852, e foi resultado do trabalho de uma expedição de colonização criada pela província do Pará, formada por militares, colonos e pelo Frei Manoel Procópio. Inicialmente recebeu o nome de Colônia Militar de Santa Teresa, em 1856 passou a ser chamada de Vila Nova de Imperatriz, e posteriormente apenas de Imperatriz. Em 1924 a vila foi elevada à categoria de cidade.

Até a segunda metade do século XX, teve um lento crescimento e permaneceu isolada, tanto da capital São Luís, como dos principais centros econômicos das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Essa situação foi modificada em 1953 com a construção da estrada que liga Imperatriz a Grajaú.

Maiores mudanças só tiveram início a partir de 1958 com a construção da parte maranhense da Rodovia Belém-Brasília. Inaugurada em 1974, passou a integrar Imperatriz à cidade de Belém e à região Centro Oeste do país. A construção dessa rodovia foi parte dos projetos desenvolvimentistas do governo federal, voltado para a ocupação e integração nacional da Amazônia. Foi nesse contexto que a cidade passou por um acelerado e desordenado crescimento urbano e reestruturação socioeconômica.

Velho (2009, p. 23), descreve o crescimento de Imperatriz no período de construção da Rodovia Belém-Brasília como algo “extraordinário”, em comparação à sua condição anterior, de cidade estagnada, com população pequena e rural, sem muitas alternativas de transportes e cujo desenvolvimento esteve vinculado às suas relações comerciais com a cidade de Marabá.

Com relação ao seu crescimento populacional, os censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que entre 1950 e 1960 a população do município dobrou, saindo de 14.064 para 39.169 habitantes. Nas décadas posteriores, período em que a construção da Belém-Brasília já havia sido finalizada, esse crescimento foi ainda maior. Vejamos a tabela a seguir.

Tabela 1 - Crescimento populacional do município de Imperatriz entre 1950 a 2010

Censo	População	População Urbana %		População Rural %	
1950	14.064	*	*	*	*
1960	39.169	8.987	23%	30.182	77%

que se estabeleceram na parte sul do estado do Maranhão em meados do século XVIII, e a partir da implementação de projetos políticos de integração nacional da Amazônia à lógica produtiva do capital, que teve início particularmente por volta da segunda metade do século XX. Em suas primeiras décadas de existência sua população era composta principalmente por colonos maranhenses e nordestinos, e por fazendeiros criadores de gado, que chegaram ao povoado através da frente pastoril. Nessas circunstâncias sua economia se estruturou em torno da agricultura de subsistência, pecuária e comércio de carne e couro, realizados com as províncias do Goiás e Pará através do rio Tocantins (FRANKLIN, 2008).

1970	80.827	34.698	44%	46.129	56%
1980	220.095	111.619	51%	108.460	49%
1991	276.501	210.051	76%	66.451	24%
2000	230.566	218.673	95%	11.893	5%
2010	247.505	234.547	95%	12.958	5%

Fonte: Adaptada de Costa (2019) a partir dos dados do IBGE. (*) Informação indisponível.

Conforme a tabela 1, o período em que o município de Imperatriz mais cresceu foi exatamente nas décadas posteriores à construção da Rodovia Belém-Brasília, em particular entre 1960 e 1980, quando sua população aumentou em cerca de 562%, representando um crescimento de 180.926 em seu número de habitantes. Entre 1980 e 1991 esse crescimento foi na faixa de 126%, ampliando em 56.406 o número total dos habitantes do município.

No censo de 2000, sua população diminuiu, e foi reduzida de 276.501 para 230.566 habitantes. Essa variação pode ser explicada em razão da emancipação de seis distritos municipais¹⁴, que foram elevados à categoria em 1994. Por outro lado, a concentração urbana da população de Imperatriz, que já estava crescendo nas décadas anteriores, saltou de 76% em 1991 para 95% no censo de 2000, algo que também pode ser explicado em razão do desmembramento dessas cidades. No censo de 2010 sua população voltou a crescer, em comparação com o censo anterior, e o percentual de habitantes na zona urbana permaneceu em 95%.

Os impactos da construção da Rodovia Belém-Brasília também provocaram efeitos na economia de Imperatriz. Entre as décadas de 1950 e 1980, contexto de construção da rodovia, suas principais atividades produtivas eram extrativistas, com destaque para o ciclo do arroz, ciclo da madeira e para o ciclo do ouro. A indústria de transformação, o comércio de mercadorias, a prestação de serviços e outras atividades de caráter mais urbano se destacaram somente a partir dos anos de 1980 (FRANKLIN, 2008; NOGUEIRA, 2013).

Como resultado desse crescimento, Imperatriz se tornou a segunda maior cidade do estado do Maranhão, e ainda na década de 1980 alcançou o posto de principal centro econômico e urbano de sua microrregião¹⁵. Sua importância, entretanto, vai além dessa localidade e perpassa um grande número de cidades, abrangendo uma zona regional que integra os estados do Tocantins e Pará.

¹⁴ Os distritos que foram municipalizados em 1994 formam atualmente as cidades de Davinópolis, Ribamar Fiquene, São Francisco do Brejão, Cidelândia, Vila Nova dos Martírios e São Pedro da Água Branca.

¹⁵ A microrregião em que Imperatriz está localizada abrange atualmente 16 municípios maranhenses e totaliza uma população de aproximadamente 566.701 habitantes.

Para Gomes Júnior (2015) o ganho de importância de cidades intermediárias como Imperatriz tem a ver com a pouca quantidade de cidades com oferta de bens e serviços que atendam as regiões em que estão localizadas, e com ações políticas de integração nacional, que favoreceram o desenvolvimento dessas cidades. Por outro lado, a intensificação e permanência dessa centralidade ocorre devido à modernização e especialização do trabalho e das suas bases produtivas.

A partir dos anos 2000, com sua economia pujante, e com o setor do comércio e serviços em alta, suas atividades industriais também apresentaram um crescimento expressivo. Após a instalação da multinacional Suzano Papel e Celulose, em 2014, a produção desse setor se tornou ainda mais acentuada, a ponto de ser um dos responsáveis pela elevação do Produto Interno Bruto (PIB) do município nas últimas décadas.

A chegada dessa multinacional é significativa, pois afirma a posição de Imperatriz como centro econômico regional, visto que empresas desse porte buscam se instalar preferencialmente em centros urbanos que desenvolvem as condições políticas, econômicas e logísticas capazes de suprir suas demandas.

Dentre os elementos favoráveis à chegada dessa empresa, destacam-se: benefícios fiscais; estradas e ferrovias; incremento da estrutura elétrica; os investimentos da gestão racional de recursos hídricos; e uma extensa “(...) variedade de serviços, nas áreas de saúde, educação, financeira, comunicação, hospedagem, transporte e abastecimento em geral, capazes de atender às necessidades da indústria e de todo aparato necessário para instalação” (SOUZA, 2020, pp. 50- 55).

O avanço do capital nessa região apesar de reproduzir um tipo de sociabilidade “fundada no mercado e na contratualidade das relações sociais”, não representa, contudo, um progresso linear em direção à racionalização da vida social, sua secularização e desencantamento, sua tendência evolutiva na direção da individualização das pessoas e do predomínio de relações sociais de tipo contratual (MARTINS, 2009, p. 27), conforme apresenta o discurso político.

Em outras palavras, apesar do seu movimento crescente, o avanço do capital na região ocorre num ritmo e tempo histórico diferentes dos das grandes metrópoles. Consequentemente, não reproduz na mesma intensidade, as relações sociais típicas dos processos econômicos modernos, tampouco promove na mesma escala, os fenômenos da racionalização da vida e da secularização, característico das sociedades industriais. Em vez disso, se estrutura agregando elementos socioculturais específicos da região, que também desempenham um papel importante na formação da sociedade regional.

Becker (1990), compartilha relativamente desse entendimento, quando compreende que o processo de avanço do capital na fronteira é sobretudo mediado pelo Estado, que, por um lado legitima as condições materiais e ideais das classes dominantes, e por outro atua como agente regulador dos interesses dos diferentes grupos nela situados.

Nessa perspectiva, segundo Becker (*idem*), a produção socioespacial da fronteira é um fenômeno vinculado às determinações do capital, que produz um espaço relativamente estruturado, caracterizado pela migração dirigida, urbanização deliberada, estruturação de classes sociais de modo fracionado e formação de um mercado de trabalho regional baseado em formas híbridas de produção integradas a uma economia não plenamente capitalizada.

A cidade de Imperatriz não foge dessa realidade. Tanto os processos políticos como as determinações do capital foram vetores do processo de formação da sua estratificada sociedade, constituída de um lado, por uma elite local e classe média heterogêneas, que exercem importante papel no campo político da cidade, e de outro, por uma classe trabalhadora diversificada, cuja grande parte vive nos bairros periféricos em face aos dilemas e patologias sociais provocadas por esse desenvolvimento desigual.

Nesse sentido, ainda que o discurso oficial apresente apenas a face do progresso e do desenvolvimento destacando a importância da localização geográfica de Imperatriz, sua força energética, e sua diversidade econômica, elementos estes que lhe renderam as alcunhas de Princesa do rio Tocantins, Portal da Amazônia e Capital Economia do Interior Maranhense (NOGUEIRA, 2013), é de suma importância enfatizar que as contradições desse desenvolvimento se apresenta nos quadros da desigualdade social, pobreza, conflitos sociais e violência¹⁶.

Apesar dos avanços nesses primeiros vinte anos do século XXI, na esfera da infraestrutura, economia, tecnologia, comunicação, ciência e educação, Imperatriz ainda conserva em grande parte as características de uma cidade de fronteira, que agrega e mistura elementos do mundo rural e urbano. Sua população, que em 2022 atingiu o número de 273.027 habitantes, que apesar de estar concentrada quase cem por cento na zona urbana, agrega um

¹⁶ O epíteto “capital da pistolagem” talvez seja a expressão que melhor registra as memórias de um povo que conviveu com ondas de conflitos sociais e violências praticadas na cidade por volta das décadas de 1960 a 1990. De acordo com Sousa (2009) as patologias sociais desse período eram decorrentes de fatores como: disputa por terras; crescimento desordenado da cidade; fechamento do garimpo de serra pelada; e somando a esses fatores podemos citar também a omissão do poder público cada vez mais envolvido em casos de corrupção. É, portanto, mergulhado nesse mar de contradições sociais e impulsionados por seus dilemas existenciais que o ser humano anseia por narrativas de esperança que visam atribuir sentido e significado a sua existência, pois como Geertz (1989, p. 80) afirma: “a existência da perplexidade, da dor e do paradoxo moral - problema do significado - é uma das coisas que impulsionam os homens para a crença em deuses (...)”.

grande contingente de pessoas vindos de outras pequenas cidades vizinhas, de características rurais e ainda ligada às tradições, crenças e elementos culturais próprios da região.

O desenvolvimento de Imperatriz, nesse *continuum* rural-urbano, e os processos de migração e urbanização, constituem um quadro de eventos históricos que considero como catalisadores do processo de formação e pluralização do mercado religioso da cidade. Em suma, tanto a origem, como a estruturação e pluralização desse mercado religioso foram processos que ocorreram paralelamente aos eventos formadores da sociedade imperatrizense.

A fundação do povoado, por exemplo, coincidiu com a chegada da primeira firma religiosa, que por quase cem anos exerceu monopólio religioso em Imperatriz. Na medida em que a cidade foi crescendo, o terreno social para a instalação de novas organizações religiosas foi sendo formado. Algo que, conforme veremos, foi decisivo para a crise do monopólio católico e a pluralização do mercado religioso local.

2.2 O mercado religioso de Imperatriz

As origens do mercado religioso de Imperatriz remontam à institucionalização do catolicismo na cidade. Nessa época a Igreja Católica exercia o monopólio da oferta religiosa em todo território nacional. A estrutura política do Brasil condicionava essa configuração do mercado religioso, tendo em vista que o Estado controlava a economia religiosa do país e coibia a manifestação pública de outras organizações religiosas.

Na qualidade de religião oficial do Brasil até 1889, a subordinação da Igreja Católica ao Estado, por outro lado, contribuiu diretamente para a expansão territorial do catolicismo, visto que, ao fazer parte das expedições colonizadoras financiadas pelo Estado, era responsável por promover a evangelização dos povos indígenas, e fundar capelas nos povoados construídos pelas expedições de colonização.

O ato político de fundação da Colônia Militar de Santa Teresa é uma prova histórica desta relação. A expedição designada para fundar este povoado foi criada pelo governo provincial do Pará, e era constituída por colonos, militares e pelo frei Manoel Procópio, agente responsável pelo aldeamento dos indígenas, e fundador da capela Santa Teresa D'Ávila, primeiro local oficial de culto da Igreja Católica na cidade de Imperatriz.

Da fundação da Colônia Militar de Santa Teresa até 1930, época em que o povoado já havia sido elevado à categoria de cidade, o catolicismo exercia um domínio quase absoluto sobre a vida religiosa. Embora haja relato da prática do espiritismo por algumas famílias, não sabemos da existência de organizações espíritas formais. Por outro lado, a força do catolicismo

marginalizava as tradições religiosas indígenas, confinando-as a estes povos, de modo que sua presença era praticamente inexistente entre os não indígenas.

O panorama religioso da cidade começou a mudar a partir de 1930, ano de fundação da Igreja Cristã Evangélica, pelos missionários ingleses Eva Mills e David Mills, e pelos australianos Donald Monteith e Vera Monteith, enviados de Barra do Corda à Imperatriz pelo missionário canadense Perrin Smith, que residia naquela cidade desde 1912. Em Imperatriz foram recebidos por uma família protestante, e assim fundaram a Igreja Cristã Evangélica, a partir de onde mobilizaram trabalhos de evangelização direcionado aos povos indígenas, ribeirinhos e a população local (VERAS, 2017)¹⁷.

Em um cenário ainda marcado pela hegemonia católica, essa pequena comunidade protestante realizava suas celebrações sob o olhar pouco amistoso dos clérigos católicos, ao passo que os protestantes os enxergavam como perseguidores do evangelho. Foi em meio a essa relação de disputas que a Igreja Cristã Evangélica construiu suas bases em Imperatriz.

A educação foi uma das estratégias da Igreja Cristã Evangélica na busca por espaço, visto que, através da educação informal desenvolvida por Eva Mills, a igreja buscava crescer e se expandir em Imperatriz. Através da prática educativa e iniciação à leitura, essa empresa de salvação ensinava os rudimentos da doutrina cristã, em uma sociedade rural, praticamente analfabeta e carente de instituições de ensino (VERAS, 2017).

Com a chegada dos protestantes houve articulação por parte da elite da Igreja Católica no sentido de reestruturar suas bases, e assim conservar sua hegemonia. Nesse sentido, em outubro de 1937, sob a gestão do frei Francisco, foi entregue o novo prédio da paróquia Santa Teresa D'Ávila, atualmente um dos principais espaços de celebração das missas católicas na cidade.

Apesar da oferta religiosa dos protestantes já ser uma realidade, o catolicismo ainda permaneceu dominante durante anos. Seus muitos recursos simbólicos e materiais, lhe dava total condições para ampliar suas estruturas de trabalho. Capital religioso que também lhe permitiu conservar no imaginário social, seus símbolos e imagem de “religião verdadeira” numa sociedade já altamente catolicizada.

¹⁷ Sobre a presença da Igreja Cristã Evangélica em Imperatriz, Veras (2017, p. 107) afirma: “A identidade protestante estava sendo construída na relação com o outro, na luta de representações, construindo imaginários de demonização mútua nas lutas de campo. Enquanto aos crentes cabia a batalha por uma região dominada por feitiçarias, bruxarias e deuses falsos, eles também foram representados como sendo a própria encarnação do mal que assombrava e invadia a região. Sob a perspectiva protestante, os outros eram os católicos, intolerantes que atacavam e perseguiam; contudo, para muitos, os outros eram os missionários protestantes, forasteiros e estranhos e sua nova religião, que chegavam carregados de mistérios e encantamento”.

Em suma, durante toda a primeira metade do século XX, a Igreja Católica se manteve confortável no domínio do mercado religioso de Imperatriz. Nessas condições, nenhuma outra firma religiosa, com exceção da Igreja Cristã Evangélica, conseguiu se consolidar e concorrer com a firma católica. Essa situação só foi modificada a partir da década de 1950, na esteira do processo migratório e urbanização de Imperatriz.

2.2.2 Pluralização e concorrência: o mercado religioso de Imperatriz a partir de 1950

No primeiro capítulo, mostramos que a liberdade religiosa, a migração, a urbanização e a especialização cultural, são fenômenos sociológicos que contribuem para a pluralização e especialização do mercado religioso.

Em Imperatriz, conforme já relatamos, esses processos ocorreram a partir de 1950, período em que o fluxo migratório foi mais intenso e a cidade passou por uma acelerada urbanização. Nessas circunstâncias, o rumo que o mercado religioso de Imperatriz tomou, foi o do pluralismo.

A partir dos anos de 1950 novos grupos religiosos começam a se instalar na cidade. Os empreendimentos evangélicos foram os primeiros a chegar, inicialmente através da Igreja Evangélica Assembleia de Deus (1952), cem anos após a fundação de Imperatriz. Depois veio a Primeira Igreja Batista (1959); Igreja Presbiteriana do Brasil (1966); Igreja Adventista do Sétimo Dia (1967) e a Igreja Evangélica Luterana (1974).

Além dessas instituições, atualmente há também registro da presença da Congregação Cristã do Brasil, Igreja Brasil para Cristo, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Casa da Benção, Igreja Deus é Amor e a Igreja Maranata¹⁸.

É importante destacar que estas são as principais concorrentes do catolicismo no Brasil. Tratam-se de grandes organizações, inicialmente financiadas por recursos provenientes de agências missionárias e igrejas europeias e americanas, que utilizaram sua força financeira para expandir sua atuação no mercado religioso brasileiro.

Foi também por meio do financiamento e de trabalhos de evangelização que algumas dessas organizações foram implantadas na cidade de Imperatriz e conseguiram competir com o catolicismo. O caso de Imperatriz, nesse sentido, é exemplo de um processo que segue uma lógica presente em todo o país a partir do final do século XIX, e que se estendeu ao mercado

¹⁸ Não foi possível datarmos o ano de chegada de todos os grupos religiosos citados nessa pesquisa. Dessa forma, os grupos e igrejas onde não constam o ano de fundação entre parênteses, são aqueles onde não foi possível encontrarmos a data de sua implantação em Imperatriz.

religioso local de forma mais sistemática apenas a partir da década de 1950, quando as primeiras igrejas protestantes foram implantadas na cidade.

A situação pluralista, que passa a configurar o mercado religioso da cidade, também foi caracterizada pela consolidação do espiritismo na década de 1960, que atualmente mantém cinco centros espíritas funcionando (VERAS, 2013); e, a partir de 1970, pela presença das religiões de matriz africana, hoje com cerca de vinte terreiros, sendo dezoito de Umbanda e dois de Candomblé (FROTA E VERAS, 2023).

Outras expressões religiosas também presentes na cidade são: a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (mórmons), Testemunhas de Jeová, Igreja Messiânica Mundial, Igreja Seicho No Ie do Brasil, Hinduísmo, Judaísmo, Islamismo, Budismo e religiões de tradição esotérica.

A diversidade de empreendimentos religiosos em Imperatriz modificou profundamente a fisionomia religiosa da cidade, que passou a apresentar uma face bem diferente daquela da primeira metade do século XX.

Um retrato desse cenário pode ser visualizado a partir dos censos do IBGE, onde constam informações sobre a filiação religiosa do povo imperatrizense. Apesar das dificuldades em apresentarmos uma análise minuciosa das informações, devido às limitações do detalhamento dos censos, ainda assim é possível reproduzirmos uma imagem plausível sobre como o mercado religioso dessa cidade foi se diversificando e se tornando mais dinâmico ao longo dos anos. Vejamos a tabela a seguir.

Tabela 2 - População religiosa do município de Imperatriz entre 1950 a 2010¹⁹

Censo	População	Católicos	Protestantes tradicionais	Pentecostais	Outras religiões
1950	14.064	96,9%	1,3%	*	*

¹⁹ Considero importante explicar algumas questões acerca das categorias presentes nesta tabela. A primeira delas tem a ver com a classificação dos grupos religiosos que o IBGE alterou ao longo dos anos. Na categoria Católicos, por exemplo, apesar do IBGE considerar a partir de 2000 a Igreja Católica Apostólica Brasileira e a Igreja Católica Ortodoxa, na tabela em questão, destaquei apenas os números referentes aos seguidores da Igreja Católica Apostólica Romana. Com relação aos protestantes, até o censo de 1970, o IBGE agregava nesse grupo tanto os tradicionais como os pentecostais. Somente no censo de 1980 houve a divisão entre protestantes tradicionais e protestantes pentecostais. A partir do censo de 2000, houve uma nova alteração, e os protestantes passaram a ser categorizados como “evangélicos de missão” e “evangélicos pentecostais”. Optei por preservar a nomenclatura “protestantes” para as igrejas tradicionais vinculadas ao protestantismo de imigração e de missão, e a categoria “pentecostais” para as igrejas pertencentes ao pentecostalismo e neopentecostalismo. Entre os protestantes tradicionais com número de seguidores nos censos estão inclusos: a Igreja Evangélica Luterana, Igreja Presbiteriana, Igreja Batista, Igreja Congregacional e a Igreja Adventista. Por razões desconhecidas não há citação da parte do IBGE da Igreja Cristã Evangélica. Classificados como pentecostais estão: Igreja Evangélica Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Igreja o Brasil para Cristo, Igreja do Evangelho Quadrangular,

Censo	População	Católicos	Protestantes tradicionais	Pentecostais	Outras religiões
1960	39.169	95,05%	4,3%	*	*
1970	80.827	91,3%	7,7%	*	*
1980	220.095	89,2%	2,7%	6,0%	*
1991	276.501	84,0%	2,8%	8,5%	*
2000	230.566	70,2%	5,0%	15,7%	0,48%
2010	247.505	56,04%	6,09%	21,72%	0,65%

Fonte: Adaptada de Costa (2019) a partir dos dados do IBGE. (*) Informação não disponível.

Ainda que o IBGE não tenha detalhado as informações sobre a composição religiosa da população imperatrizense, os dados informados nesta tabela mostram que a diversificação religiosa de Imperatriz ocorreu numa situação de livre concorrência. Situação que resultou numa maior mobilização e trânsito religioso, decorrentes da maior liberdade religiosa consolidada no país e como consequência do aparecimento de muitas firmas oferecendo seus produtos religiosos no mercado.

Dessa forma, esse retrato confirma o postulado teórico que sustenta que os processos de migração, urbanização e especialização cultural tendem a favorecer o mercado religioso, tornando-o mais pluralizado, dinâmico e competitivo.

Com relação à filiação religiosa, os censos mostram que a pluralização do mercado religioso de Imperatriz ocorreu paralelamente ao declínio da hegemonia da Igreja Católica, que ao longo dos anos foi perdendo seguidores para os demais grupos religiosos. Entre 1950 e 2010, por exemplo, o seu número de fiéis foi reduzido em cerca de 40,86%, quando seu contingente de seguidores caiu de 96,9% para 56,04% do total da população.

Os protestantes tradicionais, por outro lado, representavam em 1950 apenas 1,3%. Em 1960 subiram para 4,3%, e em 1970 para 7,7%. No geral, entre 1950 a 1970 houve um aumento na casa de 6,4%. Todo esse crescimento tem a ver com a chegada de cinco novas igrejas, citadas no início desse tópico, que juntamente com a Igreja Cristã Evangélica, se tornaram os maiores concorrentes da Igreja Católica na cidade.

Sobre a redução dos protestantes, de 7,7% para 2,2%, isso pode ser explicado em razão de que a partir do censo de 1980, o IBGE passou a contabilizar esse segmento religioso como tradicionais e pentecostais. Após essa divisão, fica evidente que o crescimento protestante até

Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Casa da Bênção, Igreja Deus é Amor, Igreja Maranata, Igreja Nova Vida, Evangélica renovada não determinada, Comunidade Evangélica e outras evangélicas de origem pentecostal. Não estão inseridas em nenhuma dessas categorias a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e as Testemunhas de Jeová, que não mencionamos nos censos desta tabela. Também ficaram de fora de nossa análise os sem religião, que inclui ateus e agnósticos.

essa década foi decorrente do crescimento do pentecostalismo, que desde sua chegada a Imperatriz foi responsável por dinamizar o trânsito religioso na cidade.

Assim como em várias outras partes do país, o pentecostalismo cresceu sobretudo através do trabalho religioso da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Imperatriz (IEADI), pautado principalmente no evangelismo pessoal, cultos ao ar livre, cultos semanais e eventos festivos realizados anualmente em seus templos. A partir de 1980, para se manter competitiva, a IEADI passou por um amplo processo de reestruturação organizacional, revitalização de sua ética religiosa, assimilação de práticas do neopentecostalismo e uso dos meios de comunicação em massa na difusão de sua mensagem. Tal processo pode ser interpretado como uma resposta à necessidade dessa instituição se adequar a sociedade de consumo e assim continuar atendendo às demandas do mercado religioso (COSTA, 2019).

Na qualidade de empresa de salvação, a oferta da IEADI abrange promessas de recompensas futuras, ancoradas em discursos de salvação e vida eterna num lugar de paz e descanso; e discursos de recompensas espirituais e materiais como curas de doenças e enfermidades, prosperidade familiar, espiritual e financeira.

A conquista desses bens, entretanto, tem seus custos, e está baseada numa relação de trocas entre os fiéis e Deus, mediado pela elite sacerdotal da igreja, que ensina que essas recompensas são alcançadas mediante a conversão, submissão e obediência a Deus, santidade e separação do mundo, exercício da fé, generosidade e fidelidade a Deus e a sua obra.

O êxito da IEADI ocorreu principalmente nas camadas sociais menos favorecidas, onde fez prosélitos das igrejas protestantes, mas sobretudo da Igreja Católica, que tem assistido seu número de membros se reduzir ao longo dos anos. Seu pioneirismo no movimento pentecostal de Imperatriz contribuiu nesse sentido para modificar a lógica da oferta de bens religiosos, como também para transformar a paisagem religiosa da cidade, tendo em vista que durante os anos de avanço da IEADI, houve grande proliferação de templos religiosos dessa igreja nos mais diversos bairros de Imperatriz.

A reação da Igreja Católica ocorreu de modo mais estrutural somente em 1987, quando a circunscrição eclesiástica de Imperatriz foi elevada à condição de Diocese, desmembrando-se de Carolina e passando a responder à Arquidiocese de São Luís, a quem está subordinada jurisdicionalmente.

A criação da Diocese de Imperatriz permitiu à Igreja Católica trabalhar com mais estrutura e autonomia. Seu plano de ação evangelizadora conta com auxílio de conselhos e comissões que coordenam e articulam suas atividades, que são realizadas a partir de diversos

campos de atuação, tais como as pastorais, os movimentos carismáticos e de vida religiosa e as novas comunidades, todos atuando sob os regimentos internos da instituição. O documento que regula suas atividades de evangelização é o Plano Diocesano Pastoral (PDP) que estabelece diretrizes, projetos e metas para uma evangelização inteligente e eficiente.

A reestruturação da firma católica, contudo, não evitou a contínua queda do seu número de fiéis, que até o censo de 2010 continuou em redução. Por outro lado, o pentecostalismo, capitaneado pela IEADI e principal concorrente da Igreja Católica, foi o grupo que mais cresceu. Em 1991, quando passou a ser contabilizado em categoria própria, representava 6% do total da população; em 2000 esse número subiu para 15,7% e em 2010 para 21,72%. No último censo, inclusive, totalizou cerca de 53.753 seguidores, contra 138.785 da Igreja Católica.

Também concorrendo com os grupos cristãos dominantes, os segmentos religiosos classificados na categoria “outras religiões” receberam efetiva atenção do IBGE somente a partir do censo de 1991, quando foram mencionadas de forma mais específica. Em virtude da indisponibilidade de informações até o referido censo, não foi possível contabilizar o número dos seguidores dessas religiões.

No censo de 2000, conforme a tabela 2, a representação religiosa desse grupo estava na casa dos 0,48% e em 2010 em 0,65%. Esses números representam os seguintes grupos: Espiritualista, Espírita, Umbanda, Candomblé, Judaísmo, Hinduísmo, Budismo, Igreja Messiânica Mundial, Islamismo e Tradições esotéricas. Todos esses grupos aparecem nos referidos censos com seus respectivos números de seguidores²⁰.

A consolidação do pluralismo no mercado religioso de Imperatriz foi determinante para a configuração das disputas entre as firmas religiosas da cidade. Nas últimas três décadas essas disputas se acirraram ainda mais em virtude do avanço das igrejas neopentecostais, que chegaram à Imperatriz através da Igreja Universal do Reino de Deus.

A expansão desse segmento religioso, porém, ocorreu de forma mais notória através das igrejas em células, que entraram na cena religiosa de Imperatriz já no fim da década de 1990 e início dos anos 2000. Três empresas religiosas foram pioneiras no avanço do neopentecostalismo de visão celular em Imperatriz: a Comunidade Evangélica Shalom; a Comunidade Evangélica Nova Vida e a Igreja Evangélica Nova Aliança.

²⁰ Além desses grupos, existem outros que não foram citados em razão de não constar número de seguidores nos censos consultados. O que não significa que não existam pessoas vinculadas a eles, tendo em vista a fragilidade das informações apresentadas pelo IBGE.

No tópico seguinte apresento mais detalhes sobre esse novo momento do cenário religioso da cidade, que tem sido caracterizado pela reconfiguração da oferta religiosa e pela consolidação do neopentecostalismo de visão celular como uma das principais forças do mercado religioso local.

2.2.3 Os neopentecostais e a ascensão das igrejas em células

Nos mercados religiosos pluralizados a estruturação de novas firmas ocorre em geral pela incapacidade de uma única organização atender a todas as demandas. A diversidade das preferências religiosas, que são socialmente modificadas, é um dos elementos que explica essa situação²¹.

Dessa forma, convivendo com a pressão para obtenção de resultados, as agências religiosas, estimuladas pela concorrência, tendem a racionalizar seu trabalho objetivando atender os diferentes grupos de consumidores, incluindo aqueles que vivem em estado de apatia religiosa e insatisfeitos com os produtos ofertados por suas instituições.

Nessa situação, os consumidores exercem uma relativa influência no processo de produção dos bens religiosos, que tendem a ser padronizados, quando elaborados para atender as preferências de consumidores relativamente semelhantes; ou diferenciados, quando fabricados para atender as necessidades religiosas variadas conforme as dinâmicas de cada mercado, ainda que essa diferenciação seja apenas um invólucro que contém no seu interior os elementos do velho produto padronizado (BERGER, 1984).

Dos grupos cristãos presentes em Imperatriz, o segmento pentecostal, é certamente o que apresenta a maior variedade de ofertas religiosas. Seus diferentes matizes representam diferentes momentos de racionalização de suas práticas, que apesar de relativamente diferenciadas, conservam uma base comum de crenças e representações, forjadas no seio do pentecostalismo originário:

Os diversos grupos pentecostais guardam elementos básicos do velho paradigma que definiu seu começo histórico. (...) Guardam, ao que nos parece, os enredos originais que permitem fazer funcionar aquelas representações e práticas religiosas, enquanto vão sendo capazes de responder às necessidades dos fiéis, ao mesmo tempo utilizando as linguagens de cada época de forma a expandir suas ofertas. O paradigma pentecostal transforma-se ao longo de sua história, indo do mais teórico ao mais prático, do mais erudito ao mais popular, da menor à maior capacidade de oferecer soluções aos desamparos da existência pessoal e social, de uma linguagem mais hermética a uma linguagem mais social. Dizemos, então, que as ofertas pentecostais

²¹ Stark menciona essa condição das economias religiosas ao afirmar que “Os gostos religiosos individuais variam imenso em qualquer sociedade, e não existe uma única empresa que ofereça um produto religioso que seja, ao mesmo tempo, profundo e leve” (STARK, 2007, p. 239).

são conservadas e modificadas em função das demandas históricas advindas dos diversos contextos em que se instalam (PASSOS, 2005, p. 65).

A mutabilidade das ofertas pentecostais norteia a própria lógica de reprodução, do pentecostalismo, que em suas diferentes faces se apropria dos distintos elementos socioculturais dos contextos e lugares em que ele se instala, o que, portanto, justifica, a necessidade de utilização de diferentes recortes e classificações para explicar a diversidade de ofertas do pentecostalismo no mercado religioso brasileiro.

Dos três matizes pentecostais, o neopentecostalismo, surgido no fim da década de 1970, é, conforme vimos no primeiro capítulo, a vertente que mais se distancia, tanto no aspecto das crenças e práticas como no aspecto organizacional, das duas gradações anteriores do movimento pentecostal.

Em Imperatriz a chegada das organizações neopentecostais ocorreu há pouco mais de três décadas, no contexto da expansão nacional da Igreja Universal do Reino de Deus. Em seguida, para completar o rol das igrejas do neopentecostalismo metropolitano, veio a Igreja Internacional da Graça de Deus.

A presença dessas igrejas, no entanto, provocou poucas mudanças no cenário religioso de Imperatriz. Suas ofertas mágico-religiosas, apesar de atenderem determinado público de consumidores, não foram atrativas o suficiente para modificar substancialmente um mercado já dominado pela Igreja Católica e pela Assembleia de Deus.

A IURD, por exemplo, desde que se instalou em Imperatriz apresentou baixas taxas de crescimento. No censo de 2000 apresentou um quadro de 2.025 fiéis, tendo esse número reduzido para 1.453 membros no censo de 2010.

Costa (2019) associou as baixas taxas de crescimento da IURD às tensões internas que essa firma religiosa enfrentou nos últimos anos. Situação que resultou inclusive na saída de alguns de seus importantes líderes que fundaram igrejas concorrentes no mesmo segmento. Este foi o caso da IIGD e da Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), ambas fundadas por agentes religiosos oriundos da Universal.

O início de mudanças mais profundas no segmento neopentecostal em Imperatriz ocorreu a partir do final da década de 1990 após o surgimento e crescimento das igrejas em células, em sua grande maioria fundadas por líderes evangélicos residentes nesta cidade, mas com vínculos com igrejas e movimentos religiosos de outros centros da economia religiosa brasileira.

Até onde sabemos, a primeira dessas igrejas foi a Comunidade Evangélica Shalom, fundada em 1998 pela apóstola Antônia do Carmo. Natural de Rosário, estado do Maranhão, ela teve boa parte da sua trajetória religiosa vinculada à Igreja Batista Memorial, de onde se desligou para fundar, primeiramente a Igreja Batista Monte Sinai, e posteriormente a Comunidade Evangélica Shalom, atualmente localizada na rua Bahia, centro de Imperatriz.

Em 2007, Antônia do Carmo implantou na comunidade Shalom a visão celular de crescimento. Em junho de 2010, durante a realização do congresso internacional do M12 realizado em Manaus, foi consagrada a apóstola. Frente à comunidade Shalom desde sua fundação, Antônia do Carmo tem realizado um trabalho relativamente exitoso. Em 2018 ao completar 20 anos de fundação sua comunidade já possuía filiais nos estados do Pará, Tocantins, Piauí, Distrito Federal e alguns trabalhos missionários fora do Brasil.

Outra empresa religiosa que surgiu nesse contexto foi a Comunidade Evangélica Nova Vida (2001), que começou com um pequeno grupo de aproximadamente 25 pessoas. Em 2002 esse grupo começa a realizar oficialmente seus primeiros cultos. Em 2005 consolidou o Modelo dos 12 como estratégia de crescimento e multiplicação. No ano de 2008 passaram a realizar seus cultos, festas e demais eventos em templo próprio, com capacidade para cerca de três mil pessoas.

O fundador desta comunidade foi Alex Nunes Rocha, formado em pedagogia, bacharel e mestre em teologia, além de ser autor de livros e ofertar cursos voltados para o público religioso. Já foi membro da Igreja Batista Memorial, e possui passagens na Comunidade Evangélica Shalom, onde foi consagrado pastor juntamente com sua esposa. Após se desligar dessa comunidade, fundou sua própria igreja. Em 2009 foi consagrado apóstolo no congresso internacional M12 em Manaus.

Em julho de 2011, em um único evento realizado às margens do rio Tocantins, o apóstolo Alex Rocha batizou mais de três mil pessoas. Em menos de três anos, foram mais de sete mil fiéis batizados por esse líder religioso (COSTA, 2011). Seu estilo carismático e visão empreendedora, aliados ao trabalho religioso realizado através de sua igreja, foram cruciais para o crescimento de sua organização, que atualmente possui cerca de 10 filiais nos bairros de Imperatriz, e várias outras em cidades da região e nos estados do Tocantins, Pará, Piauí e Minas Gerais.

A implementação do sistema de evangelização em célula foi certamente uma das novidades trazidas por essas duas comunidades. Conforme já vimos, esse modelo de evangelização privilegia a gestão de pessoas em pequenos grupos, focando no desenvolvimento

da vida espiritual, emocional e material dos seus seguidores, o que exige dessas igrejas uma razoável estrutura organizacional e um forte investimento em cursos e treinamento de líderes.

Tanto a apóstola Antônia do Carmo quanto o apóstolo Alex Nunes Rocha, líderes de duas das maiores comunidades evangélicas da cidade, mantiveram relações com o M12, sendo inclusive consagrados apóstolos durante o Congresso do M12. Para além das funções meramente religiosas, essas credenciais são os principais elementos de distinção que legitimam o poder carismático e apostólico desses líderes, que ocupam as posições mais altas da hierarquia eclesiástica de suas comunidades.

Além da visão celular de crescimento e dos “encontros” para “restauração de vidas” e fidelização de fiéis, essas comunidades são responsáveis também pela organização de cultos proféticos, campanhas de cura, libertação e prosperidade financeira. Práticas que fizeram dessas comunidades, duas das mais importantes propagadoras do neopentecostalismo de visão celular no mercado religioso de Imperatriz.

A implantação de comunidades evangélicas e igrejas em células tornou-se uma tendência em Imperatriz nos últimos anos. São inúmeras delas, médias e pequenas distribuídas nos mais diversos bairros da cidade. Algumas foram fundadas por líderes locais, outras são filiais de grupos maiores, como é o caso da Igreja Alagoinha de Imperatriz, do grupo de igrejas pertencente à família Valadão com sede em Belo Horizonte.

Um caso de sucesso é a Igreja Evangélica Nova Aliança, fundada nesse contexto de expansão do neopentecostalismo de visão celular em Imperatriz. Assim, a proposta do tópico seguinte é compreendermos as origens dessa igreja e sua institucionalização no campo religioso local.

2.3 Origem e fundação da Igreja Evangélica Nova Aliança (IENA)

Na esteira do avanço das igrejas em células, a fundação da IENA representou um evento importante para continuação das mudanças promovidas por essas firmas religiosas na cidade de Imperatriz. Sem sombra de dúvidas, a estruturação dessa firma religiosa muito contribuiu para dinamizar a lógica da oferta de serviços religiosos no mercado religioso local.

Entre as pesquisas consultadas para a produção de uma leitura analítica sobre o surgimento e institucionalização dessa igreja, dou destaque aos trabalhos de Sousa (2014), Rodrigues (2017) e Moura (2018). Com base nos trabalhos desses pesquisadores é possível afirmar que o surgimento da Igreja Evangélica Nova Aliança foi fruto de uma cisão da Primeira Igreja Batista de Imperatriz no ano de 2005.

Cisão é quase sempre um elemento presente na origem de novos grupos religiosos. É um fenômeno que agrega diferentes fatores, mas sobretudo, tem como principal ingrediente a presença conflituosa de diferentes agentes que entram em disputa em torno de práticas, crenças e poder no interior das organizações religiosas. No caso da PIBI, a cisão foi motivada por questões doutrinárias e eclesiológicas e teve como pivô Raimundo Nonato de Oliveira Lopes, na época, pastor titular desta igreja.

As igrejas batistas são tradicionalmente conhecidas por sua formalidade litúrgica e solidez teológica e doutrinária. Seu sistema de governo congregacional lhes dá liberdade nas tomadas de decisões, permitindo-lhe questionar de forma democrática as práticas e crenças dos seus líderes. Estes, por sua vez, têm como tarefas servir e zelar pela tradição e doutrina da instituição, e apesar de importantes, são profissionais assalariados, podendo ser trocados conforme a igreja assim desejar.

Sobre os acontecimentos na PIBI, no período em que o Pastor Raimundo Nonato a presidiu, Moura (2018) nos informa que ocorreu um processo de renovação espiritual na igreja, iniciado pelo pastor Raimundo Nonato. O trabalho envolvia introdução de novas literaturas religiosas, realização de encontros, retiros espirituais e intercâmbio com a organização religiosa interdenominacional Jovens Com Uma Missão (JOCUM).

Em entrevista, o pastor Raimundo Nonato confirmou essa narrativa ao informar que o processo de renovação espiritual da Primeira Igreja Batista de Imperatriz ocorreu devido à sua tentativa de transicionar a igreja para o sistema de crescimento em células. Segundo ele, tais mudanças eram decorrentes de experiências de natureza eclesiológica, teológica e administrativa, advindas de sua própria experiência como pastor. Vejamos um trecho de sua entrevista:

(...) Então, a Igreja, que eu tinha sido membro (PIBI), me convidou para voltar. Depois de muita oração, nós decidimos vir para cá, para Imperatriz. (...) Chega o momento que tem uma mudança eclesiológica e um pouco de mudança teológica e também administrativa. Teve um sistema de grupos pequenos, que a gente chamava de célula, e eu fui treinado e eu fui transicionando isso para a igreja local. Foi uma mudança muito difícil para eles. E junto com essa mudança eclesiológica, também tinha uma mudança teológica dentro de mim. Eu já era um homem e eu, quando vim, escrevi um texto, redigi (...) que eu era um homem tradicional, mas não era tradicionalista, cria nos dons, enfim. Mas eu não falava línguas (...), mas eu era um homem aberto. Então, nesse período, entrou um processo também teológico que foi, por incrível que pareça, um processo de santidade, de confissão de pecados, de trazer para a luz. Foi um avivamento de caráter. Isso foi muito forte. E junto com ele, as pessoas foram buscando a Deus. E nessa busca, também foi virando um pouco para o Pentecostal (Entrevista realizada em 03/04/2024).

Conforme o relato, o processo de renovação espiritual que ocorreu no interior da PIB foi idealizado pelo pastor Raimundo Nonato. A menção a mudanças eclesiológicas, teológicas e administrativas explica a introdução de novas literaturas, formação de pequenos grupos, realização de encontros e outros eventos que estiveram no centro do avivamento espiritual ocorrido na igreja.

A partir da fala do pastor Raimundo Nonato, compreende-se que o avivamento na PIB teve uma profunda relação com suas convicções espirituais e mentalidade religiosa. Não por acaso, ele menciona em entrevista que, ao ser convidado para pastorear a PIB, redigiu um texto onde se definia como um líder tradicional e, ao mesmo tempo, não tradicionalista, e que acreditava nos dons espirituais. Essa perspectiva provavelmente explica as mudanças teológicas e eclesiológicas que ele implementou.

Para os membros mais tradicionalistas, as práticas implementadas pelo pastor Raimundo Nonato foram consideradas estranhas à tradição batista, gerando uma crise na instituição. O resultado foi o desligamento do pastor Raimundo Nonato, fato que contribuiu diretamente para a fundação da IENA, em julho de 2005. Inicialmente denominada Igreja Batista Nova Aliança, teve sua denominação posteriormente foi alterada para Igreja Evangélica Nova Aliança.

Durante um culto de celebração, Raimundo Nonato comenta sua saída da Igreja Batista e posterior fundação da Igreja Evangélica Nova Aliança. Segundo ele, não era seu propósito deixar a PIBI, mas, diante da dimensão da crise, não lhe restou outra coisa a fazer, a não ser sair daquela igreja e dar continuidade ao seu chamado profético. Para ele, todo processo, apesar de conflituoso, foi decorrente da vontade de Deus, pois Deus foi quem quis levantar essa nova igreja na cidade. Eis alguns trechos do seu discurso:

(...) irmãos, a Nova Aliança não nasceu porque eu planejei começar uma igreja, nunca planejei, nunca desejei, muito menos quis começar uma igreja. Eu fazia parte de uma igreja batista, que a gente chama de tradicional (...), mas irmãos, Deus deu uma enrolada, você sabe quando Deus enrola a gente? Deu uma rasteira em mim. E quando eu vi fui convidado a sair daquele ministério, mas não é pra vocês ficarem com raiva não, Deus queria aquilo. Então reuniram um grupo de pastores (...) e eu mesmo convidei meu pastor presidente da convenção (...). E eles foram examinar (...) e quando chegou às duas horas da manhã ele veio e disse: “Nonato nós não encontramos desvio doutrinário, não tem heresia, mas nós encontramos práticas que você tem que as igrejas batistas não têm: falar em línguas, expulsar demônios como você expulsa (...) então pastor, você tem até três meses para deixar a igreja (...)”. E aí tivemos uma reunião, fomos abençoados, pedimos perdão juntos, a igreja toda, ajoelhamos nos abençoaram, e eu disse assim: irmãos, domingo que vem, eu, minha esposa e meus filhos estaremos em tal lugar, é abençoado quem fica e abençoado quem vai comigo (...) eu não convidei nenhuma pessoa, irmãos (...) e assim nós começamos a igreja. O ministério começou assim, não porque eu planejei (...)”²².

²² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kifjcuKbp8M>. Data de acesso: 15/08/2023.

A crise instalada na PIBI culminou na convocação de um concílio, que contou com a presença de lideranças de São Luís e do Rio de Janeiro, incluindo o pastor geral da Convenção Batista Brasileira (CBB), instância julgadora do caso.

O objetivo do concílio era apurar se o pastor Raimundo Nonato ainda se enquadrava na doutrina batista, uma vez que práticas como o “falar em línguas” e a “expulsão de demônios” são consideradas estranhas à tradição batista. Ao final dos procedimentos eclesiásticos, o concílio decidiu pelo desligamento do pastor Raimundo Nonato da instituição.

Na narrativa do pastor Nonato, é possível entender que a IENA surgiu a partir de um movimento de renovação espiritual, quando um grupo de pessoas decidiu se desligar da PIBI para segui-lo em seu novo projeto. Nessa perspectiva, fica evidente a força de seu carisma profético como um fator fundamental no processo de formação do grupo que o seguiu, e consequentemente, da igreja fundada a partir da cisão.

2.3.1 O líder fundador: a trajetória religiosa do pastor Raimundo Nonato

Raimundo Nonato de Oliveira Lopes, nascido no ano de 1964 na cidade de São Raimundo Nonato, no sertão do Piauí. Mudou-se para a cidade de Wanderlândia, no estado do Tocantins, onde se converteu ao cristianismo através de missionários ligados a junta de missões dos batistas. Aos quinze anos de idade mudou-se para Imperatriz, Maranhão, e passou a frequentar a Primeira Igreja Batista de Imperatriz.

Em 1984, com auxílio da PIBI, Raimundo Nonato mudou-se para Recife, Pernambuco, para estudar teologia no Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil (STBNB). Casou-se com Maria de Jesus, com quem teve dois filhos, e aos 26 anos foi consagrado pastor. Retornou à Imperatriz em 2001, e entre os anos de 2002 e 2005 serviu como pastor na Primeira Igreja Batista de Imperatriz.

Figura 1- Pastor Raimundo Nonato e pastora Maria de Jesus.



Fonte: Igreja Evangélica Nova Aliança.

Além de excelente líder e orador, a habilidade de Raimundo Nonato estabelecer relações interpessoais foi algo que certamente o ajudou a alcançar importantes posições na denominação batista. Durante os anos em que foi pastor nessa instituição, também ocupou cargos importantes, como o de vice-presidente da Convenção Batista de Pernambuco, membro do Conselho Nacional da Convenção Batista Brasileira e presidente da Junta de Missões Nacionais da Igreja Batista.

A construção de toda sua vida religiosa ocorreu, portanto, no interior dessa denominação, lugar onde construiu vínculos e todo capital religioso que lhe fez galgar posições importantes nesse ministério.

Sua trajetória religiosa, no entanto, foi modificada radicalmente após algumas experiências com o sobrenatural. Tais experiências, segundo alguns dos seus liderados, já se manifestavam desde cedo na vida de Raimundo Nonato. As que ocorreram decorrentes do avivamento que deu origem a IENA foram, no entanto, decisivas para o início de um novo ciclo em seu ministério pastoral.

A principal dessas experiências parece ter sido a do batismo com espírito santo. Sobre esse evento, o próprio pastor Raimundo Nonato afirma: “quando eu fui batizado eu estava no monte orando. A manifestação do meu batismo veio com sapateado, eu não tinha controle, e

muito tempo depois o Senhor me deu línguas. Foi um dia extraordinário, e o começo de um novo tempo na minha vida” (RAIMUNDO NONATO, 2021).

Em outro depoimento, o pastor Nonato revela também sua experiência com “expulsão de demônios”, prática, assim como o falar em línguas, considerada incomum para um pastor batista tradicional:

Não é que eu tinha jeito especial para demônio não irmãos, mas um demônio específico, Belzebu entrou um dia em um homem e disse: “estou com sede!” E a Tânia, que é missionária em Portugal, nós tínhamos ouvido uma história de alguém que quando o demônio pediu água ele foi num lugar, consagrou aquela água: “aqui não é água aqui é sangue, quero saber se o demônio vai beber” (...), ela abriu a porta, foi lá no bebedouro, pegou a água, lá era orou (...) e me entregou a água e quando eu fui entregar a água o demônio disse: “ah, isso não é água, isso é sangue eu não quero!” (...); e eu peguei, tu vai querer nojento: no nome de Jesus (...) joguei no rosto dele e ele deu um grito que estrondou o prédio e desapareceu. Não é forma comum de expulsar um demônio, mas Deus me deu aquela direção²³.

Mais do que revelar mudanças em sua biografia religiosa, a menção à experiência do batismo com espírito, e o relato da expulsão de demônios, são discursos que legitimam sua posição de profeta²⁴ avivalista, divinamente capacitado para realizar a “obra de Deus” e trazer renovo e avivamento ao “seu povo”. Não por acaso, em torno do pastor Raimundo Nonato, se formou um grupo de acólitos que o seguiu após o seu desligamento da PIBI.

Ainda na época de pastor da PIBI, Raimundo Nonato estabeleceu ligação com a JOCUM, organização paraeclesiástica internacional e interdenominacional que treina cristãos para realização de trabalho missionário e evangelístico. No Brasil essa organização chegou em 1975, e possui várias bases distribuídas por todo país.

A base da JOCUM com a qual o pastor Raimundo Nonato estabeleceu vínculos está localizada em Almirante Tamandaré, região metropolitana da cidade de Curitiba, Paraná, e possui uma grande infraestrutura com capacidade para um total de 300 alunos, recebendo anualmente turmas de estudantes de todo Brasil para realização de cursos e treinamentos.

Não sabemos exatamente se as experiências do batismo com Espírito Santo e as práticas exorcistas citadas pelo pastor Raimundo Nonato foram anteriores ao seu vínculo com a JOCUM. No entanto, sabemos que, em 2004, ele passou por um processo de formação na

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kifjcuKbp8M>. Data de acesso: 15/08/2023.

²⁴ Para Weber, o profeta é um agente religioso diferente do sacerdote, sendo caracterizado como um agente que possui carisma pessoal, vocação e que anuncia uma revelação nova, ou que apenas reproduz uma revelação antiga (cf. WEBER, 2000, p. 303).

Escola Integral para Formação de Libertadores, pertencente à JOCUM, e que posteriormente levou alguns membros da PIBI para realizar treinamento nesta mesma escola.

Em 2008, quando a IENA já havia sido fundada, o pastor Raimundo Nonato trouxe para Imperatriz uma base da Escola Integral para Formação de Libertadores e a integrou aos programas de formação da Igreja Evangélica Nova Aliança, especificamente na área de libertação e cura interior. No próximo capítulo descrevo com mais detalhe sobre a importância dessa escola para a Igreja Nova Aliança.

Apesar do caráter inovador das práticas religiosas implementadas pelo pastor Raimundo Nonato, as análises realizadas até o momento demonstram que sua atividade religiosa foi um resultado do processo de neopentecostalização por que passou. Esse processo o levou a adotar crenças e práticas já implementadas por diversas organizações religiosas do mercado religioso brasileiro. Dessa forma, é possível compreender o surgimento da Igreja Evangélica Nova Aliança como um fenômeno relacionado à reprodução e reconfiguração do neopentecostalismo no mercado religioso de Imperatriz.

O primeiro grupo de fiéis da IENA era formado por um contingente de pessoas que se desligaram da PIBI e seguiram o pastor Nonato em seu novo projeto. Seu primeiro local de culto era um pequeno prédio localizado na rua Urbano Santos, no bairro Juçara. Com o crescimento da igreja, passaram a realizar seus cultos na rua Benedito Leite, centro de Imperatriz, onde funciona a igreja mãe Nova Aliança Ágape, que desde a fundação está sob a gestão do pastor Raimundo Nonato.

O trabalho iniciado com seu primeiro grupo de seguidores, certamente facilitou a formação de uma pequena elite de líderes que passou a auxiliar o pastor Raimundo Nonato e que hoje compõe o conselho da IENA.

Da mesma forma que as igrejas mencionadas no início deste tópico, logo após a fundação da IENA, o pastor Raimundo Nonato implantou o sistema de visão celular de crescimento, os encontros e a escola de líderes. Foi a partir desse sistema de crescimento que a igreja organizou suas bases de trabalho e implementou seus projetos expansionistas.

2.3.2 O sistema de evangelização em células

A implantação do modelo de evangelização em células foi uma das mais importantes ações realizadas pelo pastor Raimundo Nonato na tentativa de buscar um crescimento expressivo e consolidar sua igreja como uma instituição relevante no mercado religioso de

Imperatriz. Tanto a visão de crescimento em células, como os encontros espirituais serviram de caminhos para alcançar esse objetivo.

As informações sobre o sistema de evangelização em célula da IENA apresentadas nessa pesquisa, foram obtidas: a) a partir da consulta de materiais didáticos produzidos pelo Ministério de Ensino da IENA; b) e através de entrevistas de membros, líderes de células, pastores e pastoras; c) e das observações que realizei durante meu período de participação em uma célula da Igreja Nova Aliança O Caminho²⁵, momento em que estabeleci uma relação face a face com alguns membros célula, e pude analisar mais de perto o funcionamento e as dinâmicas das reuniões.

O conhecimento do pastor Raimundo Nonato da visão celular de crescimento é anterior à fundação da IENA, visto que ele mesmo confirmou via entrevista que durante o período em que esteve à frente da PIBI tentou transicionar esta igreja para o sistema de crescimento em célula.

Na tentativa de realizar essa transição o pastor Nonato realizou algumas viagens à São Luís para receber treinamento diretamente de Robert Lay, líder do MIC, que três vezes ao ano promovia nesta cidade treinamentos para líderes interessados em conhecer o sistema de crescimento em célula. Já mostramos em capítulo anterior que esse agente religioso foi um dos pioneiros na propagação da visão de igrejas em pequenos grupos no Brasil.

O MDA, vinculado à Igreja da Paz, de Santarém-PA, e o M12, do Ministério Internacional da Restauração de Brasília também tiveram influências na instauração da visão celular de crescimento da IENA, visto que alguns membros receberam treinamentos também nesses dois polos. Com relação ao MIR, tive informações de que o pastor Raimundo Nonato estudou no mesmo seminário onde o fundador desse ministério, o apóstolo Renê Terra Nova, também cursou teologia. Ao que parece, foram colegas de seminário. A IENA, no entanto, não possui vínculo institucional nem com o MIR e nem com a Igreja Paz.

Sobre o motivo de implantar o sistema de evangelização em célula, a IENA afirma o seguinte: “Nós da Nova Aliança abraçamos a visão celular porque a razão de ser da igreja é gerar (CCC 2, 2005, p. 5). No que diz respeito ao que significa uma célula, declara: “uma célula é um grupo de 5 a 15 pessoas, que se reúne semanalmente, para aprender como ser uma família, adorar o Senhor, edificar a vida espiritual uns dos outros, orar uns pelos outros e levar pessoas ao evangelho” (CCC 2, 2005, p. 5). Em suma, a IENA adotou e adaptou a visão celular de

²⁵ A Igreja Nova Aliança O Caminho foi fundada no ano de 2023 e está localizada na Avenida 15 de Novembro, bairro Beira Rio, nas proximidades da praça da meteorologia.

crescimento, modelo de recrutamento de pessoas comprovadamente eficiente, e que foi instalado nessa igreja com intuito de multiplicar seu número de adeptos.

As reuniões ocorrem uma vez por semana. O propósito é compartilhar momentos de adoração, leitura bíblica, aconselhamento e evangelizar os não “salvos” que são integrados à célula. O grupo de células é, portanto, o primeiro espaço de socialização da igreja, lugar destinado à construção de vínculos de amizade e fraternidade, onde os participantes têm a oportunidade de “abrir o coração” para compartilhar suas experiências de vida e desafios vivenciados durante a semana.

Através dos trabalhos em células a igreja busca inserir pessoas num processo de experiência espiritual chamado de “ciclo do discipulado”, que pode ser sintetizado conforme o seguinte esquema: ganhar, consolidar, discipular, edificar e enviar. Em outras palavras, trata-se de um processo que visa converter e filiar pessoas à igreja.



Fonte: produzido pelo autor a partir de dados da pesquisa.

Ganhar significa conquistar novas pessoas por meio do evangelismo pessoal. A consolidação é o processo de acompanhamento das pessoas alcançadas, que ainda estão no início de sua trajetória espiritual na igreja. O discipulado é o momento em que os novos congregados são ensinados nas doutrinas bíblicas e na confissão de fé da instituição.

O estágio da edificação, por sua vez, representa a reafirmação de tudo o que o membro aprendeu nos estágios anteriores, bem como o momento em que ele é inserido nos princípios e pilares da igreja. O último estágio é o envio, onde o convertido encontra-se relativamente preparado para exercer a função de líder e se engajar na igreja visando ganhar novas pessoas.

O processo de multiplicação ocorre quando a célula atinge uma quantidade específica de integrantes, superando o número de 12 ou 15 membros. Ao ser multiplicada, novos líderes são escolhidos e consagrados para iniciarem uma nova célula e assim dar continuidade a um novo ciclo de discipulado, isto é, ganhar, consolidar, edificar, treinar e enviar novas pessoas.

Em suma, a célula é o espaço onde o recém-chegado encontra todo auxílio necessário à sua afirmação na igreja, sendo, portanto, um trabalho vital para que a engrenagem da instituição continue funcionando. Por essa razão, visando realizar da melhor forma possível a gestão dos seus membros, as células são criadas a partir de faixas etárias, existindo, portanto, células para crianças, adolescentes, jovens, casais, células femininas e masculinas e células mistas, que agregam pessoas de diferentes gêneros e idades.

Para os trabalhos que não podem ser realizados nas células, existem os encontros espirituais, outro importante mecanismo para atrair e filiar pessoas à IENA. Assim como acontece nas células, os encontros ocorrem regularmente e são organizados conforme a faixa etária, gênero e estado civil dos participantes. Geralmente eles acontecem na chácara da igreja, iniciando sexta à noite, e finalizando no domingo à tarde. O entrevistado 1, comenta alguns detalhes e práticas realizadas no encontro:

(...) Inicia-se na sexta-feira à noite. O nome da ministração é peniel, então você conta a história de Jacó e leva a pessoa a compreender o que é o pecado e ficar face a face com Deus e ali mudar sua história. No segundo dia de manhã já vem a libertação, que é por onde entra o pecado, porque muitas coisas acontecem na nossa vida, negócio de transferência hereditária. Depois vem a nova vida em Cristo, depois que você conhece o que é o evangelho (...) aí depois vem uma ministração sobre relacionamentos (...), logo depois vem cura interior que é pra trazer alguns traumas, algumas coisas de infância, na escola, na família (...), aí depois vem a cruz, que é a história de Jesus (...), aí depois vem sonhos. Geralmente o tema de sonhos conta um testemunho de algo que ele realizou né, casa própria, carro, emprego, uma formatura, pessoal mesmo, né? (Entrevista nº 2. Data de realização: 20/12/2023).

A menção que o entrevistado faz à figura de Jacó, é significativa. Na narrativa bíblica esse personagem é representado, a começar pelo seu nome que significa suplantador, como alguém trapaceiro, enganador e manipulador, até ter um encontro face a face com Deus, em Peniel (um dos temas das ministrações do encontro). A partir desse encontro ele tem sua vida transformada, incluindo até mesmo o seu nome, que foi mudado de Jacó para Israel.

Essa narrativa, associada aos demais sermões sobre libertação e cura interior, cruz de Cristo, sonhos, constitui o conjunto de discursos que busca oferecer ao participante explicações sobre seus dilemas de vida e ao mesmo tempo construir um imaginário de vida abundante a partir da experiência do encontro com Deus. O encontro é um elemento central no processo de

recrutamento de pessoas, sendo inclusive apresentado como um evento transformador que altera profundamente a vida dos participantes.

Na prática, através de equipes treinadas para realização desse evento, a IENA promove práticas de libertação e cura interior, utilizando técnicas de confissão positiva, mapeamento espiritual, quebra de maldição e toda uma ritualística de ministrações visando a restauração de vidas e renovação espiritual. Em termos de estratégias de crescimento, tem sido um dos principais meios de captação de pessoas para a igreja.

Os trabalhos em células e os encontros são complementares. Somados aos cultos semanais das igrejas, e aos mais variados eventos, como conferências, seminários e escolas de formação e libertação, constituem o conjunto de elementos que estruturam o sistema de arregimentação de fiéis da Igreja Nova Aliança. A análise dessas atividades, além de mostrar a lógica do trabalho religioso dessa instituição, também nos permite construir um primeiro olhar acerca das práticas que essa igreja tem implementado no mercado religioso de Imperatriz.

2.3.3 A dimensão litúrgica

As celebrações cúlticas da Igreja Nova Aliança refletem importantes mudanças, que considero serem decorrentes, em primeiro lugar, da implantação do sistema de visão celular de crescimento que promove a realização de cultos em pequenos grupos, e em segundo lugar, do próprio processo de renovação litúrgica implementado por essa igreja.

Podemos dizer que liturgia se refere a realização dos serviços sagrados, que evoca, através dos cultos, cerimônias e ritos, as crenças ou símbolo fundamental de um grupo religioso. No cristianismo essa crença é a doutrina da salvação, e o culto cristão, o ambiente onde os processos litúrgicos ocorrem de modo mais regular, e manifestam de forma objetiva a crença da salvação através dos cânticos, pregações e sacramentos.

O culto cristão tem por referência normativa a bíblia sagrada, mas agrega elementos da tradição e da experiência. A partir desses três elementos, o culto integra conteúdo do Antigo e do Novo Testamento; crenças e práticas tradicionais, construídas e conservadas pelas igrejas; e manifestações espirituais e vivências de cada segmento e comunidade cristã.

O pentecostalismo, que atribui imenso valor às línguas espirituais, à profecia, à revelação e aos demais dons do Espírito, é, provavelmente, o segmento evangélico brasileiro que mais enfatiza o valor da experiência como uma circunstância do culto. A terceira onda desse movimento, no entanto, promoveu significativas alterações nas práticas litúrgicas desse

grupo religioso, intensificadas nas últimas décadas pelas igrejas de visão celular, que em sua grande maioria acomodaram o culto à cultura urbana e o adaptaram ao gosto dos fiéis.

As mudanças no culto religioso das igrejas em células ocorreram primeiramente devido as reuniões em células serem reuniões de culto, que podem acontecer nas casas dos integrantes das células, nas empresas, nas praças ou outros lugares públicos, e até mesmo no espaço oficial dos cultos das igrejas. Como já descrevi no primeiro capítulo, na visão dessas igrejas essa forma de culto é uma maneira de implementar o que consideram ser o modelo bíblico instaurado por Jesus e pela igreja primitiva, sem muito apego a tradições e práticas litúrgicas que tornam as celebrações engessadas.

Na IENA, os cultos nas células possuem uma dimensão diferente dos cultos oficiais da igreja. As práticas, por exemplo, se resumem a orações, louvores e pregação. Essa última, inclusive, como pude perceber nos encontros que participei, é apenas um comentário do que o pastor da igreja pregou no domingo.

A pouca autonomia do líder de célula no ensino e pregação mostra que esse sistema de evangelização promove a aproximação entre os membros, entretanto, mantém mecanismos de controle para que os pastores possam conservar sua dominação espiritual sobre o grupo. Assim, se por um lado, a visão celular de crescimento propõe, como afirmam os líderes, realizar a gestão de pessoas de forma flexível, através da divisão de tarefas em rede, que inclusive facilita o trabalho do pastor, por outro, mantém o grupo preso na cartilha da instituição, que controla as ações dos líderes e dos integrantes das células.

Os cultos oficiais da Igreja Nova Aliança Ágape acontecem tradicionalmente três vezes na semana, e têm como característica a liberdade e a inovação. Na quarta-feira acontece o culto da “quarta dos milagres”; no sábado o culto de adolescentes (Aliança *Teen*) e o culto de jovens (Aliança Jovem), e por último, as celebrações dominicais. A grade de cultos está organizada assim:

Tabela 3- Cronograma de culto da Igreja Nova Aliança Ágape

Cultos	Dia da semana	Horário
Quarta dos milagres	Quarta-feira	19h30
Aliança <i>Teen</i> Ágape	Sábado	17h
Aliança Jovem Ágape	Sábado	19h30
Aliança <i>Kids</i> Ágape	Domingo	10h, 17h e 19h30
Igreja Nova Aliança Ágape	Domingo	10h, 17h e 19h30

Fonte: Elaborada pelo autor a partir de informações obtidas na pesquisa.

A partir dessa tabela podemos perceber que os cultos são divididos visando atender as diferentes necessidades dos consumidores de bens de salvação, o que consequentemente influencia a linguagem das canções e dos sermões, e do tipo de práticas espirituais realizadas pelos líderes que estão à frente dos trabalhos.

No culto de milagres, por exemplo, realizado às quartas-feiras, as pregações, os ritos, a utilização de símbolos e objetos ungidos e a oferta da cura divina e libertação mostram a face mais tradicional da Igreja Nova Aliança, que no meu modo de ver, juntamente com práticas e doutrinas que ela ensina em outros eventos, constitui um conjunto de elementos que justifica sua pertença ao neopentecostalismo. Apresento mais detalhes sobre essas práticas no capítulo 3, onde descrevo o trabalho e a oferta religiosa da IENA.

As celebrações de adolescentes e jovens assumem outra configuração. Os louvores reproduzem diversos estilos, indo do *rock* ao *worship music*, e levam o público a diferentes manifestações corporais. Através de suas letras buscam gerar no adorador a sensação de liberdade, e de que são amados e cuidados por Deus; lógica reafirmada nos sermões, que em sua grande maioria enfatizam questões sobre discipulado, obediência, formação do caráter, consagração a Deus e separação do mundo. Discursos sobre pecado e culpa recebem pouca ênfase, em vez disso, prevalece o discurso da paternidade de Deus, do seu amor, perdão e graça como elementos que fortalecem o jovem discípulo em sua caminhada e luta contra as tentações da carne e prazeres do mundo.

O culto de crianças, realizado aos domingos, acontece em salas separadas. Desses cultos participam crianças de até doze anos, em grupos de 1 a 3 anos; 4 a 6 anos e 7 a 12 anos. Para atender a demanda deste ministério a igreja investe na compra de material didático com linguagem adaptada à realidade infantil. Orações, cânticos e pregação também são elementos do culto infantil, que também agrega brincadeiras, atividades lúdicas e educativas numa linguagem religiosa.

Também aos domingos, em três horários: manhã, tarde e noite, acontece o culto de celebração para toda igreja. Os temas são variados. Em alguns domingos acontece o culto de família, culto para casais, entre outros. O culto de missões é fixo, e ocorre em um domingo de cada mês. A presença do pastor Raimundo Nonato é quase sempre confirmada, exceto nas datas em que está viajando ou cumprindo agendas ministeriais. Sua presença aos domingos reafirma seu lugar de líder maior da instituição. Seu carisma, agora institucionalizado, se manifesta

através de pregações expositivas, em alguns momentos acompanhadas por manifestações de línguas espirituais, orações por curas e milagres, revelações e realização de atos proféticos.

Além dos cultos, a Igreja Nova Aliança Ágape também realiza diversas conferências anuais direcionadas de acordo com o público. As principais são: Conferência Correndo na Contramão, realizada pelo Aliança Jovem; Conferência Conexão *Teen*, realizada pelo Aliança *Teen*; Conferência *Kids*, realizada pelo Aliança Kids; Conferência de Missões; Conferência de Mulheres e Conferência Homens de Verdade. Durante esses eventos a igreja recebe inúmeras pessoas no templo da Nova Aliança Ágape, período em que recebe também preletores de outros estados e países para ministrar palestras e pregações.

O templo religioso da Nova Aliança Ágape foi estruturado de forma a adaptar o seu modelo e estilo de culto. A fachada do templo é decorada nas cores azul e branco, onde estão estampados o símbolo e nome da igreja, seguido da expressão “lugar de amar a Deus e amar pessoas”. Internamente o templo é de tonalidade escura, com exceção dos espaços de culto infantil onde a decoração é mais lúdica e colorida.

O espaço destinado às apresentações e exibições religiosas fica do lado direito do templo, numa posição elevada, com um painel de led ao fundo, jogos de luzes acima e um púlpito na sua dimensão frontal.

O público ouvinte acomoda-se em cadeiras pretas de material plástico enfileiradas no entorno do palco, ocupando a maior parte da nave do templo, que também possui espaço de higiene, sala de reunião, salas para culto infantil, espaço para venda de livros e artigos religiosos, além de ser todo climatizado e contar com uma equipe de comunicação responsável por todo serviço técnico, incluindo a transmissão dos cultos no *YouTube*.

O departamento responsável por fazer a gestão técnica dos cultos da IENA é o Nova Aliança *Creative*, que supervisiona as áreas da comunicação e o ministério de artes, que abrange música, dança, teatro e arte profética²⁶.

A parte técnica é da responsabilidade da equipe de comunicação liderada por Walber Browne, e abrange as seguintes áreas: *stage*, sonoplastia, iluminação, fotografia, social media, projeção e transmissão. O trabalho é realizado de forma coordenada, e envolve em média um grupo de 7 pessoas, em sua grande maioria composto por voluntários.

²⁶ Sobre o que significa arte profética, a pastora Vanderlene diz o seguinte: Na minha mente, não existe uma arte profética, existe o profeta artista, o artista profeta. Então, eu sou profeta, e eu danço e profetizo através da dança. Mas nós temos uma equipe na igreja que usa esse nome ‘arte profética’. Eles trabalham com pinturas, desenhos e escrita. Eles atuam muito na hora dos cultos. Quando estão reunidos e começam a orar e Deus traz uma palavra, eles transformam essa palavra em uma pintura, desenho, ou texto, e aí se Deus mandar eles sobem no altar e entregam para igreja (Entrevista nº 2. Data de realização: 31/01/2024).

Durante as celebrações as luzes do templo são apagadas, e o jogo de luzes e o painel de led são acionados. Além de contribuir para diminuir a distração e criar um clima agradável ao culto, nessas circunstâncias, ao som dos louvores e pregação, o público presente, com suas emoções e sentidos estimulados pelo ambiente, dedicam seu culto a Deus, através de orações, clamores, adoração e expressões corporais diversas.

A destradiconalização da liturgia foi algo que pude verificar nos cultos da Igreja Nova Aliança. Processo que ocorre mediante a inovação da estética, a forma de realização dos cultos, mas também no âmbito da hinologia e através da inserção de novos elementos e tecnologias que tornam as celebrações mais dinâmicas.

Na esfera artística, além da música, a dança, o teatro e a arte profética são outras áreas implementadas nos cultos. Na parte da dança existe o ministério de dança, e no teatro o grupo Cia de Teatro Ágape. Sobre a importância da inserção de outras áreas do universo artístico na igreja, a diretora do Nova Aliança *Creative* afirma o seguinte:

Uma das coisas que eu creio que acontece é que a pessoa se encontra. Por exemplo, a pessoa foi bailarina antes de vir pra Jesus, e aí chega aqui e a arte dele não serve mais pra nada? ele vai ter que enterrar, vai ter que desistir? Não! Ela só vai ter que deixar Deus trazer para o olhar dele (...), usar a arte de acordo com aquilo que Deus orienta na palavra, pois você vai ver na bíblia Deus usando a arte em vários momentos. A arte faz parte da vida cristã, se Deus me deu esse dom, esse talento, ele não vai deixar de usar. O problema é que quando a gente não tem esse entendimento a gente começa a dizer que algumas coisas são do Diabo, e o Diabo não tem nada, nada é dele. As pessoas falam isso porque o diabo é um artista, segundo a bíblia ele era aquele que cuidava da música no céu, e então ele acabou tentando tomar posse disso também, pervertendo tudo, e quando a pessoa chega ela começa se sentir bem porque ela entende que está aqui e se sente útil naquilo que sabe fazer (Entrevista nº 2. Data de realização: 31/01/2024).

Nessa concepção, a arte é concebida como uma esfera criada por Deus. Por isso a importância de a igreja construir em seus fiéis uma nova mentalidade sobre a relação do cristão com a arte, mostrando sobretudo que suas habilidades podem ser usadas a serviço da igreja, e como instrumento de adoração e evangelização. Para tanto, a igreja realiza anualmente a Conferência *Creative*, período em que as equipes de artes e todos os que desejam desenvolver suas habilidades e criatividade, recebem treinamentos através de palestras, oficinas, cursos e *workshops*.

A visão da IENA com relação à arte tem lhe permitido trabalhar suas celebrações de forma inovadora, assim como ampliar a participação de pessoas no serviço religioso. Em parte, significa romper com alguns elementos do legalismo e tradicionalismo litúrgico das igrejas pentecostais clássicas, e das pioneiras do neopentecostalismo.

No próximo capítulo, veremos que as inovações no âmbito da dimensão litúrgica é parte de um processo de renovação do neopentecostalismo em Imperatriz, que através da Igreja Evangélica Nova Aliança inaugurou na cidade um novo jeito de ser igreja, bem como novas formas de operacionalizar o trabalho religioso.

CAPÍTULO 3 - GESTÃO ORGANIZACIONAL E TRABALHO RELIGIOSO: A SOCIODINÂMICA DO CRESCIMENTO DA IGREJA EVANGÉLICA NOVA ALIANÇA

No primeiro capítulo desta pesquisa, vimos que a teoria do mercado religioso postula que as organizações religiosas operam como empresas, fornecendo bens e serviços aos consumidores de religião. Também mostramos, que para esse processo ser eficiente, elas precisam dispor de uma estrutura organizacional que lhe forneça as condições necessárias à sua atuação no concorrido mercado religioso.

Dessa forma, nessa parte do trabalho busco analisar a atuação da Igreja Nova Aliança no mercado religioso de Imperatriz, tendo como foco de análise a sua estrutura e gestão organizacional, e o seu trabalho religioso.

A justificativa para analisarmos esses elementos é o fato de tentarmos compreender a forma como a gestão organizacional e o trabalho religioso dessa firma religiosa contribui para que ela possa ofertar no mercado religioso produtos e bens religiosos que atendam e satisfaçam as necessidades de determinado público consumidor de bens religiosos.

Na parte final do capítulo descrevo um pouco sobre a natureza da oferta religiosa dessa instituição, e a forma como ela tem crescido tanto no mercado religioso local, como em outras partes do mercado religioso brasileiro. Algo que considero ter relação direta com sua gestão organizacional e todo trabalho religioso que ela desenvolve através de seus agentes religiosos.

3.1 Missão, visão e valores da Igreja Evangélica Nova Aliança

No mundo das organizações, estabelecer um quadro da missão, visão e valores é sempre importante quando se pretende definir a finalidade da existência de determinada instituição, que por sua vez direciona sua política de gestão e trabalho.

O quadro da missão, visão e valores da Igreja Evangélica Nova Aliança é apresentado no Curso de Crescimento Cristão 2, e é ensinado a todo fiel que passa pelo processo de filiação à igreja. O referido curso, apresenta uma analogia retratando a IENA como um edifício, construída sob determinados pilares que constituem os fundamentos de sua existência: “Na fé cristã não é diferente, precisamos de pilares que são como na construção civil, essenciais para o nosso sustentáculo moral, suporte e base para nossa comunidade. Assim temos os sete pilares da Igreja Nova Aliança” (CCC 2, p. 99).

Através desses sete pilares, que também funcionam como uma espécie de declaração de fé, a IENA se apresenta como organização detentora de um sistema de pensamento e verdade que fundamentam suas crenças e práticas no campo religioso:

Antes de avançar em nossa caminhada, é necessário entender que temos missão, visão, e que os pilares vão nos ajudar a estabelecer nossos valores (...). Os sete pilares são os valores que vamos observar para cumprir nossa missão e visão. A missão diz o que queremos alcançar, a visão diz como e os valores, que limites vamos ter para não nos desviarmos (CCC 2, p. 99).

Os sete pilares a que se refere esta citação estão ordenados da seguinte forma: a) lugar de amar Deus; b) lugar de amar pessoas; c) ser uma igreja da palavra; d) ser uma igreja do poder; e) ser uma igreja de santidade; f) ser uma igreja de liberdade; g) ser uma igreja de revelação. Os dois primeiros sintetizam os mandamentos bíblicos de “amar a Deus e ao próximo como a ti mesmo” e relaciona sua missão ao cuidado, a dedicação e ao serviço às pessoas.

Os pilares “igreja da palavra, poder e revelação” comunica a ideia de igreja que realiza sua missão por meio da “genuína” pregação do evangelho, acompanhado por manifestações sobrenaturais, como: batismo com espírito santo, revelações, profecias, milagres e maravilhas. O pilar da santidade faz alusão à vida separada do “mundo” e de tudo que é considerado profano. A liberdade, por sua vez, faz referência à vida no espírito, rejeição ao legalismo e tradicionalismo, tanto na esfera litúrgica quanto na esfera dos usos e costumes.

O pastor Raimundo Nonato costumeiramente apresenta esses pilares em forma de sermões²⁷, destacando a importância de os membros entenderem esses pilares como elementos que moldam a identidade e a distinção da IENA. Pautada nesse ideal, ele também construiu os objetivos institucionais da igreja, em torno dos quais integra sua rede de líderes e configura sua gestão organizacional.

Para além do sentido que esse conjunto de crenças têm para os fiéis e quadro de líderes da IENA, sua importância deve ser relacionada também à necessidade que essa organização teve de construir uma identidade organizacional que a possibilitasse se diferenciar das demais firmas religiosas do mercado religioso de Imperatriz.

²⁷ Esses sete pilares também são abordados pelo pastor Raimundo Nonato em uma série de sermões publicados no canal do youtube da Igreja Nova Aliança sob o título “7 pilares da Igreja Nova Aliança” e estão disponíveis em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLAvsfBS-2EYqQn16hIU_35DW8ru8jwj33. Data de acesso 11/09/2023.

Por sua vez, a construção da sua identidade organizacional, lhe permite trabalhar de maneira uniformizada todo seu complexo programa de socialização, gerido por sua elite sacerdotal e alinhado a todo seu trabalho religioso.

3.2 A estrutura organizacional da Igreja Evangélica Nova Aliança

De modo geral, a importância da estrutura organizacional das empresas está ligada ao fato dela estabelecer as bases do funcionamento das empresas, e ter sua função ligada a basicamente três objetivos: realização de produtos e atingimento de metas; regulação das variações individuais em detrimento da coesão organizacional, e em terceiro lugar ao estabelecimento de posições de poder, tomadas de decisões e realização de atividades (SERRA, 2005, *apud* HALL, 2004).

Apesar de aparentemente estática, as estruturas organizacionais não são fixas, tampouco isentas da influência do ambiente em que estão inseridas. O fator ambiental, por exemplo, é um dos elementos que contribui para a configuração de diferentes tipos de estruturas organizacionais, podendo resultar na formação de estruturas organizacionais mais mecânicas, onde prevalece políticas de gestão mais rígidas e centralizadoras, pautadas na especialização das tarefas e obediência aos superiores; ou em estruturas mais orgânicas, onde prevalece a flexibilidade, o reajuste contínuo de tarefas, a valorização do trabalho em grupo, a descentralização nas tomadas de decisão e a ênfase numa estrutura inter-relacional de controle, autoridade e comunicação (TACHIZAWA, 2001, pp. 88, 89).

O ambiente externo, contudo, não representa uma força unilateral que determina de forma irracional os processos organizacionais. Nesse sentido, é importante destacar o poder do indivíduo, que a partir dos seus interesses e padrões de relações, exercem um papel significativo na dinâmica das mudanças organizacionais. O que nos leva a compreender a estrutura organizacional como uma rede de interdependência entre os agentes e os diferentes elementos que compõem a estrutura das organizações (SERRA, 2005).

Semelhantemente às organizações seculares, as religiosas constroem sua estrutura organizacional visando relacioná-las com seus objetivos institucionais, dentre os quais, podemos destacar: a propagação da fé; a defesa da unidade institucional; a defesa de posição frente a outras religiões; o interesse na conservação e no aumento de sua influência sobre a sociedade e o estado; a conservação e ampliação do número do seus seguidores e busca por equilíbrio financeiro e expansão (Mainwaring, 1987, *apud* GUERRA, 2000).

Um elemento que não pode ser deixado de lado nessa análise, é que, para além das finalidades meramente organizacionais e mercadológicas, a estrutura organizacional das firmas religiosas é também um elemento fundamental para criar a estrutura de dominação e poder necessária para coesão social de seus diferentes membros.

Weber (2000), por exemplo, ao compreender a igreja como uma organização, com quadro administrativo, funcionários, ou seja, como uma empresa burocrática, não exclui de sua análise, as relações de poder que existem no interior dessas organizações. Especialmente, devido ao fato de que a manutenção da dominação espiritual da elite religiosa sobre os demais membros da hierarquia eclesial e laicato, depende inteiramente do poder domesticador da ideologia eclesiástica em que todos os agentes são socializados.

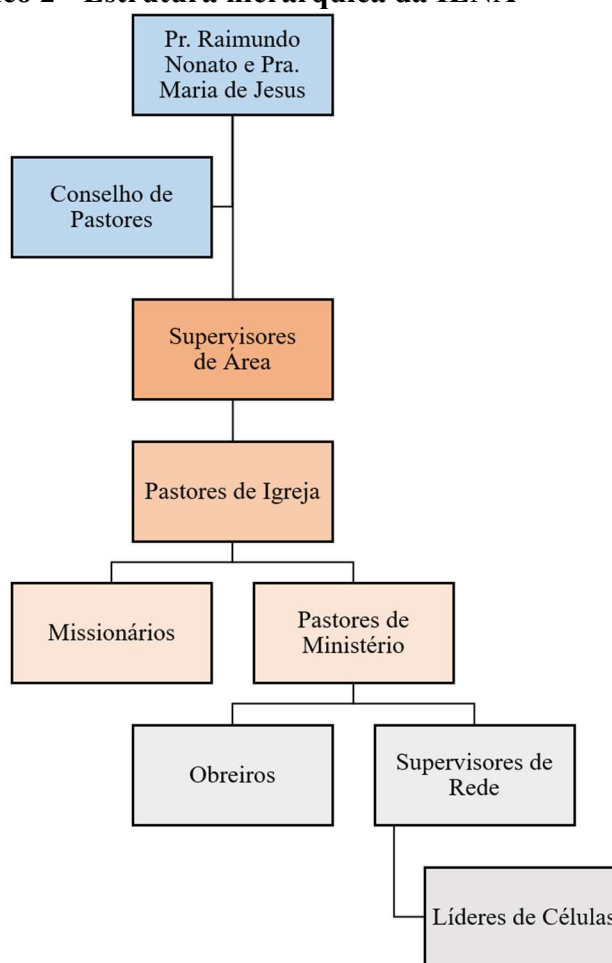
Na IENA, além dos discursos dos pilares eclesiásticos, há também uma concepção de poder que fundamenta sua dominação. Assim como nas demais instituições religiosas do segmento cristão, nessa firma religiosa a gestão organizacional estrutura-se a partir da crença na autoridade espiritual, a qual fundamenta, por conseguinte, a relação de autoridade e subordinação entre líderes e liderados.

Nessa concepção, a fonte suprema de todo poder é Deus, que estabelece as autoridades superiores e ordena o mundo espiritual e físico: “Toda autoridade no final, representa Deus, pois não há autoridade que não venha dele (...). Todas as outras autoridades são nomeadas por Deus, não estamos falando de pessoas, mas de princípios de autoridade” (CCC 2, p. 21).

Mais do que ordenar o mundo espiritual e físico, essa crença ensina ainda que se submeter à autoridade de Deus e a toda ordem de poder divinamente criada, é o que leva o fiel a ter acesso às bênçãos e recompensas que Deus pode conceder:

Uma igreja precisa estar comprometida com a obediência, submissão e lealdade. Entendendo e aceitando que toda autoridade vem de Deus. Ele é a única fonte de autoridade. Ser submisso é estar debaixo de sua cobertura, o que gera proteção, fertilidade, benção, e por fim a autoridade (...). É a decisão de submeter-se às autoridades, aos princípios e à lei divina, que lidera a benção de Deus. Andando debaixo de autoridade, aprendendo a obedecer, a ser submisso e leal a Deus através das lideranças por ele delegadas (CCC 2, p. 21).

A socialização seus membros nessa visão, permitiu a IENA construir laços de lealdade e submissão entre líderes e liderados, e assim legitimar uma estrutura hierárquica de natureza episcopal que assume a seguinte configuração:

Gráfico 2 - Estrutura hierárquica da IENA

Fonte: produzido pelo autor a partir dos dados da pesquisa.

Como mostra o gráfico, na parte mais alta da hierarquia está o pastor Raimundo Nonato de Oliveira Lopes e a pastora Maria de Jesus, por quem passa todo processo decisório da instituição. Em seguida está o conselho da igreja, formado por um grupo de pastores e pastoras, discípulos diretos do pastor Raimundo Nonato, que se reúnem algumas vezes no ano para discutirem assuntos de ordem doutrinária e administrativa.

Os pastores de área têm por competência a administração eclesial das regiões onde a IENA estabelece igrejas, e sob sua supervisão estão as igrejas implantadas nessas áreas. Os pastores de igreja são encarregados de dirigir congregações, e os missionários, por abrir novas igrejas sob o comando do departamento de missões.

Os pastores do ministério atuam junto aos departamentos de igrejas. O ministério de jovens da Nova Aliança Ágape, por exemplo, é liderado pelo pastor Joanes Silva; e o de adolescentes, pelo pastor Gabriel Nakayama. Com eles operam os supervisores de rede, que ajudam na gestão das inúmeras células que formam a rede de adolescentes e de jovens.

Os obreiros, por sua vez, executam serviços auxiliares, como: servir nos encontros, recepcionar as pessoas na igreja, realizar a vigilância interna e externa do templo durante os cultos, entre outros trabalhos. Por fim, temos os líderes de células, que organizam os encontros semanais das células e respondem diretamente aos supervisores de rede e aos pastores congregacionais.

Fica evidente que o modelo de governo adotado por essa igreja é o episcopal, sistema de dominação (estruturação da organização religiosa) extremamente hierárquica e autoritária em que o poder do líder é um misto de dominação carismática e legal. A desobediência ou revolta de algum liderado a essa hierarquia representa uma afronta ao próprio Deus que constituiu a liderança.

Dado a importância de conservar esse sistema, a liderança sempre enfatiza a proteção e as bênçãos aos que são obedientes. Essa estrutura legitima também o modelo de gestão adotado pela IENA que confere ampla liberdade aos líderes de governar e implantar sua visão e assim decidir os rumos que a organização deve tomar.

É interessante ressaltar que apesar do pastor Raimundo Nonato ter construído grande parte da sua trajetória ministerial na Igreja Batista, que adota um modelo de democracia direta chamada de congregacionalismo, ele optou por implementar na IENA o episcopalismo, onde o poder é retido por uma pequena elite que toma as mais importantes decisões da igreja sem precisar consultar a congregação.

Ainda que os interesses e aspirações dos leigos e dos demais membros da baixa e média hierarquia tenham sua importância, nesse jogo de forças, a tendência é que esses agentes adequem seu comportamento ao *modus operandi* da organização, e desempenhem seu papel conforme a missão, visão e valores da instituição. Por isso mesmo a IENA promove a socialização dos seus agentes em funções e papéis sociais bem definidos, para que eles possam realizar suas atividades em conformidade com seus objetivos institucionais.

A consolidação do poder do pastor Nonato passou, portanto, pelo reconhecimento dos seus fiéis da sua posição de poder. Atualmente, conforme me afirmou um dos entrevistados, ele está em transição para a posição de apóstolo, deixando de ser, nesse sentido, apenas o pastor sênior da instituição. Sua elevação à condição de apóstolo parece ter sido um dos motivos pelo qual foi criada a Nova Aliança Global, a mais alta instância burocrática da IENA.

A Nova Aliança Global não é necessariamente uma igreja, mas uma espécie de unidade de comando onde estão integradas toda rede de igrejas da IENA, e de onde saem as principais

decisões da instituição. Sobre a Nova Aliança Global, um dos entrevistados apresentou a seguinte explicação:

A Nova Aliança Global é a estrutura que dá unção, direção para todas as igrejas e ministérios da Nova Aliança, ligados ao ministério apostólico de nossos pastores, pastor Raimundo Nonato e pastora Maria de Jesus. Nosso pastor está transicionando de um ministério pastoral para um ministério apostólico, então, fundou-se, né, (...) foi necessário porque a igreja é um organismo vivo, como uma videira, mas uma videira também precisa de uma estrutura, que é o que a gente chama de treliça (...), a Nova Aliança Global é como se fosse essa treliça que dá suporte para as igrejas e missões (Entrevista nº 4. Data de realização: 22/02/2024).

A criação da Nova Aliança Global é fruto do processo de expansão da IENA, que como veremos já se faz presente em vários outros países. O pastor Nonato, nesse sentido, deixa de ser apenas o pastor sênior da igreja, e passa a ocupar a posição de apóstolo, que comanda toda a rede de igrejas da IENA.

Com a criação da Nova Aliança Global, a Igreja Evangélica Nova Aliança Ágape, a primeira da rede de igrejas da IENA, deixou de exercer a função de “igreja mãe”, mesmo sendo a igreja matriz. Por outro lado, todas as igrejas passaram a estar ligadas à Nova Aliança Global, que agora passou a ser o órgão que administra, juntamente com o conselho, todas as demandas da IENA.

Além das igrejas, todas as principais frentes de trabalho da IENA também passaram a ser vinculadas à Nova Aliança Global. Comentando sobre essas frentes de trabalho, o entrevistado continua:

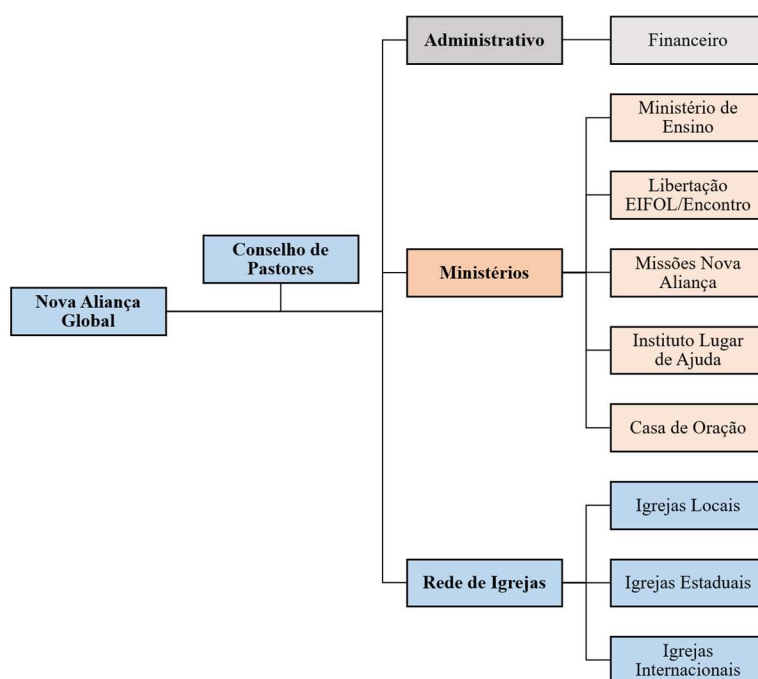
Então, os braços principais de atuação da Igreja Nova Aliança é: ‘atos de justiça’, onde nós cuidamos do pobre, do necessitado, do marginalizado(...). Esse braço é liderado pelo Instituto Lugar de Ajuda, ligado à Nova Aliança Global. Nós temos o ‘amor pelas nações’, é outra área de atuação, onde a MINA, Missões Nova Aliança coordena (...) e dentro de missões nós temos esse trabalho missionário como já citamos né, os países, cidades, estados e segmentos menos evangelizado, e as escolas de missões (...). Nós temos outra área de atuação que é a capacitação de liderança, aí nós temos o ministério chamado Ministério de Ensino, que capacita os obreiros que querem se tornar pastor, ou pastores que querem se aperfeiçoar. Esse ministério também promove o crescimento da igreja local através do CCC 1, CCC 2 (...). Além disso, nós temos outra área de atuação da Igreja Nova Aliança que é a libertação. Na área de libertação nós temos a Escola Integral de Formação de Libertadores (EIFOL); ao mesmo tempo, nas igrejas locais nós trabalhamos com o encontro com Deus que também é um braço de libertação onde a gente promove libertação e cura dentro das igrejas locais. Por último nós temos a casa de oração, que hoje é liderada pelo pastor Jean Carlos. O pastor Jean está trabalhando para construir um lugar de oração onde todas as igrejas, independente da denominação, possam ir orar e estar ali buscando vinte quatro horas por dia a presença de Deus, atraindo a presença de Deus, clamando a Deus (...). Então nós temos essas cinco áreas de atuação: atos de justiça, amor pelas nações, capacitação de liderança, libertação e casa de oração (Entrevista nº 4. Data de realização: 22/02/2024).

A integração de todas as igrejas da IENA, e de todas suas frentes de trabalho à Nova Aliança Global, afirmou um certo grau de autonomia das demais igrejas, em especial daquelas que foram fundadas por membros do conselho, que mesmo estando sob a liderança do pastor Nonato, detém grande poder no interior da instituição, principalmente nas igrejas em que são pastores.

Tal autonomia, no entanto, não representa total liberdade com relação ao pastor Nonato, que possui grande influência sobre membros do conselho, que o vê como profeta, apóstolo e, portanto, com alguém que deve ser honrado em virtude do seu legado espiritual e de sua autoridade outorgada por Deus.

Com base na forma como a IENA instituiu seu modelo de governo eclesiástico, estabeleceu seus programas de crescimento e definiu suas áreas de atuação, podemos conceber sua estrutura organizacional de forma departamentalizada, conforme representado no gráfico a seguir:

Gráfico 3 - Estrutura organizacional da Nova Aliança Global



Fonte: produzido pelo autor a partir dos dados da pesquisa.

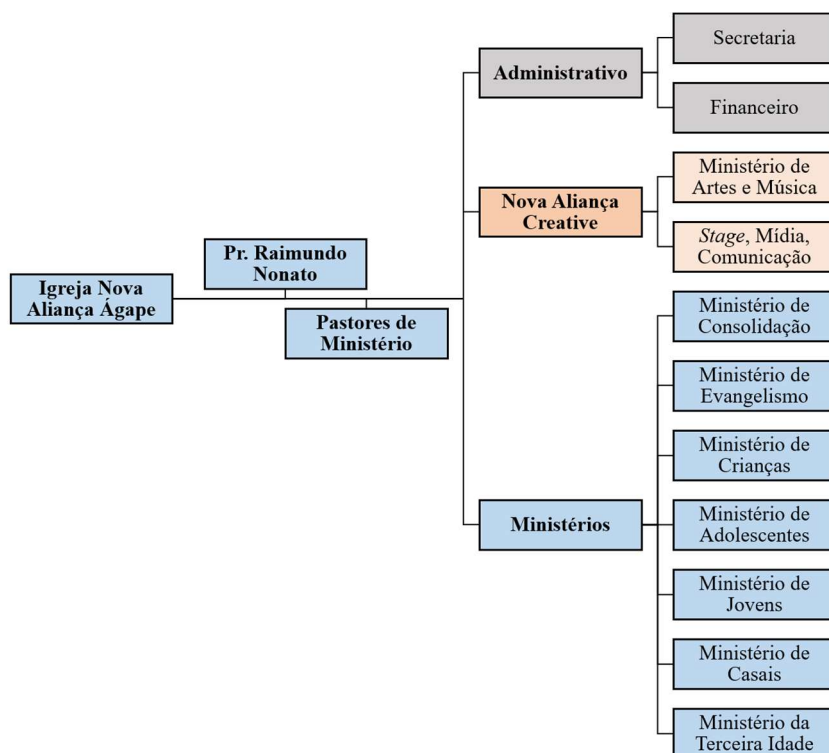
Todas as igrejas da rede Nova Aliança estão subordinadas às diretrizes estabelecidas pela Nova Aliança Global. O modelo de relação adotado pela instituição é a do cooperativismo,

onde cada congregação contribui com porcentagens de dízimos e ofertas para que os programas da IENA e o sustento dos seus obreiros sejam mantidos.

Vários pastores da IENA são assalariados, e atuam em tempo integral, estando disponíveis na sede administrativa da Nova Aliança Ágape. Outros atuam de forma parcial, exercendo cargo na igreja, mas dividindo seu tempo com seus afazeres da vida secular. Aos pastores de congregações é permitido atuar como dirigente de igreja, e ao mesmo tempo desenvolver alguma atividade laboral.

Cada congregação da rede de igrejas da IENA é organizada em conformidade com o padrão estabelecido pela Nova Aliança Global, tanto no aspecto administrativo como na estruturação dos ministérios. Dessa forma, baseado na estrutura organizacional da Igreja Nova Aliança Ágape, podemos construir um padrão do tipo de configuração organizacional da rede de igrejas da IENA conforme o seguinte modelo:

Gráfico 4 - Departamentalização da Igreja Nova Aliança Ágape



Fonte: produzido pelo autor a partir dos dados da pesquisa.

A organização em departamentos e ministérios permite à IENA planejar suas ações e distribuir funcionalmente suas atividades, que por sua vez, são desenvolvidas conforme a

demanda de cada departamento. Conforme já mencionamos, toda parte de mídia, *stage* e comunicação é de responsabilidade do Nova Aliança *Creative*, que igual modo supervisiona o ministério de artes e música. No caso dos ministérios formados por rede de células, a exemplo do Aliança Jovem e Aliança *Teen*, além de serem liderados por pastores, também possuem os supervisores de rede, e os líderes de células.

Todo trabalho realizado, no entanto, é precedido por um longo processo de treinamento do quadro de líderes e pastores. O treinamento é importante porque contribui para a especialização do trabalho religioso da igreja. Tal exigência perpassa todos os departamentos, e nenhum membro assume função de líder ou conquistar novas posições na hierarquia da igreja sem antes realizar os cursos exigidos pela instituição.

Inspirados em Weber (2000), podemos entender que a burocratização da IENA representou a consolidação da dominação carismática do pastor Raimundo Nonato sobre os leigos. Situação que só foi possível mediante o reconhecimento, por parte do laicato, da condição do pastor Raimundo Nonato como profeta enviado por Deus.

Por outro lado, foi muito importante para essa burocratização, a formação do que Weber (2001) chama de “aristocracia carismática”, isto é, um grupo limitado de partidários que se congregou em torno do pastor Nonato, selecionados conforme critérios carismáticos e administrativos sob a insígnia da lealdade e fidelidade a posição do pastor Nonato de líder fundador da IENA.

Esse grupo se estruturou como elite da igreja, e sob o comando do pastor Nonato, passou, em parte, a ser responsável pelo controle dos processos religiosos, e reprodução do sistema de crenças e práticas da igreja, que constrói no imaginário dos leigos a crença e o reconhecimento da estrutura de dominação da IENA como divinamente inspirada, e, portanto, digna de reconhecimento.

Apesar da concentração de poder do pastor Raimundo Nonato, ele não governa a igreja sozinho. Como vimos antes, sua rede de discípulos diretos, que forma o conselho da instituição, lhe auxilia na tomada de decisões. Alguns desses discípulos inclusive possuem relativa autonomia, especialmente nas igrejas em que são pastores. Dessa forma, é totalmente possível afirmar que a estrutura hierárquica construída na IENA possui relativa diferença dos sistemas de governo implantados pelas igrejas pioneiras do pentecostalismo e neopentecostalismo.

Primeiramente, a IENA não possui uma convenção geral, como a Igreja Evangélica Assembleia de Deus; em segundo lugar, apesar da posição de chefe maior da instituição

exercida pelo pastor Nonato, o poder na instituição é dividido com o conselho, que auxilia o pastor Nonato na tomada de decisões.

Essa relativa autonomia de alguns agentes, no entanto, não representa uma ameaça à posição de líder maior do pastor Nonato, que no âmbito das relações internas da alta hierarquia da IENA, detêm influência sobre grande maioria dos membros. Seu maior capital ainda é, no entanto, o seu carisma.

A seguir, analiso de forma detalhada o processo de treinamento e formação de lideranças na IENA, e a trajetória para assumir novas posições na estrutura hierárquica da instituição.

3.2.1 Formação do quadro de líderes e ministério pastoral

A trajetória religiosa dos membros que desejam se tornar líderes, obreiros, missionários e pastores na IENA, passa pelo cumprimento de uma série de requisitos considerados indispensáveis para que o trabalho religioso da igreja seja executado em conformidade com o seu padrão e objetivos institucionais.

Um dos requisitos principais é a vocação, ou seja, o chamado de Deus. Os vocacionados, por sua vez, devem ser aprovados por seus superiores, que observam a lealdade e comprometimento institucional, o nível de maturidade espiritual, e experiência de vida cristã do candidato ao ministério. Além desses requisitos, é importante também que o membro seja fiel em seus dízimos e ofertas, pois isso traduz seu compromisso com Deus e a igreja, além de servir como exemplo aos seus liderados.

Além da questão vocacional, a igreja exige também dos candidatos a cargos de liderança e ao ministério pastoral, que os mesmos passem por todo um processo de formação nos programas de formação desenvolvidos pela própria instituição. Acerca dessa questão, o entrevistado 5, afirma o seguinte:

Dentro da Nova Aliança Global, o pastor Raimundo Nonato tem alguns critérios para que esse obreiro, esse pastor ou missionário possa desenvolver melhor o seu ministério, então ele precisa seguir o trilha de treinamento da igreja local, que no caso é o CCC 1 CCC2, encontro, reencontro, cursos de líderes, ou fazer a base missionário ou uma base missionária aprovada pelo nosso pastor. A outra condição *sine qua non*, e importantíssima, é que esse pastor, obreiro, missionário, faça a EIFOL, que é a escola de libertadores da nossa igreja. Então ele tem que seguir esse trilha. A partir daí, todos esses requisitos cumpridos, o nome dele é sugerido, soprado pelo Espírito, sugerido por alguma pessoa, e esse nome é levado ao conselho, o conselho dá a sua palavra, e a palavra final sai dos nossos pastores, pastor Raimundo Nonato e a pastora Maria de Jesus. Hoje o nosso processo caminha dessa forma (Entrevista nº 4. Data de realização: 22/02/2024).

Os cursos a que o entrevistado se refere são ofertados pelo Ministério de Ensino, pelo Departamento de Missões, através da base semeadores, e pela Escola Integral para Formação de Libertadores. Esses três órgãos formam o núcleo responsável pelo processo formativo do corpo de líderes, missionários e pastores da Igreja Nova Aliança. A orientação é que todos os membros realizem esses cursos, mas sua obrigatoriedade é apenas àqueles que desejam ocupar cargos de liderança e exercer o ministério pastoral.

Os cursos ofertados pelo Ministério de Ensino são três: Curso de Crescimento Cristão 1 e 2 e o Curso de Formação de Líderes. O CCC 1, tem como objetivo ensinar ao membro os princípios e verdades bíblicas considerados indispensáveis para seu crescimento espiritual. O conteúdo do curso abrange os seguintes tópicos: plano da redenção; princípios de revelação da palavra; andando no espírito; transformação da alma; caráter de cristo e equilíbrio financeiro. No CCC 2 o membro recebe treinamentos mais específicos, que o capacita para exercer a função de líder de célula. Os tópicos trabalhados neste curso são: visão e prática de célula; autoridade e submissão; liderança e relacionamento cristão.

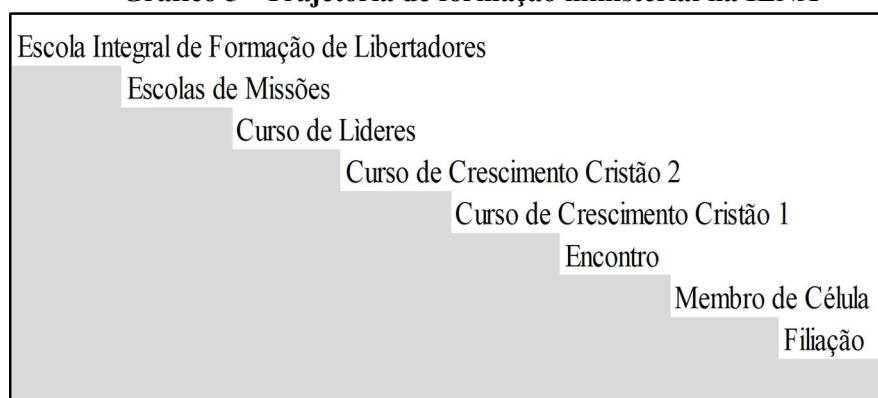
O Curso de Líderes é de natureza mais teológica e ministerial. Eis os assuntos abordados: métodos de estudo da bíblia; aconselhamento pastoral; ética pastoral; evangelismo e o evangelho; eclesiologia; seitas e heresias; escatologia; liberdade financeira; discipulado; visão panorâmica do antigo testamento; visão panorâmica do novo testamento; epístolas paulinas; bíblia: epístolas gerais; liderança estratégica e história da igreja. O objetivo dessa formação é, através do estudo sistemático da bíblia, capacitar pessoas para as funções de obreiros, missionários e pastores.

Para aqueles que desejam atuar no campo missionário existem os treinamentos desenvolvidos pela Missões Nova Aliança (MINA) através da Base Missionária Semeadores, que oferta três cursos: a) Curso Intensivo de Missões, com duração de quase um mês; b) Escola de Missões *Ekbollo*, de nove meses; c) e o Projeto 1615, com duração de cinco dias. Todos esses treinamentos são de natureza teórica e prática.

Por fim, existe a Escola Integral para Formação de Libertadores, considerada imprescindível para formação do líder, e de caráter obrigatório para quem deseja ingressar no ministério missionário e pastoral. Ela é ofertada de forma intensiva, e acontece todos os anos, geralmente no mês de janeiro, na chácara da igreja. O foco é a formação e capacitação de pessoas para atuarem como conselheiros e desenvolverem ações na área da libertação e cura interior.

Sair da condição de leigo e conquistar novas posições na hierarquia da IENA, significa, portanto, cumprir essas condições, que na visão da instituição são fundamentais para a conservação do seu padrão de trabalho religioso. De forma resumida, os estágios desse processo são os seguintes: ser filiado à igreja (convertido e batizado); ser membro de célula; ter participado do encontro e reencontro, e ter passado pelo processo de formação nos cursos ofertados pela igreja.

Gráfico 5 - Trajetória de formação ministerial na IENA



Fonte: produzido pelo autor a partir dos dados da pesquisa.

Essa trajetória, no entanto, não segue uma ordem linear. O líder de célula, por exemplo, pode dirigir um pequeno grupo tendo realizado apenas o CCC 1 e 2. Aos missionários, por outro lado, é indispensável a realização dos cursos de missões e a EIFOL. Já a consagração de pastores pode ocorrer mesmo que o pretendente ao ministério pastoral não tenha realizado as escolas de missões, mas, sendo obrigatório para o exercício de sua função a realização da EIFOL.

Com relação a presença feminina em cargos de liderança e ministério pastoral, a Igreja Nova Aliança adota uma postura flexível. Essa disposição reflete especificamente a visão do seu líder fundador, que, segundo um dos entrevistados, se posiciona sobre essa questão da seguinte maneira:

O pastor valoriza muito o ministério feminino. Nas escrituras a questão da mulher não estar submissa ao seu marido é a única coisa que desqualifica uma pessoa. Então, assim, o ministério pastoral, missionário e até profético, no Novo Testamento nós temos, pessoas, mulheres que foram profetas, missionárias, evangelistas, então o pastor Nonato, ele valoriza sim o ministério feminino, se importa, entende que é importante dentro da igreja, mas não entende que ele seja superior aos outros ministérios, ou o ministério feminino superior ao masculino, não, e nem vice e versa, cada um ocupa o seu devido lugar dentro dessa estrutura e dentro desse organismo chamado corpo de Cristo (Entrevista nº 4. Data de realização: 22/02/2024).

O reconhecimento do ministério feminino não modifica, por outro lado, a crença na da igreja na tradicional relação de gênero baseada na visão bíblica do homem como o “cabeça da mulher” e desta com sua auxiliadora. Todavia, como podemos verificar acima, a valorização da figura da mulher pelo pastor Raimundo Nonato está relacionada à importância do trabalho que elas podem desenvolver na igreja, ou seja, à divisão do trabalho religioso da instituição, que é potencializado através da atuação feminina em diversas esferas de trabalho. Sobre isso ele comenta:

Hoje em muitos ministérios elas (as mulheres) já são reconhecidas como pastoras, em outros não. Jesus não chamou nenhuma mulher para ser discípula porque não precisa, elas são voluntárias até hoje e são gigantes na obra de Deus, com título ou sem título (...) Independente do título, Jesus foi quem mais acreditou na mulher. Olha o ministério quadrangular! Começou com uma mulher. Vamos trabalhar pra Jesus, esquecer o que é pequeno e olhar para o que é grande, e o grande é plantar igreja e trabalhar para glória de Deus (RAIMUNDO NONATO, 2021).

No caso das lideranças das igrejas, o pastor Raimundo Nonato tem por tradição consagrar casais de pastores, com a mulher atuando juntamente com seu cônjuge. Em algumas situações elas podem até ser mais atuantes que o marido, especialmente nos casos em que elas se mostram mais habilidosas, a exemplo da pregação da palavra e atuação em ministérios proféticos, de cura e libertação. Contudo, dada a importância que a igreja atribui ao casal, tendo em vista a necessidade de atender seu corpo de membros, o comum é que casais de pastores atuem em parceria.

A figura feminina mais importante e influente na IENA é, sem sombra de dúvida, a pastora Maria de Jesus, esposa de Raimundo. Atuando desde a fundação da igreja ao lado do marido, ela desempenha um papel fundamental na liderança, juntamente com outras mulheres que além de desempenhar funções mais gerais, também colaboram para o desenvolvimento de projetos e conferências voltados para o público feminino da IENA.

Outra pastora de grande influência é Maria de Fátima, que dirige a igreja Nova Aliança Moriá. Ela é uma das responsáveis pelo ministério de cura e libertação, inclusive dos cultos de libertação realizados na Nova Aliança Ágape às quartas-feiras.

Em regra geral, desde a fundação da IENA, as mulheres têm sido importantes para o desempenho do trabalho religioso da instituição no mercado religioso de Imperatriz. Elas atuam como líderes de células, supervisoras de rede, missionárias, obreiras, líderes de departamentos e pastoras de congregação, juntamente com seus cônjuges.

Alguns dos departamentos em que verifiquei a presença de mulheres exercendo liderança foram: a Nova Aliança Creative e o Ministério de Artes, liderados pela pastora

Vanderlene; o Ministério de Ensino, liderado pela pastora Rhecyelle Belfort; e o Ministério de Missões, que, antes do atual diretor, era liderado pela pastora Maria Sabóia.

Além de atuarem nesses departamentos, algumas mulheres também fazem parte do conselho da IENA, integrando, portanto, o alto escalão da igreja e desempenhando um papel crucial nos processos decisórios da instituição. Embora não disponhamos de informações detalhadas sobre a composição do conselho, a maioria das conselheiras são esposas de pastores que ocupam posições de liderança na igreja.

Até onde pude verificar nesta pesquisa, não é costume na IENA homens solteiros serem ordenados pastores. Em contrapartida, já houve situação de mulher ser ordenada pastora na condição de solteira. Esse foi o caso da pastora Keany Barbosa, que foi ordenada em 2007 e serviu como missionária em Moçambique entre 2015 e 2021, período em que ajudou na implantação de uma das igrejas da IENA naquele país.

Apesar da IENA manter uma postura conservadora no que diz respeito à questão de gênero, ela se mostra inovadora quando o assunto é aproveitar as habilidades femininas e utilizá-las no ministério. Algo que como vimos, acontece dentro de determinados parâmetros e circunstâncias, e respeitando sobretudo a crença da igreja na divisão dos papéis conforme uma determinada interpretação do texto bíblico.

3.2.2 Marketing religioso

Neste processo de construção de uma cultura organizacional e gestão eficiente, a IENA passou a realizar um forte investimento em marketing religioso. O objetivo consiste em levar sua mensagem por meio das telas a um número maior de pessoas, e assim marcar sua presença no universo da comunicação e da mídia, para se mostrar presente nesta esfera de disputa do mercado religioso.

Ao contrário de muitas grandes empresas religiosas neopentecostais, a IENA, até o momento, não construiu uma estrutura de marketing e comunicação tradicional, com uso de rádio, televisão e gravadora. No entanto, sua atuação no marketing digital tem sido bastante eficaz, sendo inclusive uma das pioneiras nesse campo em comparação com suas concorrentes no mercado religioso de Imperatriz.

Compreendemos que o marketing abrange todas as ações que as organizações realizam para divulgar seus produtos no mercado, com o objetivo de obter lucros e aumentar o capital simbólico de suas marcas. Essa característica também está presente no trabalho das instituições religiosas, que, embora afirme que o verdadeiro motivo do uso do marketing seja a necessidade

de pregar a mensagem da salvação, na prática, o utilizam como ferramenta para melhorar sua performance e competitividade no mercado religioso, bem como tornar públicos e conhecidos seus símbolos e marcas.

O uso do marketing religioso, assim como de modelos organizacionais de molde empresarial é fruto da consolidação da liberdade religiosa e do pluralismo religioso, que como já detalhamos, ganhou força no Brasil a partir da segunda metade do século XX, período em que diversos grupos religiosos se adequaram a uma situação de competitividade imposta pelo mercado através do desenvolvimento de estratégias de planejamentos conforme a lógica do mercado, e do qual o uso do marketing e os modelos organizacionais de tipo empresarial são expressões fundamentais (CARREIRO, 2007).

O neopentecostalismo foi um dos segmentos religiosos bastante beneficiados nesse novo momento do mercado religioso brasileiro, tendo em vista que sua expansão acontece a partir da segunda metade do século XX, período em que a estrutura social e cultural do país passa por transformações, em especial em razão da forte urbanização do Brasil e do próprio processo de ascensão dos meios de comunicação em massa do qual muitas as igrejas pioneiras do neopentecostalismo se apropriaram²⁸.

A utilização do marketing e dos meios de comunicação em massa pelas firmas neopentecostais já foi objeto de análises de diversos sociólogos da religião no Brasil, que ressaltaram inclusive o forte crescimento de firmas religiosas como a IURD, que fez e continua fazendo forte uso desses meios de comunicação como forma de reproduzir sua mensagem religiosa e divulgar sua marca em todo território nacional, e diversos países do mundo.

No caso da IENA, a utilização de programas de rádio e televisão é praticamente nula. O pastor Nonato inclusive afirmou que até o presente momento sua igreja não possui sistema de rádio e televisão. Por outro lado, há um forte investimento no uso de mídias digitais, a exemplo do *Facebook*, mas principalmente do *Instagram* e *YouTube*.

²⁸ Sobre esse contexto de mudanças, e seus impactos no mercado religioso brasileiro, Carreiro (2007, pp. 287, 288) afirma o seguinte: O último quarto do século XX, no Brasil em muito se distanciou ideologicamente, socialmente e culturalmente do Brasil anterior às décadas de 1960. O campo evangélico, por exemplo, inaugura formas mais elaboradas de proselitismos, utilizando-se dos meios de comunicação de massa e de estratégias agressivas para fazer crescer a instituição. Por outro lado, os fiéis, aos poucos vão se transformando em clientes interessados em bens religiosos, em especial, objetivando a maximização de sua satisfação, uma vez que as opções em termos de alternativas religiosas estão agora ampliadas. Há uma clara mudança na concepção das relações entre os agentes religiosos com suas firmas e os consumidores de bens religiosos com seus gostos. Definitivamente outra mentalidade sobre a religião passou a existir e concorrer com as formas antigas. Sua consequência inevitável foi a emergência, depois de prolongado conflito moral e intelectual, de novas concepções e de novas linhas de pensamento, em geral vindos do campo econômico, para dentro do processo administrativo das firmas religiosas.

No *Instagram*, especificamente, consegui visualizar contas de diversas igrejas da IENA. A conta com mais seguidores é o da Nova Aliança Ágape, com mais de 26 mil seguidores. Na página constam inúmeras postagens de vídeos de pregações, eventos sociais e religiosos e anúncios das programações da igreja. Além de divulgar sua mensagem de forma digital, a atuação no *Instagram* tem um caráter especificamente de marketing digital, e mostra também o lado profissional do trabalho realizado.

O *YouTube*, por sua vez, é usado para transmissão dos cultos *on line*. A Igreja Nova Aliança Ágape se inscreveu nessa rede em 2013 e já possui mais de 64 mil inscritos e mais de 4 milhões de visualizações.

A presença da IENA na esfera do digital contribuiu para que ela não sentisse de forma tão aguda o impacto provocado pela Pandemia do Covid-19²⁹, período em que o isolamento social implementado pelo poder público proibiu a aglomeração de pessoas devido a transmissão e infecção do coronavírus. Nessas condições as igrejas tiveram que realizar seus cultos *on line*.

A ideia de transmitir seus eventos *on line*, e realizar campanhas de marketing visando mostrar a marca da igreja no universo digital, possibilita à igreja ampliar o alcance de suas mensagens, além de propiciar um ambiente alternativo para as pessoas que não vão com tanta frequência à igreja e desejam acompanhar as reuniões de celebração de forma virtual.

Devo destacar que esse trabalho da IENA no âmbito do mundo digital através das redes sociais é parte de sua cultura organizacional. Em suma, trata-se de um trabalho organizado, respaldado por seus líderes, e sobretudo auxiliado por especialistas que atuam a partir do departamento de comunicação. Para o líder desse departamento, a atuação da IENA nas redes sociais é fundamental para que ela possa comunicar sua mensagem ao público que se encontra cada vez mais conectado e inserido no mundo virtual.

Ainda que os impactos do trabalho no ambiente virtual, em termos de ganhos de capital simbólico e religioso para IENA, não tenham sido mensurados nessa pesquisa, é importante destacar que sua performance nas redes, entre outras coisas, a torna presente no ambiente de disputa entre organizações religiosas que ocorre também em ambiente virtual, assim como facilita a divulgação da marca da Igreja Nova Aliança num ambiente onde a produção de conteúdos e a influência têm ditado o ritmo do sucesso e insucesso dos empreendimentos que fazem uso das ferramentas virtuais.

²⁹ A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus (SARS-CoV-2). Se espalhou rapidamente pelo mundo a partir de 2019, provocando uma pandemia que afetou bilhões de pessoas e gerou milhões de mortes.

3.3 Frentes de trabalho da Igreja Evangélica Nova Aliança

A estruturação organizacional da IENA teve como base o treinamento de um grupo inicial de líderes, que, juntamente com o Pastor Raimundo Nonato, formam hoje a elite dirigente da igreja. A consolidação dessa rede de líderes foi crucial para a construção dos projetos religiosos, do plano de trabalho e da gestão organizacional da instituição, que se retroalimenta ao longo dos anos por meio do recrutamento e treinamento de novos líderes.

É importante salientar que a consolidação da estrutura organizacional da IENA foi um processo impulsionado pela necessidade de construir uma oferta religiosa competitiva no mercado religioso local, o que só foi possível graças ao intenso trabalho religioso de seu quadro de líderes.

Tendo em vista que a categoria trabalho é parte da dimensão ontológica do ser humano, e portanto, um elemento fundamental para o desenvolvimento de qualquer atividade, seja ela religiosa ou não, entendemos o trabalho religioso como uma atividade indispensável para o funcionamento das organizações religiosas, visto que os processos religiosos acontecem através do trabalho de agentes especializados, interessados em auferir benefícios pessoais e também atender as demandas dos consumidores religiosos.

Essa visão é compartilhada por Bourdieu (2007), que conforme já vimos, mostra que os processos burocráticos das empresas religiosas estão diretamente ligados ao trabalho religioso desenvolvido por seu quadro de profissionais, do qual depende tanto a produção e gestão do capital das empresas religiosas (trabalho religioso acumulado), como a própria ampliação e perpetuação desse capital.

Essa categoria é tão importante na teoria de Bourdieu (idem), que ele entendeu que além da igreja, tanto o profeta como o feiticeiro realizam o trabalho religioso, pois ambos são empresários autônomos de bens religiosos. No entanto, no caso da igreja, o trabalho religioso é realizado a partir de uma estrutura eclesiástica já consolidada, ou, dito de outra forma, de um aparelho burocrático que fornece os instrumentos de trabalho aos seus funcionários.

Os teóricos do mercado religioso, particularmente, Berger, e a dupla Stark e Bainbridge, mesmo que não sejam apontados como autores da categoria trabalho religioso, algo atribuído a Bourdieu, também enfatizam a importância do trabalho desenvolvido pelos agentes religiosos em todo aparato burocrático das firmas religiosas.

Berger (1985), por exemplo, enfatiza a relevância do quadro de profissionais selecionados e treinados para exercerem papéis administrativos e de lideranças, como um elemento que caracteriza tanto as burocracias seculares como as burocracias religiosas: “As

instituições burocráticas selecionam e formam os tipos de pessoal de que elas necessitam para operar. Isso significa que tipos semelhantes de lideranças emergem nas diversas instituições religiosas, independente dos padrões tradicionais nessa questão (BERGER, 1985, p. 152).

Para os autores do segundo paradigma, a noção de trabalho religioso aparece associada ao fornecimento de compensadores, que por sua vez exige um certo grau de divisão do trabalho entre os que produzem e os que distribuem. Também enfatizam o planejamento e a avaliação do trabalho religioso como um fator importante para o constante processo de revitalização das firmas religiosas: “os líderes de grupos religiosos, como outros profissionais, planejam continuamente o trabalho futuro e avaliam o trabalho passado. Assim, com frequência são levados a sentir que sua igreja precisa de um impulso, um projeto, um foco de atividade renovada (STARK E BAINBRIDGE, 2008, p. 347).

A Igreja Nova Aliança estabeleceu cinco frentes de atuação como prioritárias: libertação e cura interior, que acontece de forma diversas, mas oficialmente através do encontro e da EIFOL; missões e evangelismo, através da MINA; serviço social através do Instituto Lugar de Ajuda (ILA); treinamento de líderes, através do Ministério de Ensino, e Casa de Oração e Intercessão. Todas essas frentes possuem estreita relação com o crescimento da instituição, pois são frentes de trabalho que visam não só, mas também, captar novos membros.

Com relação a Casa de Oração, não foi possível encontrarmos informações suficientes para analisarmos esse projeto de forma objetiva, especialmente por se tratar de um projeto em fase de implantação e ainda não consolidado pela igreja. A ideia do pastor Nonato é inspirada em modelos já existentes, como a *International House of Prayer, de Kansas City* nos Estados Unidos, e a *Florianópolis House of Prayer, de Santa Catarina*. A ideia é que essa casa funcione vinte quatro horas em Imperatriz, e seja um lugar onde pessoas de todas as denominações evangélicas possam ir para realizar momentos de oração e adoração.

Como já falamos sobre o processo de formação de líderes, optei por analisar neste tópico apenas as práticas de libertação e cura interior, e o trabalho realizado pela MINA e pelo Instituto Lugar de Ajuda. A proposta das análises não é apresentar uma visão exaustiva dos assuntos, mas destacar algumas características do trabalho da Igreja Nova Aliança no mercado religioso, e que em última instância formam o quadro de sua oferta religiosa que analiso de forma particular no último tópico deste capítulo.

O trabalho de libertação e cura interior na IENA ocorre especificamente no encontro com Deus e na EIFOL. O encontro, conforme vimos anteriormente, acontece de forma mais regular, e faz parte do programa da visão celular de crescimento. Como já fiz algumas

considerações sobre o encontro, a proposta desse tópico é aprofundar nossa análise especificamente na EIFOL e no Seminário Intensivo de Libertação e Cura Interior (SILCI).

Ainda que o SILCI não tenha sido criado pela IENA, optei por inserir esse seminário na lista em razão de ser um evento realizado anualmente, em parceria com o apóstolo Levi Domingos, do Ministério Apostólico-Profético Vida e Edificação (MAPVE), que também ministra na EIFOL.

Além de descrever o trabalho da IENA na área de missões e evangelismo, libertação e cura interior e ação social, procuro também a partir dessas análises contribuir para compreensão da natureza da oferta religiosa da IENA no mercado religioso, assunto que trato de forma mais detalhada em tópico posterior.

3.3.1 Libertação e cura interior

Na Igreja Nova Aliança, a EIFOL é a mais importante escola de formação de obreiros para atuarem no campo da libertação e cura interior. Foi fundada pelo pastor Marcos de Souza Borges, vinculado à base da JOCUM de Almirante Tamandaré, Paraná, de onde promove, juntamente com sua equipe, a nacionalização da EIFOL, atualmente realizada em vários estados do país.

Em Imperatriz, a EIFOL acontece desde 2008 na chácara vitória, onde a IENA realiza vários de seus eventos. Desde que foi implantada está sob a direção do pastor Raimundo Nonato. Os módulos do curso seguem o mesmo padrão da escola de Almirante Tamandaré, e tratam basicamente de questões relacionadas à vida espiritual, emocional e familiar³⁰.

Dentre os preletores, que também conta com pastores e pastoras da IENA, eu destaco: o pastor Raimundo Nonato; o pastor Coty (JOCUM); o apóstolo Levi Domingos (MAPVE) e o pastor Eurípedes Mendes, da Igreja Sal da Terra, ambos de Curitiba-PR. Com exceção do pastor Eurípedes, todos os demais estiveram presentes na edição de 2024. Por se tratar de uma escola que desenvolve um trabalho padronizado, o material de apoio utilizado em Imperatriz é produzido pela mesma equipe organizadora da EIFOL de Almirante Tamandaré³¹.

³⁰ Para conferir a grade do curso veja o anexo 1.

³¹ De autoria do pastor Coty, alguns dos livros utilizados, são: “Josué: O manual da vida abundante”; “Pastoreamento inteligente”; “Dinâmica da personalidade” e o livro “Raízes da depressão”. Do pastor Eurípedes, que ministra o módulo sobre família, os livros utilizados são: “Onde foi que errei”; “Geração de homens fracos”; “Lidando com as carências”; e “A força dos pais”. Alguns desses livros formam a base da descrição que faço sobre os ensinamentos e práticas da EIFOL.

Em contato via *WhatsApp* com a comissão organizadora, obtive informações de que a inscrição individual da edição de 2024 custou em torno de 3.500 reais, e a de casal 5.400 reais, e inclui hospedagem, refeições e aulas teóricas e práticas. Ter no mínimo dezoito anos de idade, três anos de filiação eclesial e obter recomendação pastoral via carta, são alguns dos requisitos para participar da escola.

Durante a realização da escola, os participantes são instruídos a desenvolver técnicas e conhecimentos que os habilitem a atuar como conselheiros espirituais, exercendo assim de forma mais racionalizada o processo de libertação de pessoas. Uma das práticas ensinadas é o chamado mapeamento espiritual, o qual desempenha um papel central nesse processo. Falando sobre essa técnica, o pastor Coty afirma o seguinte:

O mapeamento é o processo através do qual vamos desvendar a verdadeira natureza e causas do problema. Mapear e diagnosticar. O diagnóstico é a alma de qualquer processo terapêutico. Falhas neste processo comprometem severamente os resultados de um aconselhamento (...). O mapeamento espiritual nos conduz com profundidade ao diagnóstico correto que nos permite fazer intercessões e confissões inteligentes, precisas, com resultados consistentes (BORGES, 2021, p. 26).

O mapeamento espiritual é um método que permite o conselheiro conhecer as raízes de problemas que as pessoas vivenciam, tais como: dependência química, alcoolismo, pornografia, depressão, transtorno de ansiedade, carência e dependência emocional, comportamentos agressivos, problemas familiares, crises conjugais, dentre outros. A partir das informações obtidas pelo mapeamento, que pode ocorrer de diferentes formas, mas que passa imprescindivelmente pela confissão, o agente religioso apresenta explicações sobre a causa dos problemas que determinada pessoa apresenta.

As explicações apresentadas são variadas. A mais recorrente é a da “maldição hereditária”, que afirma que as pessoas herdam maldições de gerações passadas que influenciam sua condição de vida no tempo presente³². Através do conhecimento obtido no mapeamento, o mentor espiritual realiza todo o ritual de aconselhamento, ministrações e orações para efetivar o cancelamento das maldições e promover o processo de cura e libertação.

Apesar da conotação negativa, a noção de maldição, na concepção dessa escola, possui uma implicação positiva, visto que ela se apresenta como um sintoma que aponta para a

³² A noção de maldição hereditária tem seu equivalente na ideia “herança espiritual” que entende que uma nação, povo, geração, família e indivíduo recebem influência de fatores históricos e culturais que tem suas consequências no rumo de determinada sociedade ou indivíduo: Apesar da história (familiar, geracional e territorial) não determinar obrigatoriamente o caráter de um indivíduo, exerce uma influência que não deve ser subestimada. A bagagem histórica determina culturas que sustentam poderes espirituais capazes de ditar os rumos de uma sociedade, seja educando-a ou aprisionando-a na ignorância (BORGES, 2018, p. 30).

necessidade de a pessoa ser liberta e curada. A maldição, nesse sentido, seria o “alerta” da necessidade de libertação. Outra característica da noção de libertação nos ensinamentos da EIFOL, é com relação ao significado que essa prática assume:

A essência da libertação é a santificação. A presença de demônios e maldições é sintomática, colateral. É necessário identificar e lidar responsabilmente com as causas de perseguições espirituais: a memória ferida por culpas, vergonhas, abusos e traumas encobertos, cadeias pecaminosas vigentes, pecados ocultos, iniquidades e feridas geracionais, iniquidades e feridas territoriais que influenciam de maneira específica a nossa realidade, relacionamentos quebrados, inimizades crônicas, traumas conjugais, quebras de aliança, crises familiares, etc (BORGES, 2018, p. 13).

De acordo com esse entendimento, a libertação envolve mais do que simplesmente “expulsar demônios”. É, na realidade, uma prática associada à cura da alma. Por isso, a importância do mapeamento espiritual e do aconselhamento como métodos para promover a libertação e cura interior.

A ênfase atribuída à família, como o núcleo social onde são gerados os problemas que as pessoas desenvolvem ao longo da vida, é outro fator a ser destacado. O centro da questão está na chamada “disfunção familiar”, que na lógica explicativa da EIFOL, é resultado de uma família distante do conhecimento e dos valores de Deus.

A explicação para esse “adoecimento” é atribuída à cultura, que através dos seus processos têm gerado uma sociedade globalizada, informatizada e secularizada, marcada pela relatividade moral e aversão aos valores cristãos, bem expressos na cultura do sexo livre, do não casamento, do divórcio, do aborto, da homossexualidade, e de várias outras práticas consideradas uma ameaça à saúde e valores da família, da igreja e da sociedade.

Essa forma de conceber os problemas da vida é o que faz a IENA, através da EIFOL, formar agentes religiosos para desenvolverem o chamado “pastoreamento inteligente”, tanto através da compreensão das lógicas e processos culturais que geram o adoecimento da família e da igreja, como por meio da explicação e transferência de conhecimento religioso, para assim construir uma cultura de liderança espiritual capaz de fornecer às pessoas e famílias práticas de libertação e cura da alma.

Durante o curso de formação, a EIFOL também promove processos de libertação e cura interior para seus alunos, que se matriculam na escola não apenas para buscar conhecimento, mas também para encontrar respostas para seus dilemas e problemas existenciais, e assim estarem de fato preparados para atuar nessa função. Comentado sobre sua experiência na escola, uma das entrevistadas afirma o seguinte:

(...) Na EIFOL a gente aprende que precisa ser curado em várias áreas da vida pra gente conseguir alcançar algumas pessoas, alcançar vidas. (...) Tem muitas pessoas que vêm pra gente necessitando de alguma ajuda, e lá gente tem um norte de como orientar as pessoas em relação a alguns assuntos, em relação a algumas áreas da vida. Mas pra que isso aconteça a gente precisa ser tratado também, precisa ser curado, então a EIFOL é um lugar de cura. (...) Na primeira semana é muita teoria e a partir da segunda semana é mais prática sobre libertação espiritual. (...) O mapeamento é para identificar a causa do problema, que é feito conversando com a pessoa, vendo as lutas que ela já passou, a história de vida, e aí de acordo com a história de vida a gente vai identificando, consegue identificar algumas causas, (...) e aí conseguindo identificar a gente é mais assertivo (Entrevista nº 3. Data de realização: 02/02/2024).

Essa visão é também reproduzida pelos organizadores e outros ex-alunos, algo que verifiquei ao analisar uma série de depoimentos em vídeos publicados na página do *Instagram* da EIFOL Imperatriz, onde os depoentes se referiam a essa escola como: um divisor de águas em suas vidas; um lugar de cura, libertação e transformação de vidas; um lugar de consolidação da caminhada cristã; um lugar de conserto e superação de traumas e pecados do passado; e um lugar de renovo espiritual e de formação de pessoas para o trabalho do reino através do aconselhamento³³.

O Seminário Intensivo de Libertação e Cura Interior é outro importante evento realizado pela IENA nessa área. Acontece paralelamente à EIFOL, mas num período de tempo menor, cerca de quinze dias, e com custo mais acessível. De certa forma, é um meio da igreja proporcionar aos demais membros a oportunidade de acessar de maneira resumida os conteúdos e conhecimentos de libertação e cura interior numa modalidade diferente.

Os ensinamentos do SILCI também reproduzem a crença da maldição hereditária e a prática do mapeamento espiritual. Entre os tipos de maldições ensinadas, podemos citar: maldição de pobreza; maldições físicas e enfermidades; maldição de ordem mental; maldição de ordem política e maldição de frustração. Assim como na EIFOL, os processos de libertação e cura no SILCI ocorrem mediante o diagnóstico da condição interior das pessoas, e a partir da cura das lembranças traumáticas e quebra de maldições, resultados de heranças espirituais transferidas geracionalmente.

Para além do significado que possuem para o fiel, é importante entender essas práticas de cura e libertação como componentes através dos quais a IENA capta novos membros, sendo, dessa forma, importantes para seu crescimento numérico. A EIFOL, especificamente, possui um papel chave na disputa com outras igrejas, tanto no âmbito da formação de lideranças como na oferta religiosa.

³³ Para conferir os depoimentos, veja Anexo 1.

No âmbito da formação, a EIFOL se mostra como uma espécie de “rito de passagem” para os líderes e pastores, que mediante o aprendizado nessa escola são inseridos na visão e na cultura organizacional da instituição. Em suma, através da participação nessa escola, e nos demais programas de cura e libertação, o líder, o missionário e o pastor aprendem como a igreja funciona, bem como o que ela exige dos seus líderes em termos de padrões comportamentais.

Bourdieu (2004) já havia apontado os novos rumos que o corpo sacerdotal poderia assumir em sua configuração de trabalho devido aos novos estágios históricos do campo religioso e ao processo de intersecção das fronteiras do campo religioso com outros campos sociais. É nessas condições, e sob a influência de fatores como urbanização e secularização que ocorre o processo de redefinição das competências religiosas do clero. Situação que impõe aos padres e pastores a necessidade de desenvolverem funções que demandam conhecimentos específicos de outros campos, como a medicina e a psicologia.

As novas competências desenvolvidas por líderes religiosos podem ser muito bem analisadas a partir teologia de gestão, tendo quem vista que essa teologia ao ser instrumentalizada como uma ferramenta para a gestão de pessoas no interior das igrejas, mostra-se relevante para “auxiliar o fiel a lidar com os desafios da contemporaneidade, tais como traumas e a fragmentação da psique, a partir da ausência de sentido; o medo; a solidão diante da voracidade do capital; a perda de direitos trabalhistas; a insegurança e a ansiedade gerada pelo imediatismo (LOIOLA, 2020, p. 212).

De forma prática, essas inovações e redefinições das competências sacerdotais são uma realidade dos principais centros do mercado religioso brasileiro desde a década de 1990. O neopentecostalismo foi o principal segmento, especialmente através das igrejas em células, a implementar tais mudanças, especificamente no âmbito de suas práticas de libertação e cura interior, que abrangem explicações mais racionalizadas sobre os dilemas existenciais vivenciados pelos fiéis.

No mercado religioso de Imperatriz essas mudanças vêm ocorrendo de forma sistemática somente a partir do trabalho religioso da IENA. Conforme demonstrado neste tópico, essa instituição não apenas oferta no mercado religioso local práticas de libertação e cura interior com explicações ressignificadas, como também atua na capacitação de líderes de diversas empresas de salvação do mercado evangélico, no corpo de conhecimentos necessários para a realização deste trabalho.

Os efeitos da adaptação da IENA às demandas do mercado religioso, como já vimos, tem impactos direto em sua forma organizacional, em suas práticas religiosas e na estrutura de

sua oferta religiosa, que agrega elementos mágicos e elementos religiosos mais racionalizados. Não por acaso, sua oferta religiosa tem tido grande aceitação entre os consumidores do mercado religioso local.

3.3.2 O serviço missionário de evangelização

A frente de missões e evangelismo tem como finalidade expandir a Igreja Nova Aliança no Brasil e no mundo através da Missões Nova Aliança, que treina, envia e apoia financeiramente os missionários no campo.

O financiamento acontece através da cooperação das igrejas, mas também pelo PAM (programa de adoção de missionário/a), onde a pessoa adota um/a missionário/a e fica responsável por lhe destinar ofertas mensais. A igreja também recebe contribuições de qualquer pessoa que deseja ser um ‘parceiro de missões’.

Atualmente a MINA está sob a direção do pastor João Feitosa, filiado à Igreja Nova Aliança desde 2015, ano em que também assumiu o departamento. Sob sua gestão, passou por uma ampla estruturação, através da criação do curso Intensivo de Missões (2015); da Escola de Missões *Ekbollo* (2017) e recentemente pela integração do Projeto 1615. Todos esses treinamentos são oferecidos na Base Missionária Semeadores, também criada em 2017, que além do pastor Feitosa, também conta com um grupo de coordenadores e obreiros que atuam nos treinamentos dos alunos e nas demais atividades desenvolvidas na base.

No Brasil, um dos focos da MINA são os povos tradicionais: sertanejos, ribeirinhos, quilombolas e indígenas. Entre os povos indígenas, especificamente, iniciou seu trabalho em parceria com a Ação *Curumim*, que realiza ações sociais com crianças de 5 a 12 anos entre indígenas do estado do Maranhão, Tocantins e Pará. No estado do Maranhão, esse projeto é realizado desde 2011. Atuar como parceira nesse projeto é uma estratégia que facilita a entrada da Igreja Nova Aliança nas aldeias, método que tem mostrado resultado, visto que já conta com templos e projetos de evangelização em mais de 10 aldeias.

A internacionalização da Igreja Nova Aliança ocorreu em 2011, seis anos após sua fundação, quando um grupo de missionários foi enviado para implantar igrejas em Moçambique. Neste país ela possui atualmente 10 missionários que administram uma rede de 10 igrejas. Através do serviço missionário também desenvolve projetos sociais na área educacional, como o programa de educação pré-escolar P.E.P.E - Certeza do Amanhã na cidade de Chimoio. Também oferece aulas de reforço e alfabetização de adultos.

Após Moçambique, enviou missionários para outros dez países: Argentina, Colômbia, Uruguai, Estados Unidos, Portugal, Itália, Polônia, Inglaterra e Bangladesh. Na maior parte desses países já existem igrejas consolidadas, em outros estão em fase de implantação ou possuem apenas grupos de oração e trabalhos sociais e de evangelização. Em alguns desses países a IENA atua em parceria com a JOCUM e com a Missão Cristã Mundial (MCM), que tem como representante no Sul do Maranhão o pastor Raimundo Nonato.

Em cada região ou continente onde desenvolve seus projetos de evangelização, a IENA implementa diferentes estratégias de implantação de igreja, conservando o modelo e as estratégias de trabalho que implementa no mercado religioso local e nacional. Sobre os desafios e objetivos no exterior, o diretor da MINA faz a seguinte declaração:

Na África o nosso desafio é na capacitação de lideranças e discipulado eficaz para que aqueles que estão se convertendo permaneçam firmes no caminho do Senhor Jesus, sem se desviar para direita ou para esquerda (...). Na Europa o nosso principal desafio é com uma sociedade pós-cristã, as igrejas estão esfriando, diminuindo e fechando praticamente. Por isso precisamos de um avivamento em missões na Europa. A Igreja Evangélica Nova Aliança está empenhada em levar um grande avivamento para esse último século (...). Na América do Norte precisamos enfrentar o secularismo, e também o capitalismo. A fé em Deus tem sido trocada pela fé no dinheiro, nos bens, por isso a igreja precisa levar uma mensagem relevante que leve o coração do homem a renunciar o deus da riqueza e se abraçar com o Deus verdadeiro, o Senhor criador dos céus e da terra (...). Na América Latina enfrentamos o crescimento da violência e do pensamento comunista, socialista, por isso a igreja precisa levar um evangelho autêntico e verdadeiro às nações da América Latina (Missões Nova Aliança. Data de acesso: 24/05/2023).

A presença da IENA no exterior pode ser interpretada como um processo de transnacionalização. Trata-se de um trabalho que acontece de diferentes modos, e que reproduz a lógica de muitas empresas de salvação, que atravessam as fronteiras nacionais pautadas na crença de igrejas missionárias que buscam cumprir os ideais de Cristo, expresso na narrativa bíblica, que diz: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado” (BÍBLIA SAGRADA, Marcos, 16: 15- 16).

A transnacionalização pode ser definida como a circulação e movimento de pessoas, ideias e crenças de um contexto nacional, histórico e geográfico, para outro cenário nacional, e que acontece tanto a partir de redes de fluxos de pessoas entre fronteiras, como por meio da configuração e um campo social transnacional que integra e conecta sujeitos de diferentes contextos e redes de relações (FRIGÉRIO, 2013).

Ari Pedro Oro (2017), no entanto, destaca a importância de diferenciarmos o que ele chama de narrativa êmica, dos sentidos não ditos ou subentendidos no discurso dos líderes das

firmas religiosas, e entendermos os processos de transnacionalização, independentemente do país ou continente em que determinada igreja se instala, como um recurso simbólico que fortalece o prestígio das firmas religiosas no mercado religioso local.

Apesar das poucas informações que obtive sobre as missões internacionais da IENA, é possível afirmarmos que seu processo de transnacionalização é um trabalho dirigido, ou seja, orquestrado por sua alta liderança, que treina e envia missionários e pastores para atuarem no exterior.

A implantação de igrejas da franquia da IENA no exterior tem início com a criação de pequenos grupos e formação de lideranças nativas que passam a atuar sob a gestão de um líder espiritual brasileiro. As igrejas implantadas são anexadas à rede de igrejas da IENA, e são geridas pelos missionários e pastores subordinados à MINA e a Nova Aliança Global.

A transnacionalização da Igreja Nova Aliança, para além dos discursos de evangelização das culturas, se mostra, conforme Oro (*idem*) argumentou em sua tipologia da transnacionalização de igrejas brasileiras, como um valioso recurso simbólico que consolida a força dessa igreja no mercado religioso de Imperatriz, pois ao alcançar o prestígio de igreja missionária, ela não apenas se equipara às suas principais concorrentes, como também justifica e potencializa a captação recursos financeiros que fortalece ainda mais sua política de expansão.

No imaginário dos fiéis da IENA de Imperatriz, sua atuação no exterior, especialmente em continentes como África e América do Sul, é um sinal de que essa igreja tem de fato cumprido sua função de igreja missionária, que busca levar o evangelho aos necessitados, sendo, portanto, um dos motivos que os leva aprovar e elogiar o trabalho dos líderes dessa instituição.

Outro campo de atuação que considero ser uma fonte de acumulação de poder simbólico da IENA, é o trabalho social que ela realiza a partir do Instituto Lugar de Ajuda, sobre o que discorro no tópico seguinte.

3.3.3 Instituto lugar de ajuda: o serviço de assistência social da IENA

A esfera social é uma das áreas onde as instituições religiosas tradicionalmente atuam, sendo inclusive o campo de trabalho em que buscam mostrar sua relevância para sociedade, através da realização de projetos sociais de atendimento às pessoas em situações de carência e vulnerabilidade social.

O Instituto Lugar de Ajuda (ILA), é o órgão responsável por administrar os projetos sociais da IENA. Seu atual diretor administrativo é o pastor Elivaldo Gonçalves, que, através

de entrevista, me informou que desde 2007 a Igreja Nova Aliança atua na área social, mas que somente a partir de 2012, em virtude da fundação do ILA o trabalho nessa área foi realmente estruturado.

O envolvimento do pastor Elivaldo com projetos sociais da igreja tem muito a ver com sua história de vida pregressa, imersa em problemas de alcoolismo, mas que, segundo ele mesmo afirma em entrevista, foi modificada após sua conversão à Cristo na Igreja Nova Aliança. Após se filiar à IENA resolveu então atuar nessa área, visando ajudar outras pessoas que sofriam com problemas pelo qual ele já havia passado³⁴.

Inicialmente seu trabalho nessa área foi por meio da célula ‘despertar’, onde trabalhava com foco na evangelização de pessoas com problemas de alcoolismo e dependência química. Após assumir a direção do ILA, passou a trabalhar de forma mais estruturada, tendo a sua disposição toda uma rede de coordenadores e monitores, que ajuda a igreja a arregimentar pessoas e supervisionar os projetos.

No total a IENA administra cerca de 13 projetos sociais, todos eles supervisionados pelo pastor Elivaldo. Apesar da diversidade de projetos, nem todos foram criados pela IENA. Alguns foram repassados a sua administração, em razão do seu interesse em atuar nessa frente de trabalho.

O público atendido pelos projetos sociais administrados pela IENA abrange: crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social; adolescentes, homens e mulheres com algum tipo de dependência química e alcoolismo, e pessoas apenas em processo de ressocialização. Os projetos são classificados em dois tipos: projetos de atendimento e projetos de prevenção.

³⁴ Fala do pastor Elivaldo sobre sua trajetória de vida, e relação com as questões sociais da IENA: “Eu conheci o álcool com dezesseis anos e só precisou quatro anos pra eu me tornar um alcoólatra em potencial. Então, em 1992 eu conheci os alcoólicos anônimos e fiquei dezesseis anos nessa luta contra o alcoolismo. Aqui na nossa região não tinha comunidades terapêuticas, a mais próxima era em Cocalzinho, próximo de Goiânia, muito distante, muito caro, então a única forma que a gente tinha de lutar contra o vício era nos alcoólicos e narcóticos anônimos, a única referência que a gente tinha de tratamento nessa época. Em 2008, na fase bem aguda do meu vício com a vida toda destruída, eu fui convidado pra fazer o encontro da Igreja Nova Aliança na chácara vitória em 2008. Então eu conversando com o pastor Raimundo manifestei o interesse em fazer uma internação para me recuperar (...) e ele me orientou a fazer uma tentativa sem fazer a internação. Como eu já tinha princípios de alcoólicos anônimos, e agora junto com evangelho eu comecei a me envolver nessa área, ao invés de ser um acolhido eu comecei a levar pessoas. Em 2009 eu comecei meu primeiro trabalho nas praças de Imperatriz levando pessoas. Comecei uma célula chamada ‘célula despertar’ que pegava pessoas das comunidades terapêuticas que estavam saindo do resgate da casa de Davi e cuidava para poder inseri-los (...), foi meu primeiro trabalho, e aí foi crescendo, eu fui fazendo uns trabalhos específicos nesta área. Em 2012 fundamos o projeto renascer II, um dos projetos da Nova Aliança” (Entrevista nº 1. Data de realização: 20/12/2023).

Os projetos de atendimento abrangem as Comunidades Terapêuticas Renascer I, II, III; Renascer Feminino; Projeto Recomeço e o Projeto Missão Criança (PROMIC); e o Projeto Cristo Liberta, que realiza trabalhos de ressocialização de internos. Entre os projetos de prevenção estão: Creche Escola Vida e Projeto Redenção, anexo à creche e que atende crianças e adolescentes até 18 anos na área educacional; Fundação de Assistência à Criança e ao Adolescente (FUNCAD) que atende crianças e adolescentes entre 4 a 17 anos e fornece assistência na área da educação, esporte e ensino de música; e o Projeto Resgatando Gerações, que iniciou distribuindo sopas e após algum tempo oferecendo aulas de reforços para crianças.

Figura 3 - Projetos sociais do Instituto Lugar de Ajuda



Fonte: Instituto Lugar de Ajuda.

Os mantenedores do ILA são diversos. A Igreja Nova Aliança, no entanto, através das contribuições dos fiéis, é apresentada como sendo a principal mantenedora. No entanto, o instituto possui convênios com o município de Imperatriz de onde recebe apoio financeiro e atendimento especializado de órgãos como: o Centro de Atendimento Psicossocial (CAPS); Hospital Municipal de Imperatriz, de onde recebe apoio na parte da saúde. Além desses órgãos, o ILA também recebe doações de alimentos de outras instituições que cooperam com os projetos sociais que ele administra.

A nível estadual o instituto também recebe apoio de alguns políticos que ajudam com doações, além de manter convênio com o projeto Maranhão Solidário que destina recursos financeiros a entidades que atuam no campo da assistência social e que estimulem a melhoria do índice do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do estado do Maranhão.

No nível federal, o ILA tem relação com o Departamento de Entidades de Apoio e Acolhimento Atuentes em Álcool e Drogas (DEPAD), órgão vinculado ao Ministério do

Desenvolvimento Social (MDS), e responsável pelo credenciamento de entidades que prestam acolhimento a pessoas com dependência química.

As principais beneficiárias desses credenciamentos são as Comunidades Terapêuticas (CTs) que de acordo com o portal da transparência do Governo Federal, até o presente momento já receberam uma boa quantidade de dinheiro em aportes financeiros³⁵, comprovando que as contribuições dos fiéis não são os únicos, ou principal meio de financiamento das CTs administrados pelo ILA.

Desde que foi fundado, o ILA passou a ser visto por alguns agentes políticos da cidade de Imperatriz como uma importante entidade e instrumento de ajuda social às parcelas mais carentes da sociedade. O pastor Raimundo Nonato, presidente do Instituto Lugar de Ajuda, definiu o trabalho de assistência social da IENA como “atos de justiça”, e classifica como uma das principais frente de trabalho de sua igreja, algo, que segundo ele, nasceu em seu coração por vocação e orientação divina.

Vale destacar, que dos projetos sociais citados nestes tópicos, vários deles são realizados em outras cidades, estados e até países, a exemplo do Uruguai, onde existe uma filial do ILA, e de Moçambique que também possui trabalhos de assistência social com crianças na esfera da educação.

A atuação das igrejas cristãs na esfera da assistência social é um fenômeno bastante antigo. A justificativa é a crença de que a ajuda social faz parte da missão da igreja, e que cabe a igreja agir em prol dos mais necessitados, que vivem em situação de vulnerabilidade social, e assim praticar a justiça de Deus. No caso da IENA, ela atua em diversas áreas de trabalhos sociais, e sua presença tem sido forte especialmente no âmbito das Comunidades Terapêuticas (CT). Atualmente estão sob sua gestão as CTs Renascer I, II e III e o Renascer Feminino.

A predominância de organizações religiosas nessa esfera de atuação tem sido objeto de estudos, especialmente no campo das Ciências Humanas e Sociais. Em virtude da predominância de instituições religiosas no âmbito das CTs, em especial das igrejas evangélicas, o debate político sobre a atenção e o cuidado de usuários de drogas, que se fundamenta na tríade religioso-médico-legal, tem contado cada vez mais com a presença de

³⁵ Essas informações foram obtidas no portal da transparência do Governo Federal, e estão disponíveis em: <https://portal.datatransparencia.gov.br/pessoa-juridica/41368911000153?paginacaoSimples=true&tamanhoPagina=&offset=&direcaoOrdenacao=asc&colunasSelecionadas=linkDetalhamento%2Corgao%2CunidadeGestora%2CnumeroLicitacao%2CdataAbertura&id=28536705>. Data de acesso: 13/04/2024.

agentes religiosos, que se fazem presente não apenas no debate político, mas também são os maiores administradores dessas instituições em todo país (NASLAUSKY, 2021).

Estudos realizados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), do total de CTs existentes em todo país, cerca de 82,1% estão vinculadas a igrejas e organizações religiosas de matriz cristã. O estudo constatou ainda que desse total, cerca de 39,7% CTs são administradas por igrejas evangélica de origem pentecostal; 27,1% de orientação católica; 6,9% por igrejas evangélicas de missão; 2,6% por instituições pertencentes a outras religiosidades cristãs; 5,8% por outras religiões e 17,8% por organizações sem orientação religiosa definida (NASLAUSKY, 2021, p. 33).

No âmbito do mercado religioso, a presença das igrejas evangélicas na discussão sobre o cuidado de pessoas em situação de vulnerabilidade social, bem como todo trabalho de assistência social é notadamente um fator que contribui para ganho de prestígio social por parte dessas instituições. Em imperatriz, por exemplo, a Igreja Nova Aliança é notadamente elogiada por seus fiéis, e por agentes políticos em virtude do seu trabalho de assistência social. Não por acaso, o ILA consegue estabelecer vínculos com importantes grupos de apoio, de onde recebe ajuda no desenvolvimento dos seus projetos sociais.

O pastor Elivaldo Gonçalves também tem sido reconhecido por seu trabalho no ILA. Além do cargo de diretor administrativo do instituto, também atua como conselheiro da Confederação Nacional de Comunidades Terapêuticas (CONFENACT) e como delegado da Federação Nacional de Comunidade Terapêutica, Espiritualidade e Ciência (FENACT) da região que abrange o estado do Maranhão e a Região Tocantina. Em 2023 foi um dos palestrantes no Encontro Nacional de Comunidades Terapêuticas, onde participou de uma mesa redonda com o tema: “espiritualidade como fator terapêutico”. Com bastante frequência também vai à Brasília participar de reuniões que tratam das políticas sobre drogas no Brasil.

Para a IENA, atuar na esfera da assistência social tem sido uma das formas de legitimar seu poder e conquistar cada vez mais espaço entre as instituições religiosas de Imperatriz. O departamento de missões, que também realiza trabalhos sociais com interesses proselitistas e os projetos sociais, têm sido as duas esferas de atuação da IENA que têm elevado sua marca entre as mais importantes instituições sociais da cidade.

De modo geral podemos dizer que os benefícios da IENA advindos do seu trabalho na esfera da assistência social expressam, de certa forma, o retrato de uma tendência bastante comum no âmbito das organizações empresariais, que ao se envolverem com questões sociais são beneficiadas tanto no aspecto social, em virtude de serem vista pela sociedade civil como

empresa que se importa com questões sociais, como também no aspecto econômico e fiscal, pelo fato de que no âmbito da concorrência com as demais empresas, recebem vantagens advindas de benefícios concedidas pelo Estado, a exemplo dos benefícios fiscais que muitas delas recebem em razão do trabalho desenvolvido na esfera da assistência social.

3.4 A Igreja Evangélica Nova Aliança e o campo político

A presença de agentes religiosos, em especial de líderes evangélicos no campo político de Imperatriz, tem sido objeto de estudo de diversos pesquisadores, que em suas investigações mostraram como, nos últimos anos, tem ocorrido a intersecção entre o campo político e o campo religioso da cidade de Imperatriz.

Silva e Chaves (2018), por exemplo, em um estudo de caso elaborado junto a Câmara Municipal, mostraram como os legisladores no uso de seu poder político criaram leis³⁶ que favoreceram os símbolos e a cultura evangélica, em detrimento da diversidade religiosa, que como já mostramos, tem sido a característica do campo religioso da cidade há bastante tempo.

Carvalho e Pantoja (2022), por sua vez, contribuíram para a análise da relação entre o campo político e o campo religioso da cidade, a partir do estudo do processo de engendramento do Plano Municipal de Educação de Imperatriz (PME) em 2015. Segundo os autores, a supressão dos termos “relações de gênero”, “identidade de gênero” e “diversidade sexual” do PME por parte do legislador municipal, foi uma ação influenciada diretamente por líderes religiosos, que na época fizeram pressão para que o projeto fosse aprovado com a retirada dos referidos termos.

O modo como agentes evangélicos atuam no campo político local foi analisado também por Oliveira Júnior (2021), em seus estudos sobre a lógica do engajamento das Assembleia de Deus na política partidária de Imperatriz. Em sua pesquisa, Oliveira Júnior mostrou que entre as principais ações dos agentes evangélicos na esfera pública destacam-se: a ocupação de importantes cargos em governos municipais; a candidatura a cargos eletivos no âmbito municipal e o ativismo político no espaço público.

³⁶ Em nossa exploração da pesquisa realizada por Silva e Chaves (2018) verificamos que que várias leis foram criadas em benefício material e simbólico dos evangélicos. Leis como a de nº 1.085/2003 que trata sobre o dia municipal do evangélico, e dispõe sobre poder público contribuir e apoiar os eventos e programações dos evangélicos no período comemorativo; a lei de nº 1.681/2017 que criou o dia municipal da reforma protestante; a lei de nº 1.344/2010 que dispõe sobre a obrigatoriedade de exemplares da bíblia nas bibliotecas de escolas do município da cidade de Imperatriz são exemplos de como interesses religiosos estão presente nas decisões da Câmara Municipal da cidade.

Um exemplo dessa situação é o quadro atual da décima nona legislatura da Câmara municipal de Imperatriz, que conta com vários vereadores declaradamente evangélicos. São eles: Rubinho Lima, Partido Trabalhista Brasileiro (PTB); Zesiel Ribeiro do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB); Renê Sousa (PTB); Cláudia Batista (PTB); Ricardo Sidel, Partido do Social Democrático (PSD) e Alex Silva (PL).

A relação da Igreja Evangélica Nova Aliança com o campo político reflete a visão e as diretrizes estabelecidas pelo pastor Raimundo Nonato. Ele não se posiciona contra a participação de membros da IENA na política partidária. Entretanto, em virtude da delicadeza da esfera política, ele defende que, caso os líderes de departamentos e pastores resolvam entrar na política, devem entregar seus cargos e deixar de atuar no ministério da igreja. Vejamos um trecho de sua fala sobre esse tema:

A igreja não faz aliança com ninguém, com política partidária. Às vezes eu digo numa reunião nossa de pastores, eu digo: irmãos, eu acho que vou dizer em quem você não votar, em quem você votar é sua consciência. A Nova Aliança crer que nós temos sete níveis de autoridade sobre os crentes. A primeira autoridade sobre eles é Deus, a segunda é a palavra de Deus, a terceira é a consciência. Eu como líder deles não posso passar por cima dessa consciência(...). Então na medida que eu chamo para política partidária eu estou passando por cima da consciência dessa pessoa e também descredibilizando o único lugar que a pessoa tem para ela viver tranquila fora desse mundo, embora todo mundo seja político (...). Agora quando é uma pessoa candidata da igreja, que tem respaldo de vida, reunimos a liderança da igreja, ele faz a proposta dele, mas nunca eu convoquei um grupo para votar em alguém (...). Então, a política partidária nós oramos, orientamos para fazer política séria, cremos que a política não é do diabo, mas absolutamente uma coisa que eu sei é que nunca eu vou ser candidato (...), convite já chegaram aos montes (...), não vou, e se alguém entre nós vai ser, vai entregar os cargos todos (Entrevista realizada em 03/04/2024).

Reafirmando esse entendimento, em outro trecho da entrevista ele diz:

Muito discreto a nossa participação na política partidária. Ela é bem discreta. Então, nenhuma igreja nossa leva a candidato para falar. No máximo, se reúne a liderança, se tem alguém da igreja, faz uma reunião, uma conversa. Mas culto? De jeito nenhum. Então, também esse outro lado da política partidária. E a minha convicção de que nunca vou ser político. Mas vou ser conselheiro daqueles que governam. Vai ter gente que tem que levantar, governador, prefeito (...), que levantar até presidente. Mas também nós trabalhamos nessa área da política partidária para poder ser respeitado, porque é uma área delicadíssima, delicadíssima. (Entrevista realizada em 03/04/2024).

A crença na política como uma esfera que ‘não é do diabo’ explica a visão do pastor Nonato sobre a participação do cristão na política. Essa participação, no entanto, deve ocorrer respeitando as autoridades que o cristão tem sobre si: Deus e a Bíblia. Isso significa que, embora

defenda a liberdade de consciência dos fiéis, acredita que essa consciência deve estar subordinada às leis e à palavra de Deus, que, em última instância, devem ser os elementos norteadores da prática e do ativismo político dos membros da IENA.

Apesar de afirmar que respeita a liberdade de consciência e não interfere no posicionamento político dos membros da IENA, o pastor Raimundo Nonato já realizou um seminário sobre política no templo da Igreja Nova Aliança Ágape. O objetivo do seminário foi apresentar aos os fiéis, um panorama da política brasileira nesse contexto de polarização política de nossa sociedade.

O evento teve como tema “o cristão e a política”, e contou com a participação do Deputado Federal Nikolas Ferreira, que por mais de uma hora endossou o discurso que caracteriza o ethos político de linha conservadora, ressaltando sobretudo a importância da participação dos evangélicos na política e da atuação desse grupo religioso na defesa da “família tradicional brasileira” e na luta contra a “ideologia de gênero”, o aborto, as drogas, a esquerda e o “comunismo”.

Considerando as referências apresentadas, a bandeira política da IENA demonstra uma forte adesão aos princípios da ala conservadora evangélica³⁷. Segundo Sales e Mariano (2019), essa vertente política caracteriza-se por defender a família tradicional, entendida como composta por um homem e uma mulher, e por se opor a temas como a educação sexual nas escolas, as teorias de gênero e o casamento homoafetivo. Além disso, essa ala também defende a inserção do criacionismo no currículo escolar, a adoção de políticas econômicas liberais, com ênfase na privatização de empresas estatais, e o desarmamento da população. Também manifestam um forte antagonismo em relação a movimentos sociais como o feminista e o dos trabalhadores sem-terra.

Embora afirme não participar da política formal, a atuação do pastor Nonato como “conselheiro dos que governam”, mostra sua importância e lugar na política. Algo que acontece

³⁷ Destaco a ligação da IENA com os valores defendidos pela ala evangélica conservadora, devido a importância de separarmos a ala conservadora do segmento evangélico progressista. Apesar de em Imperatriz praticamente não existir um movimento político evangélico ligado a bandeiras progressistas, a nível nacional esse segmento atua desde o final dos anos 80. Atualmente, a luta desse segmento no campo político ocorre por meio de diversas frentes, como a Frente Evangélica pelo Estado de Direito (FEED), o Movimento Negro Evangélico, Evangélicxs pela Diversidade, (fê)ministas, Evangélicas pela Igualdade de Gênero, DJR - Discipulado, Justiça e Reconciliação, Cristãos contra o fascismo, Rede FALE e a Rede Evangélica Nacional de Ação Social (RENAS) (SALES & MARIANO, 2019, p. 16). Entre os principais líderes desse movimento, destacam-se o pastor Ariovaldo Ramos, líder da FEED; Nilza Valéria, fundadora da Rede de Mulheres Negras Evangélicas; o pastor Henrique Vieira, eleito deputado federal pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) no Rio de Janeiro; o cantor e pastor Kleber Lucas, bastante presente no debate público; e a ex-candidata à presidência da república Marina Silva.

especialmente nos bastidores e a partir das relações que mantém com agentes políticos ligados alinhados às demandas dos evangélicos.

Um exemplo da ligação do pastor Raimundo Nonato com políticos, é o seu apoio ao vereador Ricardo Sidel, do Partido Social Democrático (PSD), membro e representante da IENA na Câmara Municipal. Ricardo Sidel teve seu primeiro mandato entre 2016 e 2020, e atualmente está no segundo (2021 - 2024). Neste último assumiu por um breve período de tempo o cargo de deputado estadual na Assembleia Legislativa do Maranhão, na condição de suplente. Ricardo Sidel se considera um político conservador e apoiador do ex-presidente Jair Bolsonaro, e entre suas principais bandeiras está a defesa da família.

A proximidade do pastor Nonato com políticos locais, e sua posição de poder no campo religioso, também tem lhe rendido alguns títulos importantes. O primeiro deles foi o de cidadão imperatrizense, na época conferido ao pastor pelo vereador Rildo Amaral. Esse mesmo político, já na função de Deputado Estadual, também conferiu a Raimundo Nonato em 2023 o título de cidadão maranhense.

Ainda que a presença do pastor Raimundo Nonato e de outros líderes da IENA no campo político seja pequena, o imaginário político destacado pelo líder religioso dessa instituição mostra sua inclinação e adesão ao projeto de poder idealizado pelos evangélicos conservadores no Brasil, que em nível local se consolida mediante a organização política desse grupo religioso a partir de diferentes formas de atuação e frentes de participação política.

Os impactos mais gerais da atuação evangélica na política local não constituem o foco principal desta pesquisa. Contudo, considero que o exposto até aqui seja suficiente para compreendermos a linha política adotada por Raimundo Nonato e sua igreja, assim como o contexto da atuação da IENA no cenário político local.

3.5 A oferta religiosa e o crescimento da Igreja Evangélica Nova Aliança

Vimos no primeiro capítulo que o mercado religioso é configurado a partir do tripé: consumidores, firmas religiosas e estrutura social, descrito por Frigerio (2000) com as categorias ‘indivíduo’, ‘grupo’ e ‘contexto’. Compreender a interação entre esses três elementos é fundamental para entendermos as mudanças estruturais que o mercado religioso atravessa ao longo da história.

A estrutura social é relevante nessa dinâmica devido ao seu poder de influência sobre os indivíduos e as firmas religiosas. Quando ela se torna mais especializada e os consumidores religiosos estabelecem relações de troca com outros sistemas de explicação do mundo social,

então o chamado “racionalismo ou intelectualismo leigo” (WEBER, 2000; BOURDIEU, 2007) tende a exercer de forma mais intensa a sua força nos processos religiosos. No caso das firmas religiosas, a tendência é que respondam a essas tensões reestruturando suas bases organizacionais e ressignificando seus discursos e práticas.

O mercado religioso de Imperatriz é um exemplo desse processo. Conforme já analisamos anteriormente, as mudanças que nele ocorreram (fim do monopólio e hegemonia católica e estruturação do pluralismo) foram condicionadas pelas grandes transformações sociais, tanto em nível nacional, como em nível local, a exemplo da desregulamentação do mercado religioso brasileiro e das ações políticas que contribuíram para o avanço do capital na região, que ao gerar transformações na estrutura socioeconômica, demográfica e cultural da cidade, favoreceram diretamente as mudanças do mercado religioso.

Nessas circunstâncias, a situação que passou a caracterizar o mercado religioso de Imperatriz foi a especialização da oferta, que foi cada vez mais modificada devido a transformação da sociedade local e surgimento de novas denominações religiosas. Essas novas denominações adaptaram seus discursos às demandas de um público cada vez mais urbanizado, inserido em um mercado religioso local e influenciado pelos processos de secularização que ocorreram no país.

A diversificação da oferta religiosa ocorreu, primeiramente, pela diversidade de firmas religiosas operando no mercado mais livre e pluralizado. Nos últimos anos, porém, essa diversificação tem sido caracterizada, como mostra essa pesquisa, pela própria diversificação interna da oferta de algumas firmas neopentecostais, em especial das igrejas em células que, como vimos, ressignificaram determinadas práticas neopentecostais e implementaram novas estratégias de trabalho no mercado religioso local.

Um dos elementos que podemos destacar na oferta neopentecostal, e no trabalho religioso de suas firmas, é a capacidade das organizações neopentecostais agregarem em suas ofertas, magia e religião, e assim ampliarem sua capacidade de atendimento da demanda no mercado religioso local.

Essa característica da oferta religiosa já foi satisfatoriamente abordada por Frigério (1999), e compartilhada também por Carreiro (2007, p. 63) que afirma que as empresas religiosas ofertam no mercado “serviços mágicos de cura, libertação de espíritos e seres sobrenaturais, explicações para os infortúnios dos clientes, bem como para seu sucesso. Oferece ambiente propício para os pais criarem seus filhos, uma comunidade com a qual eles vão se relacionar e criar laços de amizade”.

O quadro da oferta religiosa da IENA reproduz essa tendência, visto que essa igreja agrega em seus discursos e práticas elementos mágicos e religiosos. A face mais racionalizada de sua oferta, inclusive, é bastante específica desse novo contexto que o mercado religioso de Imperatriz atravessa, cada vez mais integrado e receptivo às ofertas e novidades que circulam no mercado religioso nacional.

Do ponto de vista da gestão institucional, a configuração dessas ofertas acontece mediante a adoção de um modelo que integra formas de dominação carismática e oferta de magia com um gerenciamento direcionado ao crescimento institucional. Ou seja, estamos falando, por um lado, de instituições que ofertam magia, mas que por precisarem sobreviver no mercado extremamente competitivo, adotam estratégias racionalmente orientadas para gestão dos fiéis e da própria organização.

De modo geral, o conjunto da oferta religiosa da IENA, abrange: os programas de cura e libertação, através dos cultos de campanha de quarta-feira, do encontro com Deus, do Seminário de Intensivo de Cura Interior e da Escola Integral para Formação de Libertadores formam, que somados formam o quadro dos compensadores específicos e gerais ofertados pela IENA. Tanto o encontro com Deus, como a EIFOL e o SILCI, formam um conjunto de explicações que validam as práticas e rituais de libertação e cura interior na IENA. Sua eficácia, por outro lado, se legitima na medida em que essas representações encontram sentido e valor na estrutura sociopsicológica dos consumidores de bens religiosos.

Seguindo essa lógica, a oferta mágico-religiosa da Igreja Evangélica Nova Aliança inclui uma diversidade de serviços, dentre os quais eu destaco: cura divina; milagres; prosperidade financeira; salvação; libertação; cura interior, e socialização decorrente da filiação à igreja. Essa diversidade da oferta religiosa da IENA lhe permite atender diversos segmentos do público consumidor de bens religiosos, de modo que seu campo de atuação e trabalho se estende dos espaços mais centrais e urbanos da cidade, até os bairros mais periféricos e localidades mais rurais.

O culto de campanha, realizado na rede de igrejas Nova Aliança às quartas-feiras e às quintas-feiras, foi o momento em que pude observar de forma mais evidente a oferta de cura divina, milagres. À frente deste trabalho está a pastora Maria de Fátima, prestigiada na IENA como profeta. Ela dirige os cultos de quarta-feira na Nova Aliança Ágape e de quinta-feira na Nova Aliança Moriá, onde exerce a função de pastora. As principais informações que obtive sobre esse tipo de oferta são resultado de observações que fiz dos trabalhos que essa pastora realiza nessas duas igrejas.

Em um dos cultos realizados na Nova Aliança Moriá³⁸, a pastora Maria de Fátima apresenta o propósito dos cultos de campanha:

Nós estamos num culto de milagres, onde Deus opera milagres (...), continuando assim com a campanha que começamos lá no começo do ano, que tem esse tema “quebrando as muralhas”. Nós colocamos aqui: reconstruindo sonhos, restauração, restituição, reviver e renovar, na vida espiritual, na financeira, na conjugal, familiar, profissional, libertação e curas (Igreja Nova Aliança Moriá, 2020)³⁹.

Nos cultos de campanha o fiel é ensinado a realizar campanhas de oração em áreas específicas para receber de Deus as bênçãos de que necessitam. Durante as campanhas, a busca por milagres pode assumir práticas diversas, tais como: confissões positivas, orações por objetos e realização de atos proféticos. Esses últimos verifiquei pessoalmente no culto de campanha “portas abertas” na Nova Aliança Ágape, onde presenciei a entrega de chaves ungidas, fiéis levando camisas, fotos, carteira de trabalho e bilhetes com pedidos de oração, e pessoas passando por uma porta colocada em frente ao palco da igreja como símbolo de acesso às “portas de bênçãos” que seriam abertas por Deus.

No pentecostalismo como um todo as práticas de libertação alcançaram proporções inéditas, especialmente na IURD, onde houve a exacerbação das práticas de libertação. A partir dos anos de 1990, com ascensão de igrejas como Renascer em Cristo e Sara Nossa Terra, as práticas de libertação mediante o exorcismo foram reduzidas e associadas à cura interior. Para Mariano (2014), essas adaptações ocorreram muito em virtude de a necessidade dessas igrejas desenvolverem novos mecanismos de libertação para seu público de classe média.

A ressignificação das práticas de libertação dessas igrejas, em razão da necessidade de atender sua clientela de classe média, podem ser interpretadas também como um processo de racionalização da oferta neopentecostal, a partir da apropriação de novos mecanismos explicativos para questões e dilemas da vida, sem, contudo, romper com as velhas crenças neopentecostais de possessão demoníaca.

Na Igreja Nova Aliança, por exemplo, os encontros com Deus, a EIFOL e o SILCI, como já mostramos, são alguns dos programas que utilizam métodos e técnicas que dão aos discursos e práticas pastorais um caráter mais “inteligente”, se afastando das velhas práticas exorcistas bastante comuns na IURD.

³⁸ A Igreja Evangélica Nova Aliança Moriá está localizada na Avenida Industrial, bairro Santa Rita.

³⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VE6RwJPnOOo&t=634s>. Data de acesso: 14/01/2024

A base teológica que fundamenta essas novas práticas pastorais é a crença de que a doutrina da salvação abrange o espírito, a alma e o corpo. O espírito seria a dimensão humana regenerada pela conversão, e alma e o corpo as que precisam passar por processos de libertação e cura.

Nessa concepção, mesmo tendo “nascido de novo”, o cristão pode apresentar problemas de ordem emocional e comportamental que o impede de vivenciar os benefícios que a salvação o pode conceder. No entanto, ao invés de serem submetidos a rituais de expulsão de demônios, participam de seminários e cursos de libertação e cura interior, onde aprendem que seus problemas emocionais e relacionais de traumas passados são decorrentes de transmissão geracional de males que quando não cancelados mantém as pessoas numa condição de sofrimento.

Ainda que exista toda uma ritualística para o cancelamento desses males, o foco está na orientação, aconselhamento e conscientização das pessoas sobre o porquê desses problemas, promovendo assim uma espécie de esclarecimento e “autoconhecimento” para que através da observação de determinados princípios e preceitos elas possam cultivar uma vida abundante em Deus. Apesar do caráter inovador dessa modalidade de libertação e cura interior, trata-se, no entanto, de algo fluido, tendo em vista que a crença na maldição hereditária se mantém presente no vocabulário religioso.

Durante os cultos é comum pessoas darem testemunhos de bênçãos recebidas, tais como: testemunhos de cura divina, superação de problemas de ordem emocional, conquista em vaga de emprego e de bênçãos financeiras. Para o fiel, é uma forma de mostrar o favor recebido de Deus, e para a igreja, um mecanismo que fortalece e estimula o engajamento dos fiéis nos atos de fé ensinados pela IENA.

Os testemunhos de bênção financeira são recorrentes. Como exemplo, cito o depoimento de um membro na Conferência Homens de Verdade, no qual relata ter superado a falência financeira e quitado suas dívidas após receber a confirmação de Deus para doar uma moto para obra missionária. Após o ato de fé, ele comenta a forma como foi retribuído por Deus:

Deus me honrou de forma sobrenatural. Três meses depois eu pago todas as minhas contas que eu não tinha projeto nenhum, nenhuma perspectiva de pagar conta, nem de trabalhar. Deus me honra, eu pago os 120 mil reais que estava devendo, Deus abre as portas, Deus me dá carro, Deus me dá uma mansão que nunca sonhei de estar dentro hoje (...). E nesse intervalo eu fiz assim, senti de Deus (...) de tudo que ele me desse eu ia dar o dízimo e ia tirar mais 10 por cento de tudo que ele me desse. Num ano Deus me deu um carro de 100 mil, tirei 10 mil pra Deus, tirei o dízimo e mais 10 mil. Deus me deu uma casa de 400 mil tirei 40 mil pra Deus e 40 mil de dízimo (...) irmãos

não faltou nada pra mim, Deus me abençoou (...) estou bem com o Senhor isso é uma alegria imensa para mim, me sinto um homem realizado hoje, um homem de Deus, um homem de verdade (Igreja Evangélica Nova Aliança Esperança, 2024)⁴⁰.

Testemunhos como este revelam a estreita relação da IENA com o evangelho da prosperidade, que, grosso modo, ensina que mais que a vida eterna no mundo vindouro, Deus tem promessas de conforto e prosperidade para seu povo ainda nesta vida. Os meios para alcançar essas promessas é a fé do cristão e sua fidelidade nas contribuições dos dízimos e ofertas, que mostra que sua vida é governada por Deus também no âmbito das finanças.

Ainda que o discurso seja de que os fiéis não são obrigados “devolver” o dízimo, exceto os líderes, essa prática assume um caráter obrigatório na medida em que a IENA ensina que entregar o dízimo é um ato de fidelidade, amor e obediência do crente, e que não devolver o dízimo, além de ser um sinal de apego ao dinheiro por parte do não dizimista, pode resultar também em males na sua vida financeira e até física. Por outro lado, ser fiel nos dízimos e ofertas é uma forma do crente viver uma vida de prosperidade financeira e ao mesmo tempo ter suas finanças protegidas por Deus.

Durante os cultos, o momento da contribuição financeira é sempre precedido por uma palavra visando motivar os fiéis a ofertarem. Entretanto, para desenvolver uma mentalidade sobre o dinheiro com uma benção de Deus, a IENA realiza cultos sobre finanças, onde ensina princípios sobre como alcançar uma vida de prosperidade através do desenvolvimento de um comportamento religioso que favorece a prosperidade nos negócios⁴¹.

O processo de filiação religiosa é o principal meio dos fiéis acessarem os serviços religiosos da IENA. Além de ter acesso a toda gama de explicações religiosas, a filiação lhes permite obter benefícios que só podem ser alcançados mediante a filiação. É praticamente impossível, por exemplo, alguém ser membro da equipe de dança, do grupo de teatro, do coral, ou fazer parte do grupo de músicos sem estar filiado à instituição. Apesar do custo que é desenvolver essas atividades, os fiéis as realizam em virtude de sentirem que estão usando suas habilidades a serviço do reino de Deus.

A filiação é também o caminho para o fiel ser inserido no ambiente de sociabilidade da igreja, através das atividades recreativas realizadas pelos departamentos, mesclando atividades religiosas e recreativas. Entre os principais eventos estão os acampamentos, realizados especialmente pelo Aliança Kids, Aliança Teen e Aliança Jovem. Além de serem instrumentos

⁴⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bkL9cyISJ2o>. Data de acesso: 14/01/2024.

⁴¹ Um desses cultos foi transmitido no canal do *YouTube* da Igreja Nova Aliança Ágape e pode ser conferido em: https://www.youtube.com/watch?v=K6_O1a5FvSI. Data de acesso: 14/01/2024.

de socialização, esses acampamentos são uma forma da igreja manter a retroalimentação religiosa objetivando estimular o engajamento dos seus membros.

Esses mecanismos de socialização religiosa possibilitam ao membro desenvolver o sentimento de pertencimento e identificação com a instituição. Participar da IENA, nesse sentido, é fazer parte de um grupo social onde é possível criar laços de amizade, construir memórias, desenvolver habilidades e cultivar um estilo de vida em consonância com suas crenças e valores.

Um fator que chama atenção é que grande parte dos eventos religiosos realizados pela IENA são cobrados. Existem taxas para encontros, seminários, cursos, escolas, conferências e acampamentos. Os valores variam, e podem chegar até 5.400 reais, como no caso da EIFOL. Para o membro, pagar por tais eventos é uma forma de realizar um investimento para sua vida e um caminho para obter mais conhecimento e crescimento espiritual.

Nesse cenário, um dos principais fatores para o crescimento da Igreja Evangélica Nova Aliança no mercado religioso de Imperatriz, foi sua capacidade de construir uma sólida estrutura organizacional, para a partir de suas frentes de trabalho, comandada por sua elite religiosa, reproduzir discursos, crenças e práticas religiosas capazes de estabelecer uma “relação de sentido” entre os consumidores religiosos e a oferta religiosa da IENA.

O crescimento da IENA no mercado religioso de Imperatriz, portanto, não foi meramente um processo automático, isto é, fruto simplesmente de um automatismo religioso resultante da combinação da demanda e da oferta religiosa. Trata-se na verdade de um processo racional e muito mais complexo, que envolveu toda dinâmica do trabalho religioso da instituição e toda estrutura que ela criou para ofertas seus serviços e bens religiosos.

O fato desse crescimento ocorrer em um contexto diferente daquele em que cresceram as principais firmas pentecostais da cidade, ou seja, nas primeiras duas décadas do século XXI, demonstra como sua oferta religiosa encontra um público carente de novas propostas e serviços religiosos.

Embora outras denominações neopentecostais, como a Comunidade Shalom e a Comunidade Nova Vida, busquem atender essa demanda, apenas a IENA, com sua complexa estrutura organizacional e rede de líderes especializados, conseguiu suprir essa necessidade de forma mais abrangente, o que a elevou à posição de maior denominação neopentecostal da cidade de Imperatriz.

O início da trajetória da IENA no mercado religioso de Imperatriz, no entanto, não foi tão pacífico. Os demais grupos, ao verem a IENA despontar no mercado religioso, logo trataram

de estabelecer juízos de valor sobre o trabalho do pastor Raimundo Nonato, e classificavam a IENA como “igreja mundana”.

Tais críticas refletiam o ambiente que marcava o mercado religioso brasileiro, especialmente devido às muitas cisões das igrejas tradicionais em virtude da “febre” da visão celular, ainda hoje vista por muitos líderes tradicionalistas como algo que ameaça as sólidas tradições de suas igrejas.

Apesar das tensões e conflitos, o mercado religioso de Imperatriz foi receptivo à oferta religiosa da IENA, e seu crescimento foi ocorrendo gradualmente. Após cinco anos de fundação já contava com aproximadamente 2.500 pessoas. Após oito anos esse número subiu para cerca de 4.000 membros com aproximadamente 400 células em atividade (SOUZA, 2014).

Ao completar 13 anos de fundação, seu total de membros estava entre 7.000 e 8.000 pessoas. Apesar da igreja não possuir um registro oficial do seu número de fiéis, a estimativa de alguns dos entrevistados, incluindo o pastor Raimundo Nonato, é que o número total de filiados da IENA ultrapassa os 10.000, apenas na cidade de Imperatriz⁴².

Com o desmembramento da Igreja Nova Aliança Esperança, que passou a ser um ministério autônomo, agora sob o nome de Igreja Esperança, certamente esse número de fiéis sofre uma leve redução. Falo com mais detalhes sobre essa cisão no tópico seguinte.

O crescimento da IENA ocorre nos níveis local, regional, nacional e internacional. No total, são 155 igrejas implantadas. No Brasil, ela está presente nos seguintes estados: Bahia, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

Apesar de tamanho crescimento, a grande maioria das igrejas da IENA estão implantadas no estado do Maranhão, sendo a cidade de Imperatriz o grande centro do seu crescimento. Nesta cidade até a presente realização desta pesquisa conseguimos verificar a IENA com um quadro geral de 23 igrejas, distribuídas conforme mostra a tabela abaixo:

Tabela 4- Rede de igrejas Nova Aliança em Imperatriz- MA

IENA	Bairro
Ágape	Mercadinho
Adonai	Parque Santa Lúcia

⁴² Os números sobre a quantidade de membros dessa firma religiosa foram obtidos através de depoimentos e entrevistas com líderes da IENA e de uma pesquisa realizada por Souza (2014). Até o presente momento o IBGE não publicou o censo de 2022 de onde poderíamos extrair e analisar os dados sobre a filiação religiosa da cidade de Imperatriz.

IENA	Bairro
Betel	Parque Santa Lúcia
Bom Pastor	Vila Ipiranga
Casa de Deus	Bom Jesus
Casa de Oração	Residencial Cidade Nova
El Shaday	Vila Parati
Emmanuel	Ouro Verde
Estrela da Manhã	Parque Alvorada
Fonte da Vida	Vila Esperança
Jeová Rafah	Sebastião Regis
Kadosh	Nova Imperatriz
Leão de Judá	Vila João Castelo
Luz da Vida	Parque Independência
Moriá	Santa Rita
O Caminho	Beira Rio
Príncipe da Paz	Itamar Guará
Redenção	Vila Lobão
Rei da Glória	Parque Planalto
Rei dos Reis	Jardim das Oliveiras
Rocha Eterna	Bom Jesus
Verbo da Vida	Lagoa Verde
Vida	Esperantina II

Fonte: Igreja Evangélica Nova Aliança.

Conforme a tabela, a expansão territorial da Igreja Nova Aliança em Imperatriz acontece tanto nos bairros próximos ao centro da cidade, como nos bairros periféricos e na zona rural. O que mostra que sua oferta religiosa circula entre pessoas de diversos grupos e classes sociais. Em regra, a implantação de igrejas ocorre primeiramente através da criação de uma célula, que ao ser multiplicada e atingir um número considerável de membros, transforma-se em igreja.

Apesar de não termos construído o perfil etário dos membros, a partir das observações de campo, pude verificar que se trata de público heterogêneo. A forma como seus cultos são configurados é uma amostra disso. O público dos cultos de quarta e domingo, por exemplo, apresenta maior diversidade de pessoas, agregando crianças, jovens e adultos. Já os cultos de sábado são frequentados quase exclusivamente pela juventude da igreja.

Relativamente à questão socioeconômica, há também grande diversidade. As maiores igrejas que agregam grande público de classe média estão estabelecidas nos bairros mais próximos ao centro da cidade. A principal delas, conforme já citamos, é a igreja “mãe” Nova Aliança Ágape. De modo geral, o público que frequenta a IENA é bastante diversificado. Devido a falta de informações sobre a composição socioeconômica dos seus fiéis não é possível analisarmos de forma mais detalhada essa questão.

As igrejas mais periféricas, agregam pessoas de condições sociais menos favorecidas economicamente. Apesar das diferenças de estrutura das igrejas, o padrão dos trabalhos é o mesmo, com diferenças evidentes apenas no estilo de pregação dos pastores e na ênfase em uma ou outra prática religiosa.

As congregações da IENA situadas nos bairros mais periféricos concorrem diretamente com congregações de outras firmas religiosas, especialmente da IEADI. Marcar espaço nesses bairros contribui para o recrutamento de grupos de consumidores que estão em busca de novas experiências religiosas, que encontram nos serviços religiosos oferecidos pela IENA um padrão de discursos que fazem sentido às suas buscas espirituais.

O processo de filiação religiosa na IENA, segue basicamente o modelo já desenvolvido por Mariano (MILLER, 1997, *apud* MARIANO, 2001), que destaca pelos menos três meios pelos quais os consumidores de bens de salvação se filiam as organizações religiosas. São eles: conversão e recrutamento; proselitismo e transmissão geracional da religião.

Até onde observei, o processo de transmissão geracional é visivelmente trabalhado nos grupos *Aliança Kids* e *Aliança Teen*, visto que ambos, em especial as crianças, são levados à igreja pelos pais. Todos os trabalhos realizados por esses dois ministérios (cultos, conferências e acampamentos) acontecem visando transferir às crianças e adolescentes os valores cristãos, que na teoria do mercado religioso também são pensados como elementos que constituem a oferta das firmas religiosas, vistas pelos consumidores religiosos como importantes espaços de socialização de seus filhos.

A conversão e o recrutamento, por outro lado, ocorrem através do evangelismo pessoal, dos trabalhos em células e dos encontros. A conversão especificamente, se manifesta através da alteração do comportamento da pessoa convertida, e agrega elementos como a fé, arrependimento, renúncia e separação do mundo. Em outras palavras, representa, por parte do convertido, sua rejeição ao mundo profano e entrada nas dimensões da vida cristã, que lhe permite acessar os bens de salvação e cultivar uma vida de comunhão com Deus e com sua comunidade de fé.

Um dos diferenciais da Igreja Nova Aliança nesse aspecto, é sua flexibilização do caminho da salvação, especialmente na questão dos usos e costumes. Nesse sentido, não é raro ver membros, inclusive pastores, de cabelos crescidos, tatuados, usando brincos, alargadores e outros adereços. Da mesma forma, a mulher crente, cultiva maior liberdade, tendo autonomia para usar roupas despojadas, adereços e enfeites sem sofrer nenhuma repreensão da liderança.

Essa postura é representada no discurso de que a IENA é um lugar de “amar a Deus e amar pessoas”.

Na esfera da moralidade, no entanto, a igreja adota uma postura mais rígida, manifestando-se contra a prática do sexo antes do casamento, da participação dos fiéis em eventos mundanos, do consumo de bebidas alcoólicas ou outros tipos de drogas lícitas e ilícitas. Por outro lado, para conservar o fiel leal aos ideais da instituição, dispõe de rede de conselheiros e mecanismos de apoio e ajuda emocional e espiritual. No âmbito da disciplina eclesiástica assume uma postura branda, com ênfase no amor e perdão. Aos que fazem parte da liderança, as cobranças são mais rígidas, visto que ocupam posição de destaque e prestígio, sendo vistos como modelos pelos fiéis da igreja.

Ainda que não abra mão do discurso da salvação no além mundo, a IENA se equipara às demais firmas neopentecostais, adotando uma ética intramundana, isto é, pregando a felicidade terrena como algo que pode ser alcançado pelos fiéis através da sua participação na vida abundante, quando governada por Deus; e no desenvolvimento da vida cristã que adota o evangelho como uma prática e estilo de vida, sem contudo regular de forma tão exacerbada o comportamento humano nos moldes do pentecostalismo clássico.

Por mais que esses elementos possam ser analisados em tópicos específicos, a escolha por citarmos de modo resumido aqui justifica-se por entendermos que grande parte da clientela da Igreja Evangélica Nova Aliança justifica sua pertença a essa igreja em virtude da forma como ele executa seu trabalho eclesiástico e pastoral, focando mais no cuidado e gestão de pessoas, do que no estabelecimento de um padrão rígido em questões que envolvem os usos e costumes, visto que para essa igreja os sinais de uma vida convertida ao evangelho não se manifesta necessariamente na proibição do uso de roupas extravagantes, adereços, tatuagens ou outros meios de regulação que refletem no modo de viver dos fiéis.

Em contrapartida, para IENA, os sinais da conversão estão mais ligados ao desenvolvimento do caráter cristão, que se expressa nos sinais de santidade manifesto no desenvolvimento de virtudes cristãs ou frutos do espírito, tais como honestidade, justiça, fé, esperança. No imaginário dos fiéis esses sinais são uma espécie de realização do caráter de Cristo na vida da igreja, e se coaduna bem com o seu discurso de ser um “lugar de amar a Deus e amar pessoas”.

Nesse sentido, o grande contingente de pessoas que se filiam a IENA está lá em virtude de encontrarem discursos que respondem a sua busca espiritual, e por entenderem que essa igreja tem desenvolvido importantes programas de cuidado das pessoas, tanto no sentido do

cuidado pastoral para seus membros, como no trabalho missionário e de assistência social que ela desenvolve através do Instituto Lugar de Ajuda.

Esses discursos, somados a toda estrutura da oferta religiosa dessa instituição, constitui-se, portanto, no conjunto de elementos que para os fiéis estão entre as justificativas que os levam a se associarem e manterem vínculos institucionais com a IENA.

3.6 A primeira cisão da IENA: o desmembramento da Igreja Evangélica Nova Aliança Esperança

Durante o período final de produção desta dissertação, um evento importante ocorreu na IENA. Trata-se da primeira cisão da instituição, que resultou no desmembramento da Igreja Evangélica Nova Aliança Esperança, da rede de igrejas administradas pelo pastor Raimundo Nonato.

A Igreja Evangélica Nova Aliança Esperança, que em virtude do desligamento passou a se chamar apenas de Igreja Esperança, está localizada na rua Santa Catarina, bairro Maranhão Novo. O comunicado oficial do seu rompimento com a rede de igrejas da IENA ocorreu oficialmente em agosto de 2024, e foi comunicado pelo pastor Raimundo Nonato em um culto de domingo na Igreja Nova Aliança Ágape:

Meus irmãos, a gente precisa comunicar, é uma coisa que não é boa, mas precisamos falar para você talvez ouvir de mim. Nós temos mais ou menos um mês que temos conversado sobre uma decisão, não é o que eu quero, não é o que eu quis, não é o que planejei e nem sonhei. Mas essa semana o pastor Ricardo Damasceno decidiu deixar o ministério Nova Aliança, e também a Igreja Nova Aliança Esperança que não existe mais, agora é Igreja Esperança (...). Nós tivemos uma reunião, também fomos lá com toda a liderança, fomos além de perdoar, abençoar (...). Quem é da Nova Aliança e quer permanecer vai procurar uma das 25 igrejas da cidade, quem quiser ser da Igreja Esperança vai estar lá (...) (depoimento do pastor Raimundo Nonato na Igreja Nova Aliança Ágape).

Conforme o depoimento, apesar do desmembramento da Igreja Esperança ser oficializado apenas em agosto, o distanciamento entre Ricardo Massay Damasceno e o pastor Raimundo já estava ocorrendo há algum tempo. Situação que ficou evidente com a idealização de um projeto de igreja diferente da visão de Raimundo Nonato, e que ficou evidente após a implantação e crescimento da Igreja Esperança, que até o seu desmembramento, era a segunda igreja mais importante da rede de igrejas da IENA em Imperatriz. Esses elementos são evidências que certamente confirmam a gradativa transição de Ricardo Massay da posição de liderado do pastor Raimundo Nonato para a posição de concorrente direto.

Ricardo Massay, além de pastor, é advogado, mestre em pregação e casado com a psicóloga e pastora Jacilene com quem tem três filhos. Sua trajetória na IENA se iniciou ainda no período de fundação da igreja, pois ele estava entre os fiéis que se desligaram da PIBI e seguiram o pastor Nonato no projeto da IENA.

Comentando sobre sua vida religiosa, afirma que desde de cedo conviveu com familiares de diferentes segmentos cristãos, como católicos, pentecostais e protestantes históricos. Convivência que foi importante para formação da sua vida espiritual. Não por acaso, em virtude de sua trajetória de vida religiosa, se declara um pastor de fronteira, que dialoga com diferentes tradições de fé, sem, no entanto, perder de vista o seu ideal e identidade construída a partir de suas vivências.

Sobre suas experiências espirituais, revela que em 2002 teve uma experiência pessoal com Deus que modificou radicalmente sua vida. Vejamos o seu comentário sobre esse evento:

Enquanto estava ministrando com meu amigo Daniel Alencar na Clínica Pastoral, em Contagem (MG), algo inexplicável aconteceu. Durante uma canção, fui tomado pela certeza de uma presença muito forte naquele lugar. De repente, simplesmente me vi confessando todos os pecados de que conseguia me lembrar e, apesar de aquilo ter durado apenas alguns minutos, minha percepção é que Deus estava me ouvindo e falando comigo havia horas. Fui profundamente tocado pelo Espírito Santo e, pela primeira vez na vida, posso dizer, sem dúvida, que ouvi Deus falar comigo (...). Naquele dia, o Espírito Santo descortinou um mundo espiritual inédito para mim. Percebi que, a partir dali, passei a ler a Bíblia de modo totalmente diferente (MASSAY, 2021, p. 43).

O valor desse relato está no fato de evidenciar como essa experiência espiritual de Ricardo Massay foi importante para a legitimação do seu ministério, sendo, portanto, um elemento que confirma sua “chamada” e “vocação” ministerial.

O fato de essa experiência acontecer antes da fundação da IENA também é relevante, pois mostra como, paralelamente ao pastor Raimundo Nonato, Ricardo Massay também construía sua posição de poder, o que o colocaria como concorrente direto do pastor Nonato.

Ricardo Massay, sem dúvida alguma, foi um dos líderes importantes no processo de crescimento da Igreja Nova Aliança na cidade de Imperatriz. Durante os anos em que permaneceu na IENA foi pastor da rede Aliança Jovens, e um dos idealizadores da conferência *Correndo na Contramão* que chegou a reunir quase 4 mil jovens durante sua realização. No período em esteve na liderança da rede de jovens, o número de membros dessa faixa etária apresentou um pujante crescimento, chegando a contar com cerca de 200 células em atividade.

Além de atuar como pastor da juventude, Ricardo Massay também foi integrante do ministério de louvor, tesoureiro, administrador, e membro do conselho da IENA. Após fundar a Igreja Evangélica Nova Aliança Esperança, no ano de 2019, passou a se dedicar exclusivamente ao ministério pastoral nesta igreja.

A frente da Igreja Esperança iniciou um trabalho com pouco mais de 200 pessoas, grande parte composta por fiéis da Nova Aliança Ágape, incluindo os líderes que atuam diretamente nos departamentos e ministérios auxiliando o pastor Ricardo Massay. Atualmente conta com um público rotativo que gira em torno de 3000 pessoas nos cultos semanais, incluindo crianças, adolescentes, jovens e adultos.

Assim como na IENA, a Igreja Esperança também tem uma forte atuação nas mídias digitais. É uma igreja toda digitalizada, e faz uso das principais redes sociais para divulgação de sua marca e mensagens. Se inscreveu no *YouTube* em 2019, e já conta com mais de 11 mil inscritos e mais de 500 mil visualizações. No *Instagram* são mais de 21 mil seguidores e mais 700 publicações de trechos de mensagens, anúncios e avisos sobre a programação e eventos da igreja.

O público atual da Igreja Esperança é bastante heterogêneo, e abrange pessoas de diferentes condições e posições sociais. Visando atender as necessidades desse contingente de pessoas a igreja investe em programações eclesiais, que além dos cultos semanais, inclui seminários, eventos para crianças, jovens e adultos, além dos encontros espirituais que também acontecem na sede da igreja.

Ainda que a Igreja Esperança seja uma igreja em células, é perceptível seu distanciamento do modelo de igreja idealizado por Raimundo Nonato. Ricardo Massay, por exemplo, mesmo na época que fazia parte da IENA, não mantinha laços estreitos com os programas de libertação adotados pela IENA, tais como aqueles implementados na EIFOL e no SILCI. De igual modo, visando substituir os cultos de campanha e libertação, Massay instituiu a quarta da esperança, com um discurso e linguagem mais racionalizada.

O trabalho com a juventude segue o mesmo ritmo. Os adolescentes, especialmente, são liderados por um pastor visto por eles como alguém “descolado” e jovem. Em alguns cultos usa vestimentas casuais como camisa de time de futebol, boné, calças rasgadas, e acessórios como cordão e brincos. A importância da imagem e linguagem transmitida por esse líder é essencial para recrutar mais jovens e desconstruir a imagem da igreja como uma instituição conservadora e do evangélico com alguém “retrógrado” e “careta”.

A busca por distinção é certamente uma das características do projeto religioso de Ricardo Massay na cidade de Imperatriz. Não por acaso, há da sua parte uma recusa de que sua igreja seja classificada como neopentecostal, provavelmente devido à conotação pejorativa que esse segmento possui entre muitos evangélicos, em especial entre aqueles de igrejas mais tradicionais, como a que Ricardo Massay pertencia antes de sua trajetória na IENA.

O pragmatismo é uma das características do trabalho religioso de Ricardo Massay na Igreja Esperança. Algo que reflete muito de sua visão eclesiológica que compreende a igreja como um organismo vivo, que deve ser “moderna sem ser mundana” e que “precisa de agilidade para não perder as mudanças que ocorrem entre as gerações (MASSAY, 2021, p)⁴³. Visão que torna a Igreja Esperança mais flexível com relação a tradições e costumes considerados empecilhos ao seu crescimento.

Sob essa perspectiva, a Igreja Esperança tem experimentado um crescimento exponencial em Imperatriz, atraindo membros de diversas congregações. Essa expansão significativa indica um dinamismo crescente no cenário religioso local. Não por acaso, o pastor Massay já planeja a construção de um megatemplo, incorporando as mais atuais tendências e inovações observadas em novas igrejas e projetando uma estrutura capaz de acomodar os milhares de fiéis da igreja.

A cisão demonstra, ainda, que, apesar da sólida estrutura de dominação construída por Raimundo Nonato, sua posição de poder na IENA não é, de modo algum, absoluta. Se os conflitos entre líderes de células podem ser facilmente apaziguados, o mesmo não se pode dizer da alta hierarquia da igreja. O desmembramento da Igreja Esperança, que deixou de ser congregação para se tornar concorrente direta da IENA, é um exemplo concreto dessa situação.

Por outro lado, a efetivação da Igreja Esperança como igreja autônoma, e o sucesso que ela tem alcançado em Imperatriz, mostra como o mercado religioso local é dinâmico, tanto no sentido de pluralidades de firmas religiosas com ofertas diferenciadas, como na diversidade do gosto e preferências dos consumidores dos bens e serviços religiosos.

Apesar da saída da Igreja Esperança, a IENA ainda congrega mais de 150 igrejas sob a liderança do pastor Raimundo Nonato. A cisão, no entanto, nos permite compreender melhor as relações de poder existentes no interior da IENA, que, após emergir de uma cisão da PIBI, viu sua própria solidez institucional abalada após a saída de um de seus principais líderes, que até pouco tempo atrás integrava o conselho de pastores da IENA.

⁴³ Ricardo Massay já permitiu, por exemplo, grupos de jovens realizar campeonato de jogos de videogame no espaço de culto de sua comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho analisou o processo de crescimento da Igreja Evangélica Nova Aliança na cidade de Imperatriz, com foco em sua estrutura organizacional e trabalho religioso. Fundamentamos nossa análise na teoria do mercado religioso, que afirma que, assim como nas economias e mercados seculares, a esfera da religião também é marcada pela lógica da oferta e da demanda.

Em mercados monopolizados por uma única firma religiosa, a tendência é que a religião seja imposta por coerção, principalmente porque os monopólios religiosos geralmente contam com o apoio do Estado, que atua em parceria com a empresa monopolista.

Nos mercados religiosos marcados por pluralismo e liberdade religiosa, a concorrência é uma característica central. Nesses contextos, as firmas religiosas são levadas a adaptar suas ofertas às demandas do mercado religioso, a fim de atender à multiplicidade de gostos e necessidades religiosas. Para tanto, elas constroem estruturas organizacionais e empresariais visando atuar com eficiência no fornecimento de seus serviços aos consumidores de religião.

No Brasil, até 1889, o mercado religioso foi monopolizado pela Igreja Católica, empresa de salvação que, por séculos, operou sozinha no mercado em parceria com o Estado. O processo de desmonopolização ocorreu influenciado pelas mudanças estruturais que a sociedade brasileira vivenciou, levando o campo político a intensos debates e à efetivação, no plano jurídico e legal, da implementação da liberdade religiosa no país.

Na esteira dessas mudanças, houve a abertura do mercado religioso e a chegada de várias firmas religiosas. A consolidação do pluralismo religioso, entretanto, ocorreu por meio de intensas lutas e conflitos no campo religioso entre grupos dominantes da sociedade e grupos religiosos marginalizados que buscavam afirmação e legitimidade de atuação, sendo muito importantes para a consolidação do pluralismo religioso no país.

Em Imperatriz, durante anos, a Igreja Católica monopolizou o mercado religioso. O processo de pluralização ocorreu a partir de meados do século XX, em meio às transformações socioeconômicas, período em que diversas firmas religiosas se instalaram na cidade.

No contexto de pluralização do mercado religioso local, o principal movimento a crescer foi o pentecostalismo, especialmente através da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, firma religiosa responsável por dinamizar o trânsito de fiéis católicos para o pentecostalismo.

O neopentecostalismo se instalou na cidade entre o fim dos anos 1980 e o início dos anos 1990, por meio da IURD. Seu crescimento, no entanto, foi pequeno e causou pouco impacto na concorrência religiosa. Esse segmento religioso passou a operar com mais

dinamismo e força a partir do início dos anos 2000, com o surgimento das igrejas em células, que ressignificaram a oferta do neopentecostalismo na cidade.

Apesar do caráter inovador das práticas implementadas pelas igrejas em células no mercado religioso local, há nas práticas dessas igrejas a conservação de velhas práticas religiosas do movimento (neo)pentecostal. Tal fenômeno é uma característica do segmento (neo)pentecostal que em diferentes momentos históricos e contextos socioculturais ressignificam suas práticas religiosas em virtude da necessidade de atender as demandas do mercado religioso (PASSOS, 2005).

Das igrejas representantes desse movimento, a IENA é a que mais tem se expandido no mercado religioso local, a ponto de se tornar a maior igreja em células de Imperatriz, e maior firma neopentecostal da cidade. Sua ascensão a essa posição tem muito do trabalho religioso do seu líder fundador, que com seu grupo de colaboradores tem ampliado o número de templos religiosos da IENA em Imperatriz e outras partes do Brasil e do mundo.

Sua atuação no mercado religioso local e nacional, passa exatamente pela conservação dos velhos elementos do neopentecostalismo, mas ao mesmo tempo pela racionalização dessas práticas, o que torna o seu trabalho relativamente diferente das igrejas que deram início ao neopentecostalismo, tais como a IURD e a IIGD.

O retrato da oferta religiosa da Igreja Evangélica Nova Aliança mostra bem sua adaptação a lógica do mercado evangélico brasileiro. Como já frisamos bastante, sua origem ocorreu num período de intensas modificações do segmento neopentecostal do mercado religioso brasileiro.

A principal novidade implantada pela IENA na cidade de Imperatriz foi a visão celular de crescimento, que no Brasil teve como principais centros de divulgação o MIC, M12 e o MDA. Apesar de diferentes, esses três movimentos têm como base: a organização da igreja em pequenos grupos, chamados de células; realização dos encontros; e a implementação das escolas de líderes.

A IENA aderiu a esse sistema meses depois de ser fundada, adaptado do MIC, M12 e do MDA, sem, no entanto, manter vínculos institucionais com esses movimentos. Como aconteceu com as demais instituições, adaptação do modelo de visão celular pela IENA foi acompanhado pela reprodução do discurso de que cada um membro é um líder em potencial, que ao ser socializado nessa visão, através dos cursos de formação, passa a operar como espécie de “vendedor” da igreja, responsável por “gerar” novos discípulos.

O modelo possui semelhança com o sistema de marketing multinível. Dessa forma, o fiel, assim como o vendedor que operam em empresas que adotam o sistema de crescimento, é responsável por apresentar a visão da igreja no âmbito de suas relações cotidianas, seja na escola, na universidade, no trabalho, nos momentos de lazer ou em qualquer espaço onde o encontra oportunidade para realizar abordagens e apresentar a visão da igreja. A finalidade é recrutar pessoas, e dependendo do crescimento, criar sua própria célula ou rede de células.

O treinamento e a socialização dos filiados na missão, visão e valores da IENA, é um elemento importante em seu processo de recrutamento, que lhe possibilitou ampliar exponencialmente seu poder de arregimentação de pessoas. Juntamente com suas inovações no âmbito da liturgia, do discurso religioso e das práticas de cura e libertação, formam a espinha dorsal do seu *modus operandis* no mercado religioso de Imperatriz, e seu principal diferencial na disputa e concorrência com outras firmas religiosas.

O treinamento e socialização dos fiéis nas crenças e valores da IENA, é também um fator indispensável para que os seus líderes possam desenvolver suas tarefas em conformidade com os objetivos institucionais da igreja.

No processo de formação dos seus líderes, a IENA fornece todas as ferramentas e estrutura necessária para que sua liderança possa apresentar um bom desempenho no exercício de suas funções. Assim, no plano organizacional, a conjugação entre a esfera administrativa e a esfera religiosa foi um dos fatores que permitiu a esta instituição desenvolver de forma eficiente os seus serviços religiosos.

A formação ministerial e pastoral passa pela disposição do fiel ao serviço eclesiástico, seja auxiliando voluntariamente durante os cultos e eventos, ou realizando trabalhos evangelísticos e de aconselhamento, ou seja, se mostrando útil através da prestação de serviços que revelam sua abnegação e comprometimento com os ideais da igreja.

Uma das diferenças da IENA em relação a outras empresas do mercado religioso local está na ênfase que ela atribui à formação do pastor-líder, em detrimento do pastor-chefe. Em outras palavras, a instituição busca formar pastores mais flexíveis e menos rígidos, que atuem no desenvolvimento pessoal de seus liderados. Essa ênfase, paradoxalmente, não visa à flexibilização das relações de poder internas, mas sim à coesão institucional.

Apesar da importância atribuída à formação dos seus membros, nem todas as pessoas que realizam os cursos da IENA são aptas para liderar ou se tornar obreiro, missionário ou pastor, visto que, por se tratar de um trabalho fundamental na mecânica de crescimento da instituição, os cargos de liderança e ministério pastoral só devem ser entregues às pessoas

“vocacionadas” que têm o “chamado de Deus” e são aprovadas pela elite religiosa da instituição.

O Ministério de Ensino, como vimos, é o departamento responsável por desenvolver e ofertar os cursos de formação aos membros da igreja, independentemente de sua vocação para o ministério pastoral, pois o foco da igreja é socializar cada membro na sua visão e valores. Juntamente com o Ministério de Missões, através da base semeadores, e com a Escola Intensiva para Formação de Libertadores, formam o núcleo de treinamento para formação da rede de líderes, missionários e pastores da igreja.

Apesar do valor que a IENA atribui a vocação e chamado espiritual, em se tratando de consagração de pastores, nem sempre há um reconhecimento daqueles que atuam na esfera mais baixa da estrutura eclesiástica. Em outras palavras, nem todos que atuam como líder de células chegam ao topo da elite eclesiástica. Por outro lado, é perceptível que muitos líderes que estão na posição de pastores possuem carreira de prestígio construída na sociedade, atuando como empresário, médicos, advogados entre outras funções.

Com relação a oferta religiosa da IENA, de modo geral, o nosso conhecimento foi construído de forma mais estrita a partir da análise dos cultos, conferências e escolas de formação que ela promove. Entre os trabalhos que analisamos, destacam-se: os cursos de formação, a Escola Intensiva para Formação de Libertadores; Seminário de Libertação e Cura Interior; o culto de fé e finanças; conferência de missões; conferência homens de verdade; conferência correndo na contramão e conferência criativa.

A partir de nossa leitura sobre esses eventos, pudemos identificar práticas como cura interior e libertação, mapeamento espiritual, confissão positiva, atos proféticos, teologia da prosperidade, entre outras. De modo geral, a oferta da IENA pode ser caracterizada como mágico-religiosa, integrando elementos da magia e da religião, além de incluir programas de socialização.

As práticas de libertação e cura interior desenvolvidas na IENA apresentam semelhança com práticas que já vem ocorrendo no mercado religioso brasileiro há algum tempo. Em seus ensinamentos não há a negação da crença na existência de demônios e guerra espiritual, há na verdade, a reafirmação dessas crenças.

Por outro lado, mediante a utilização de novas técnicas de libertação e cura, o trabalho dessa igreja tende a ser mais especializado. Essas inovações indicam um processo de racionalização da oferta de bens de salvação e, conseqüentemente, contribui para o acirramento da concorrência religiosa.

O trabalho da IENA na esfera da assistência social foi um elemento importante para a consolidação do seu capital simbólico e religioso. O investimento em programas sociais não apenas funciona como um mecanismo que fortalece seu trabalho de proselitismo religioso, como também gera impactos diretos no prestígio social dessa firma no mercado religioso local. Especialmente quando consideramos o alto investimento que ela realiza nesta esfera de atuação quando comparada com outras igrejas locais.

De forma geral, a IENA trata suas programações como investimentos para a vida do consumidor religioso. Dessa forma, comercializar vagas nos eventos que ela realiza é uma prática que acontece em toda a rede de igreja dessa firma religiosa. As inscrições nos encontros, cursos, seminários, conferências, escolas e acampamentos não são gratuitas, e os valores podem chegar até mais de 5.000, como é o caso do valor estabelecido para quem deseja participar da EIFOL.

Chama atenção o fato de as vagas serem preenchidas e do público pagarem por esses eventos como algo que de fato representa um investimento para vida. O que mostra a eficácia dessa firma religiosa no processo de fazer dos seus serviços produtos que valem o investimento por parte da sua clientela religiosa.

Na esfera política a participação da IENA tem sido pequena. No entanto já existem representantes dessa igreja na Câmara Municipal de Imperatriz, e apesar do pastor Raimundo Nonato afirmar que atua de forma discreta, é perceptível seu alinhamento com agentes políticos que defendem um projeto de poder estruturado em ideais conservadores, como já mostramos nessa pesquisa.

O crescimento da IENA em Imperatriz, coloca em evidência o dinamismo e a força de outros segmentos religiosos, algo decorrente da situação de liberdade religiosa e pluralismo que tem caracterizado o mercado religioso de Imperatriz a partir da década de 1950. Atualmente, essa condição tem se afirmado cada vez, através de muitos movimentos religiosos, que antes marginalizados, conquistam cada vez seu espaço na concorrência e oferta de bens e serviços religiosos.

Certamente, o avivamento espiritual, que teve início ainda no interior da PIBI, como vimos, foi um elemento chave para o surgimento da IENA. Segundo o imaginário dos que dele participaram, foi o fator que despertou o primeiro grupo de fiéis da IENA para o início de um “novo tempo” sob a liderança do pastor Nonato. O grupo que acompanhou o pastor Raimundo Nonato foi importante para a igreja recém fundada conseguisse estruturar uma pequena elite de líderes para que o seu trabalho religioso fosse implementado

A IENA nesse sentido já surge com uma forma de trabalho, com missão e visão já relativamente bem definidas, que por sua vez se consolidaram a partir da atuação desse pequeno grupo que “comprou” o projeto do pastor Raimundo Nonato, e facilitou a IENA a implementar um padrão de gestão, de trabalho religioso e de práticas religiosas que são retroalimentados mediante a inserção de novas pessoas, recrutadas e socializadas no modelo e visão de crescimento da igreja.

Por outro lado, a recente cisão da IENA, para além de evidenciar as relações de poder existentes no interior da instituição, e a dinamicidade do mercado religioso de Imperatriz, mostra também como o público consumidor de bens e serviços religiosos da cidade é bastante diversificado. Os desdobramentos desse evento, bem como os novos rumos que essa instituição vai tomar são assuntos para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JUNIOR, Jair de. Um Panorama do Fenômeno Religioso Brasileiro: Neopentecostalismo ou Pentecomessianismo. *In Ciências da Religião - História e Sociedade*, p. 146-177. n 2. 2008.
- ALMEIDA, Rafael B. P de. A pregação expositiva na Igreja em célula: proposta prática de uma relação complementar. Dissertação de Mestrado. Faculdade Teológica Batista do Paraná-FABAPAR. Curitiba, 2019.
- BECKER, Bertha Koiffmann. et al. **Fronteira Amazônica: questões sobre a gestão do território**. Brasília: UNB/UFRJ, 1990.
- BEZERRA, Edimilson Rosa. A territorialidade camponesa: os centros agrícolas como um lugar de integração ao capital. Gleba boca da mata/barreirão no município de João Lisboa - MA (1950-1987). Universidade do Vale do Rio dos Sinos- UNISINOS. São Leopoldo, 2018.
- BERGER, Peter. L. **O Dossel Sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.
- BORGES, Marcos de Souza. **Pastoreamento inteligente: O padrão de aconselhamento na libertação**. Editora Jocum Brasil, Almirante Tamandaré, 2018.
- _____. **Josué: O manual da vida abundante**. Editora Jocum Brasil, Almirante Tamandaré, 2021.
- _____. **Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- _____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.
- CABRAL, Maria do Socorro Coelho. **Caminhos do Gado: conquista e ocupação do sul do Maranhão**. São Luís: SIOGE, 1992.
- CARREIRO, Gamaliel da Silva. Análise sócio-desenvolvimental do crescimento evangélico no Brasil. Tese de doutorado. Universidade de Brasília-UNB. Brasília, 2007.
- CARREIRO, Gamaliel da Silva. Democracia Epidérmica: declínio do congregacionalismo e ascensão do episcopado nas igrejas evangélicas brasileiras. In **Missa, Culto e Tambor: os espaços da religião no Brasil**. São Luís - EDUFMA, 2012.

CASANOVA, José. Reconsiderar la secularización: una perspectiva comparada mundial. *Relaciones Internacionales*, Madrid, Núm. 7 Noviembre de 2007, UAM-AEDRI.

CARVALHO, George Araújo; PANTOJA, Vanda. Homens ao público, mulheres ao privado: religião e política no engendramento do plano municipal de educação de Imperatriz- MA. **Revista Humanidades & Educação**, v. 4, n. 6, jan./jun. 2022.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

COMISKEY, Joel. **Crescimento Explosivo da Igreja em Células**: levando seu grupo a crescer e multiplicar. 3ª ed. Ministério Igreja em Células. Curitiba: 2008.

COSTA, Moab César Carvalho. Mudança de ethos do pentecostalismo clássico para o neopentecostalismo. Estudo de caso: a Assembleia de Deus em Imperatriz-MA. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Goiás-PUC. Goiânia, 2011.

_____. **O aggiornamento do pentecostalismo**: as Assembleias de Deus no Brasil e na cidade de Imperatriz-MA (1980-2010). Editora Recriar, São Paulo, 2019.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. Perspectivas das religiões afro-brasileiras no Maranhão. XVIIª Semana Acadêmica e 11ª de Conferências religiosas. IESMA, São Luís, 20/10/2005.

FINKE, Roger, 1990. Religious Deregulation: Origins and Consequences. **Journal of Church and State**, vol. 32, nº. 3, pp. 609-626. Published by: Oxford University Press.

FRANKLIN, Adalberto. **Breve história de Imperatriz**. Imperatriz: Ética, 2005.

_____. **Apontamentos para história econômica de Imperatriz**. Imperatriz: Ética, 2008.

FRESTON, Paul. Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao impeachment. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP. Campinas, 1993.

FRIGERIO, Alejandro. Teorias econômicas aplicadas ao estudo da religião: em direção a um novo paradigma. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais* nº 50: pp.125-144. In **Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS)**. Rio de Janeiro, 2000.

_____. O paradigma da escolha racional. Mercado regulado e pluralismo religioso. **Tempo Social**, São Paulo, v. 20, n. 2, nov. 2008.

_____. A transnacionalização como fluxo religioso na fronteira e como campo social: Umbanda e Batuque na Argentina. **Debates do NER**, [S. l.], v. 1, n. 23, p. 15–60, 2013.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GUERRA, Lemuel Dourado. Mercado religioso no Brasil: Competição, demanda e a dinâmica da esfera da religião. Tese de doutorado. Universidade Federal de Pernambuco-UFPI. João Pessoa, 2000.

GOMES JÚNIOR, Evaldo. Fronteira e reestruturação produtiva na Amazônia Brasileira (2003-2013): um estudo sobre a mudança na hierarquia urbana do município de Araguaína (TO) na Amazônia Oriental. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP. Campinas, 1993.

HALL, Richard H. **Organizações:** Estruturas, Processos e Resultados. Prentice-Hall. Rio de Janeiro, 2004.

LOIOLA, José Roberto Alves. Neopentecostalismo e a Teologia de Gestão: uma leitura sociológica do “ethos” religioso da Igreja Sara Nossa Terra no Distrito Federal (1992-2018). Tese de doutorado. UNESP, Marília, 2020.

LOPES, Augustus Nicodemus. **Apóstolos:** a verdade bíblica sobre o apostolado. Fiel, São José dos Campos, 2014.

MAINWARING, S. 1986. **The Catholic Church and Politics in Brazil:** 1916 - 1985, Stanford, Califórnia: Stanford University Press.

MASSAY, Ricardo. **A igreja ideal:** A importância de mudar permanecendo igual. 1ª ed. GodBooks, Rio de Janeiro, 2021.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais:** Sociologia do Novo pentecostalismo no Brasil. 5ª ed. Edições Loyola, São Paulo, 2014.

_____. Usos e limites da teoria da escolha racional da religião. **Tempo Social**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 41-66, 2008. DOI: 10.1590/S0103-20702008000200003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12578>.

_____. Pentecostalismo no Brasil. Cem anos. In: **O pentecostalismo no Brasil, cem anos depois.** Uma religião dos pobres Revista do Instituto Humanitas Unisinos- IHU on-line. Edição 329, 17 de maio de 2010.

_____. Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira:** a degradação do outro nos confins do humano. Contexto, São Paulo, 2009.

MONTERO, Paula. Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil. **Etnográfica [Online]**, vol. 13 (1) | 2009, posto online no dia 16 março 2012, consultado o 10 fevereiro de 2022. URL: <http://journals.openedition.org/etnografica/1195>; DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.1195>

MOURA, Taianne Maiara Oliveira. *Cisão da Primeira Igreja Batista de Imperatriz- Ma: um olhar a partir da perspectiva dos líderes Batistas envolvidos no conflito*. UFMA 2018.

NASLAUSKY, Ana Luísa Rocha Martins. *Entre flores, espinhos e cruz: etnografia de uma comunidade terapêutica feminina em Imperatriz/MA*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Maranhão- UFMA. Imperatriz, 2021.

NEGRÃO, L. Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 23, n. 2, 2017.

NOGUEIRA, Cláudia Romaneli. Imperatriz: de Vila à Cidade Comercial e Ponto de Apoio no Desenvolvimento Amazônico. **Espaço Aberto**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 129–154, 2013.

OLIVEIRA JUNIOR, Aristides da Rocha. *A gestão estratégica no terceiro setor: estudo de caso numa organização eclesial*. Dissertação de Mestrado. Fundação Getúlio Vargas-FGV/EBAPE. Rio de Janeiro, 2002.

OLIVEIRA JUNIOR, Bezaliel. *Os evangélicos e a política: Itinerários e lógicas do engajamento político de líderes pentecostais da Igreja Assembleia de Deus em Imperatriz- MA*. Dissertação de Mestrado. Imperatriz, 2021.

OLIVEN, Ruben George. **Urbanização e mudança social no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2010.

ORO, Ari Pedro. “Podem passar a sacolinha”: um estudo sobre as representações do dinheiro no Pentecostalismo Autônomo brasileiro atual. *Cadernos de Antropologia*, n 9, p 301- 323. Programa de pós-graduação em antropologia social-UFRGS, 1992.

_____. Transnacionalização evangélica brasileira para Portugal: tipologia e acomodações. **Ciencias Sociales y Religión/Ciencias Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 19, n. 26, p. 14-51, setembro de 2017.

PASSOS, João Décio. **Pentecostais: origens e começo**. São Paulo: Paulinas, 2005.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. Pluralismo Religioso. *In Dicionário para entender o campo religioso*, volume 1. REIS, Livia; et al (Org.). Rio de Janeiro, Instituto de Estudos de Religião, 2023.

RODRIGUES, Antonio Davi Guimarães. *O ethos protestante em igrejas de Imperatriz–MA, nos 500 anos da reforma: estudo de caso*. Assembleia de Deus, Batista, Presbiteriana e Luterana. Monografia. Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão- UEMASUL, 2017.

SALES, Lilian; MARIANO, Ricardo. Ativismo político de grupos religiosos e luta por direitos. **Religião & Sociedade [online]**. 2019, v. 39, n. 02, pp. 9-27.

SERRA. Antonio Roberto Coelho: *A Empresarialização do Sagrado: um estudo sobre a estruturação de igrejas dos protestantismos brasileiros*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC. Florianópolis, 2005.

SILVA, Eulália; CHAVES, Denisson Silva. O princípio da laicidade no processo legislativo municipal: uma análise empírica do município de Imperatriz/MA. *Revista Húmus*, v. 8, n. 24, 2018.

SILVA, Thiago. Filosofia, Igreja e Política: breves considerações sobre a fisionomia políticoeclesial da Igreja Nova Aliança (Imperatriz-MA) na eleição à Presidência da República em 2018. UFMA, 2022.

SOUSA, Bertone de Oliveira. As igrejas Neopentecostais e a redefinição do Protestantismo no Brasil: um estudo de caso em Imperatriz-MA e Araguaína- TO (1990-2013). Tese de doutorado. Universidade Federal de Goiás- UFG. Goiânia, 2014.

SOUZA, José Roberto Ferreira de. Industrialização e desenvolvimento socioeconômico em Imperatriz do Maranhão: exercício de avaliação por meio de índice não tradicional. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Goiás-PUC. Goiânia, 2020.

STARK, Rodney. Trazendo a Teoria de Volta. In **Revista de Estudos da Religião- REVER**, nº 4, pp 1- 26. São Paulo, 2004.

_____. **A Vitória da Razão**. Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o milagre econômico no Ocidente. Lisboa: Tribuna, 2007.

STARK, Rodney; BAINBRIDGE, William Sims. **Uma teoria da religião**. São Paulo: Paulinas, 2008.

STARK, Rodney; IANNACCONE, Laurence. A supply-side reinterpretation of the secularization of Europe. **Journal for the Scientific Study of Religion**, v 33, pp 230-252, september 1994.

TACHIZAWA, Takeshy; CRUZ JÚNIOR, João Benjamim da; ROCHA, José Antônio de Oliveira. **Gestão de Negócios**: visões e dimensões empresariais da organização. São Paulo: Atlas, 2001.

VERAS, Loyde Anne Carreiro Silva. Memórias da Terra de Beulá : a construção de uma vida e produção de um lugar nas autobiografias de Eva Mills. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Paraná- PUCPR. Curitiba, 2017.

VERAS, Rogério de Carvalho. O povo da água: sincretismo e poder no campo espírita de Imperatriz- MA. In **Todas as águas vão para o mar: poder, cultura e devoção das religiões**. São Luís - EDUFMA, 2013.

VIEIRA, Edyneide Rodrigues Lima. Neopentecostalismo e pós-modernidade: um estudo sobre o neopentecostalismo e sua relação com a pós-modernidade na cidade de Imperatriz - MA. Imperatriz: UEMASUL, 2014.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

_____. **Economia e sociedade**. Volume 1, Brasília: Editora UNB, 2000.

_____. **Economia e sociedade.** Volume 2, São Paulo: Editora UNB; Imprensa oficial, 2004.

ANEXOS

Anexo 1 - Módulos do curso EIFOL

Módulos	Conteúdos
O padrão de aconselhamento na libertação	Conceitos básicos em libertação; novo nascimento; conversão da alma; expulsão de demônios; libertação; lei da responsabilidade e lei da herança; situações que inviabilizam a libertação; mapeamento espiritual; processo da restauração.
As raízes da depressão	Auto rejeição e rebelião; a restauração da personalidade; causas orgânicas da depressão; passividade imposta pela perversão sexual; alianças de sangue de caráter iníquo; ligações com o ocultismo quadros agudos de desilusão e perdas.
Aconselhamento familiar	Qual é o propósito bíblico para a família? Quais tipos de famílias existem e como elas afetam nossas vidas? O que seria uma família disfuncional? Quais são os fatores disfuncionais que influenciam o espiritual e o psicológico dos filhos? Quais são as enfermidades e pecados que estão enfraquecendo a saúde funcional da família contemporânea? Princípios e técnicas que ajudam o conselheiro a melhorar seu aconselhamento, discipulado e pastoreio; Como ter uma família comprometida em servir a Deus?

Fonte: produzida pelo autor a partir de dados do site da Jocum Tamandaré.

Anexo 2 - Depoimento sobre a EIFOL

Depoimento dos organizadores	Depoimento dos alunos
A EIFOL é um divisor de águas na vida de qualquer cristão, por aquilo que é ministrado, por aquilo que aprendido, por aquilo que é resolvido na vida do cristão.	A mudança ela é sobrenatural, eu não esperava ser tratada interiormente da forma que foi, mas eu tenho convicção no meu espírito que mesma mulher que entrou aqui não é a mesma mulher que ta saindo, muitas coisas foram curadas, foram destruídas, em áreas que eu achava que não conseguiria vencer, mas Deus ele veio com o bálsamo de cura sobre a minha vida e hoje eu saio hoje daqui mais convicta e curada, tanto curada como para curar outras pessoas.
Então, a EIFOL na verdade pra nós é algo transformador (...), é uma ferramenta que Deus nos deu pra gente poder viver esse desafio que é essa vida lá fora.	A EIFOL marcou a minha vida, marcou a minha história eu adentrei dentro desse lugar sem expectativa, sem esperança e uma determinada essência do que eu era em Deus, e a EIFOL ela resgatou essa essência de uma serva de Deus, de uma mulher cristã, e resgatou algo ainda da minha adolescência, algo que me faz sair daqui com a sensação de uma liberdade pra viver algo novo lá fora.
A EIFOL é uma escola intensiva de formação de libertadores. É uma forma de ferramentalizar pessoas para que elas possam andar com maturidade e profundidade no reino de Deus.	Depois da EIFOL você só continua no caminho de perdição se você de fato não quiser um concerto com Deus.
A EIFOL é muito relevante na vida de um cristão, eu entendo perfeitamente que um cristão ele tem que ser solidificado na fê, ele tem que ser consolidado, e aquilo que é ensinado aqui na EIFOL, sem dúvida alguma faz parte da consolidação de um cristão na sua caminhada. A importância da EIFOL eu digo que é difícil de expressar porque tudo que se diga da EIFOL é pouco. A EIFOL também vai ajudar quem quer ajudar outras pessoas, é só vindo, porque a EIFOL vai nos ajudar nos valores da santidade bíblica resgatando isso, confrontando com essa cultura terrível. A EIFOL vai nos ajudar, como diz o Coty, a 'fechar as portas do fundo da igreja', de tanta gente que chega pra Jesus, ama Jesus, mas que no decorrer da caminhada se esfria por causa da dificuldade de permanecer fiel ao Senhor. Então a EIFOL, é uma ferramenta para abençoar a pessoa, a família, mas para abençoar outros.	Esses foram vinte cinco dias que eu vou levar para toda minha história. Aqui foram estabelecidos marcos e foram dadas ferramentas que eu vou levar comigo por toda minha vida.
Hoje se pedíssemos para qualquer aluno definir o que é a EIFOL em uma palavra certamente veríamos um misto de renovo e gratidão em cada pessoa. Porém por mais tentássemos descrever essa experiência jamais conseguiríamos pois o que vivemos nesse lugar vai muito além da compreensão humana. Vindo de diversas partes do Brasil e do mundo, homens e mulheres, solteiros e casados cada um veio crendo que encontraria respostas para seus propósitos e objetivos, mas a cada ministração o Espírito Santo e Deus nos revelava que estava interessado em tratar com algo muito mais profundo e dia após dia, ministração após ministração éramos remidos em áreas que nem imaginávamos que precisamos de cura, trazendo a cada um de nós um verdadeiro renovo, ressignificando nossos valores e crenças e literalmente transformando nossas mentes. "Sua morte é a nossa alegria!" Nunca imaginávamos que ficaríamos tão felizes ao ouvir essa frase. Nos despidimos de toda estrutura de engano, orgulho e medo, levando para cruz de Cristo os	Aquilo que eu recebi de Deus foi mais do que uma confirmação. E eu creio que esses dias se tornaram um divisor de águas não só na minha vida, mas de todos os alunos que participaram dessa escola.

pecados e traumas que nos assombravam e nos afligiam. Levitas, pastores e membros igualados pela necessidade de se encher todos juntos buscando em Deus como um simples aprendiz, e mesmo sentados na cadeira do amor tínhamos a certeza e a segurança necessária para confessar os nossos pecados uns aos outros sem o medo de sermos julgados por nossos irmãos. Mas na medida que o processo de libertação prosseguia percebíamos que poderíamos até estar livres do julgamento dos homens, mas jamais escaparíamos do tribunal da nossa mente ante a presença de Deus. Literalmente vomitamos tudo que nos aprisionava trazendo a nossa alma um refrigério sobrenatural que fazia com nos sentíssemos verdadeiramente livres. É a EIFOL, uma experiência que não se explica, se vive.	
EIFOL é mais do que uma escola, EIFOL é mais do que um congresso, EIFOL na verdade é uma grande ferramenta de Deus para nossas vidas. Eu tenho certeza que toda pessoa que já fez a EIFOL ela pode definir a sua vida assim: minha vida espiritual e ministerial antes da EIFOL, e minha vida espiritual e ministerial depois da EIFOL. Você que está passando por alguma dificuldade, alguma situação difícil, ou simplesmente quer dar um <i>up</i> na sua vida ministerial, quer ajudar sua congregação, sua igreja, seu pastor, seu ministério, ou simplesmente quer descobrir o seu ministério, eu te convido a se inscrever na EIFOL (...) e no nome de Jesus Cristo você vai provar que (...) um local de uma experiência de um tempo extraordinário, onde Deus vai consertar seu passado, vai trabalhar no seu presente e projetar o seu futuro.	Definição da EIFOL pelos alunos da escola 1. EIFOL em sua só palavra seria alegria no Espírito Santo. 2. EIFOL em sua só palavra: conhecimento. 3. Eu definiria a EIFOL em sua só palavra como favor de Deus, bondade de Deus. 4. Seu tivesse que descrever a EIFOL em uma só palavra seria realinhando propósito. 5. EIFOL em sua palavra: transformação. 6. Descrever a EIFOL em uma só palavra: cura. 7. Descrever a EIFOL em só uma palavra: um divisor de águas.

Fonte: EIFOL- Igreja Evangélica Nova Aliança.

Anexo 3 - Roteiro de entrevista semiestruturada com membros da Igreja Evangélica Nova Aliança

Entrevista de nº 1

1. Você poderia me falar um pouco sobre sua trajetória religiosa na Igreja Evangélica Nova Aliança?
2. Como você conseguiu chegar ao cargo de diretor administrativo no Instituto Lugar de Ajuda?
3. Quantos projetos sociais a Igreja Evangélica Nova Aliança possui?
4. Quem são os mantenedores e quem financia o Instituto Lugar de Ajuda?
5. Quais as práticas e métodos usados nas Comunidades Terapêuticas?
6. Você pode me falar um pouco sobre o Encontro realizado pela IENA?

Entrevista de nº 2

1. O que é o ministério Nova Aliança Criative?
2. Que trabalhos o Nova Aliança Criative desenvolve na Igreja Nova Aliança?
3. O que é a Conferência Criative, e qual sua importância para a Igreja Nova Aliança?
4. Quais são as esferas de influência sobre a vida humana que o Nova Aliança Criative entende ser importante trabalhar na igreja?
5. Na sua opinião, qual o impacto do ministério Nova Aliança Criative na vida dos fiéis da Igreja Nova Aliança?
6. O ministério Nova Aliança Criative é responsável pelo departamento de marketing da Igreja Nova Aliança?

Entrevista de nº 3

1. Há quantos anos você pertence à Igreja Evangélica Nova Aliança?
2. Qual cargo você ocupa na Igreja Evangélica Nova Aliança?
3. Quais os requisitos para ser líder de célula na Igreja Evangélica Nova Aliança?
4. Para você, o que é a EIFOL?
5. Que tipo de mensagens e práticas religiosas são desenvolvidas na EIFOL?
6. A EIFOL, é um curso voltado para cura espiritual ou formação de pessoas para atuarem na área de libertação e cura interior?

Entrevista de nº 4

1. Como foi sua trajetória na IENA até chegar ao Ministério de Missões Nova Aliança (MINA)?
2. Quantos projetos missionários e de evangelização a Igreja Nova Aliança desenvolve atualmente?
3. Quais são os cursos e treinamentos missionários ofertados pela MINA?
4. Quem são os mantenedores da MINA?
5. Quais são as metas de implantação de igrejas para o ano de 2024?

Entrevista de nº 5

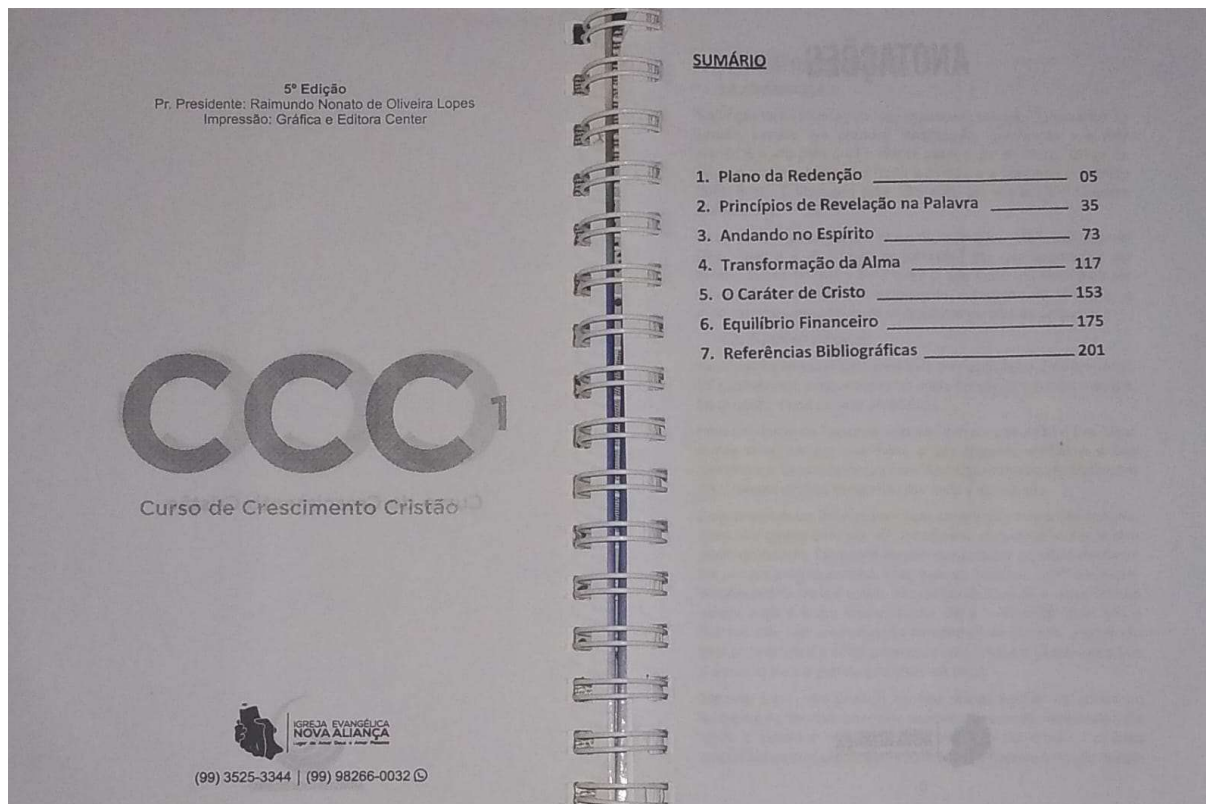
1. Você pode me falar um pouco sobre sua trajetória religiosa antes de fundar a Igreja Evangélica Nova Aliança?
2. Qual sua relação com a instituição Jovens Com uma Missão (JOCUM) e com a EIFOL?
3. Como você conheceu a visão celular de crescimento? Foi antes ou depois de seu vínculo com a EIFOL?
4. Qual o modelo de estrutura organizacional e governo da Igreja Evangélica Nova Aliança?
5. Qual a relação entre as igrejas Nova Aliança, e qual o modelo de cooperação e contribuição financeira entre elas?
6. O que é a Nova Aliança Global?
7. Como é a relação da Igreja Evangélica Nova Aliança com a política partidária?

Entrevista de nº 6

1. Como foi seu processo de filiação à Igreja Evangélica Nova Aliança?
2. Como foi sua trajetória ministerial até se tornar pastor titular da Igreja Evangélica Nova Aliança Esperança?
3. Quantas redes de células compõem a Igreja Evangélica Nova Aliança Esperança?
4. Quantos pastores compõem o quadro de pastores da Igreja Evangélica Nova Aliança Esperança?
5. Quais os principais eventos e programações da Igreja Evangélica Nova Aliança Esperança?
7. Quantos membros a Igreja Evangélica Nova Aliança Esperança possui?
8. Qual a relação da EIFOL com o surgimento da Igreja Evangélica Nova Aliança?

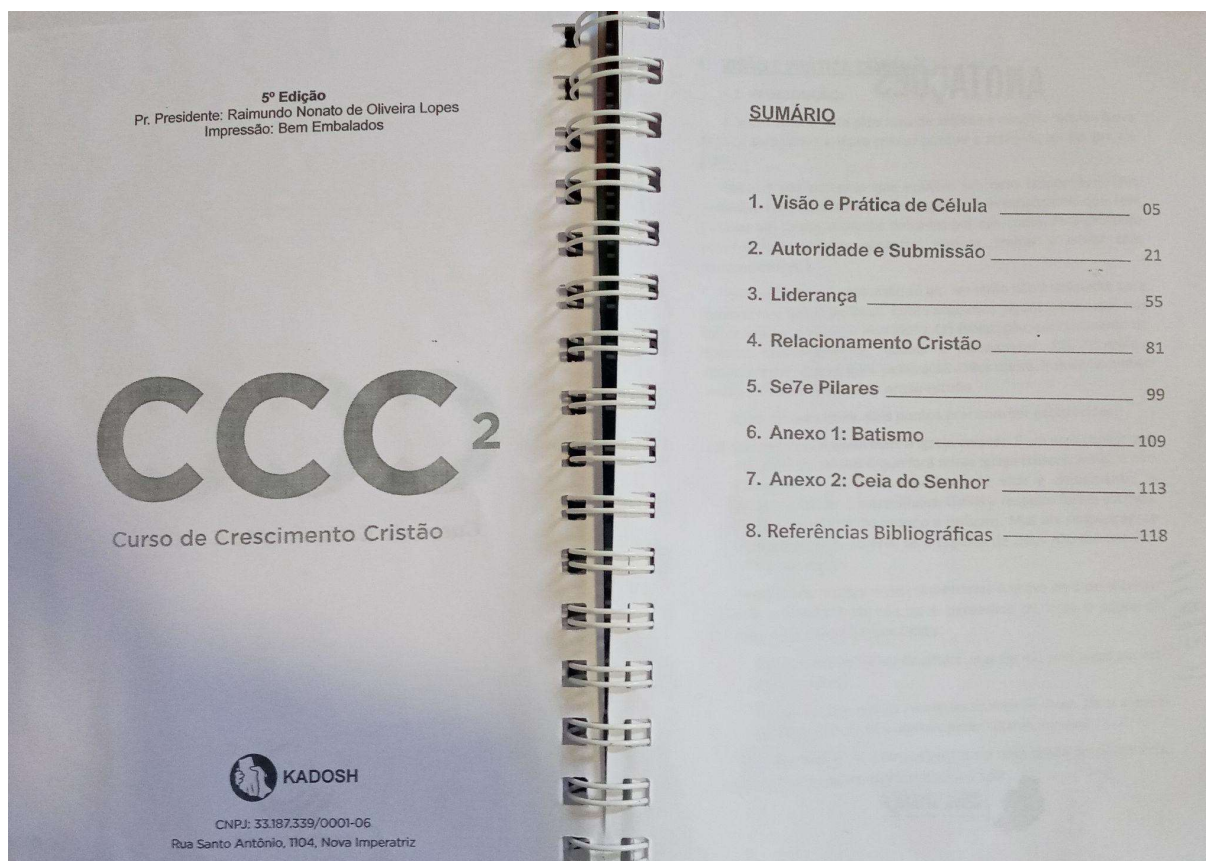
Anexo 4 - Cursos ofertados pela Igreja Evangélica Nova Aliança

Curso de Crescimento Cristão 1 (CCC 1)



Fonte: Igreja Evangélica Nova Aliança.

Curso de Crescimento Cristão 2 (CCC 2)



Fonte: Igreja Evangélica Nova Aliança.

Anexo 5 - Eventos realizados na Igreja Nova Aliança Ágape

Culto na Igreja Nova Aliança Ágape



Fonte: Igreja Evangélica Nova Aliança.

Conferência o cristão e a política

ÁGAPE

PALESTRANTES

Ricardo
Seidel

Nikolas
Ferreira

Dr. Marcos
Paulo

Dr. Raymundo
Nonato

Dr. Ricardo
Massay

ONLINE

CONFERÊNCIA
O CRISTÃO E A POLÍTICA **29/05**
SESSÃO 1 - 16H
SESSÃO 2 - 19H30

Entrada: 1kg de alimento não perecível

Nova Aliança Ágape
Rua Benedito Leite - Centro, Imperatriz - MA

Fonte: Igreja Evangélica Nova Aliança.

Culto de fé e finanças



Fonte: Igreja Evangélica Nova Aliança.

Seminário Intensivo de Libertação e Cura Interior



 **ÁGAPE**

14 A 29 DE JANEIRO

SILCI

SEMINÁRIO INTENSIVO DE LIBERTAÇÃO E CURA INTERIOR
NOVA ALIANÇA ÁGAPE
☞ Rua Benedito Leite, Nº 1103

VALOR: R\$ 30,00
INSCRIÇÕES NA SEDE DA
NOVA ALIANÇA ÁGAPE
☞ Rua Luís Domingues, Nº 1328

Fonte: Igreja Evangélica Nova Aliança.